

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

Entre os Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"

Ano 5 - Nº 33 - Edição Setembro e Outubro 2025

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



REVISTA THE BARD

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

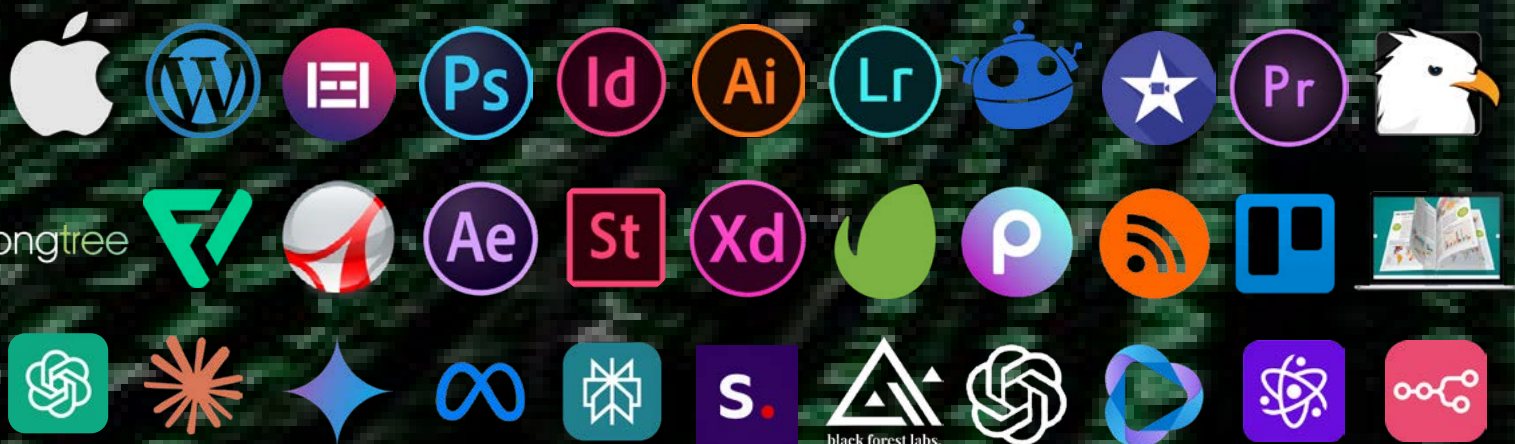
Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente acessível, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e treze Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



the

WOLF BARD
POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL THE BARD NEWS



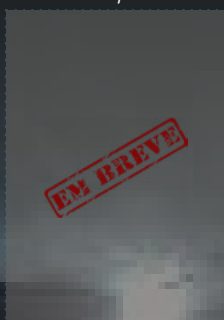


Edição da Revista

ED. SET/OUT 25

Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25



ED. SET/OUT 25



ED. JUL/AGO 25



ED. MAI/JUN 25



ED. MAR/ABR 25



ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24



ED. SET/OUT 24



ED. JUL/AGO 24



ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com imensa satisfação que damos as boas-vindas à 33ª edição da Revista Interativa The Bard. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Dedicamos um espaço aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado de participação nº 1 - Ouro.

Nessa edição o tema da Matéria de Capa é “Entre os Tons do Nordeste: Olhares artísticos do sertão”, mostrando a riqueza da cultura nordestina, por Vanina Sigrist.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil e da Angola.

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também “Frases e Pensamentos”, “Minicontos”, “Contos” e “Crônicas”. Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de “Vitrine The Bard”, prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.



Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
34ª Edição NOV/DEZ 2025



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"



33ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"

34^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE 03 DE AGOSTO À 21 DE SETEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

33ª edição



APOIADOR(A) THE BARD



Entre os Tons do Nordeste: "Olhares artísticos do Sertão"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 33ª edição Setembro e Outubro 2025, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 33ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Fabíola Fabrícia dos Santos Oliveira

Fabíola Fabrícia é escritora, poeta bilingue, colunista, antologista e professora graduada em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas e Pós-graduada em docência do Ensino Superior. Publicou: "Escritos Morgados" (2017); "Reflexões Poéticas" c/ Antonio Lima Martins (2018); "Poesia, literatura de ideias – Poetry, literature of ideas" - bilingue português/inglês (2019); "Lili Brownie"- Infantil - edição bilingue português/inglês (2021); e "Alarido Poiesis" - edição bilingue português/espanhol (2023), "Vinho Poiesis" - edição bilingue português/inglês (2025). A autora tem participações em diversas antologias nacionais e internacionais. Foi convidada a apresentar os seus livros na Feira Virtual Internacional Del Libro Centro América, Peru, Chile e Argentina, entre outras.

INSTAGRAM



Neri Luiz Cappellari

Neri Luiz Cappellari é natural de Santa Rosa, Rio Grande do Sul (RS). É graduado em Arquitetura pela Unisinos, RS. Lançou seu primeiro livro de poesias "Fragmentos" em 2012. É membro efetivo da Academia de Escritores do Litoral Norte (AELN); membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências (ALPAS 21); membro correspondente do Instituto Cultural Português.

FACEBOOK



Pietro Costa

Pietro Costa. 30.06.1981, Brasília/DF, Brasil. Pós-grad. na ESMPU e Ruhr de Bochum/Alemanha. Assessor Juríd. - MPU. Escritor. Poeta. Homenageado de Honra - 94ª Feira do Livro de Lisboa/2024. Dr. h. c. mult. Autor de 10 livros. Venceu o Prêmio Literário Clarice Lispector ZL Books 2024, categoria "Melhor Livro de Poesia", com o livro "SolRidente". Coautor de mais de 300 coletâneas.

INSTAGRAM



Stella Gaspar

Stella Gaspar, nascida em João Pessoa – Paraíba. Pedagoga, professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um PhD na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha. Escritora, poetisa, contista. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus", ao mesmo tempo coautora e autora livros técnicos e didáticos na área das Ciências Humanas. Colunista no Blog da Editora Valleti Books, além escritora. Colunista e pesquisadora da Revista Internacional The Bard. Colunista do "Jornal Internacional The Bard News". Pesquisadora registrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) no Brasil, com afiliação ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Sua obra se expande como coautora em mais de 30 antologias. Atua também como prefaciadora e pós-prefaciadora.

INSTAGRAM



Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



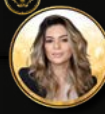
ACESSE A COLUNA



Matéria de Capa
VANINA SIGRIST



ACESSE A COLUNA



Coluna Ágora
MÍA RODA



ACESSE A COLUNA



Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



ACESSE A COLUNA



Autopoesia & Narrativas
STELLA GASPAR



ACESSE A COLUNA



Frases & Pensamentos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



ACESSE A COLUNA



Vida de Autor
LILIAN STOCO



ACESSE A COLUNA



Prosa Poética
JEANNE TERTULIANO



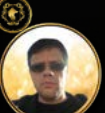
ACESSE A COLUNA



Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



ACESSE A COLUNA



Dialética
CLAYTON ZUCARRATO



ACESSE A COLUNA



Humaniliterar
SUELI LOPES



ACESSE A COLUNA



Grandes Autores
ANGELA DANELUCI



ACESSE A COLUNA



Nossa Literatura -
Vistudes Poéticas
MÁRCIA NEVES



ACESSE A COLUNA



A Língua em movimento
ALINE ABREU SANTANA



ACESSE A COLUNA



Tons do Cotidiano
ADRIANA MOURA



ACESSE A COLUNA



Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ



ACESSE A COLUNA



Inclusão & Acessibilidade
em Foco
SANDRA SANTIAGO



ACESSE A COLUNA



As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ



ACESSE A COLUNA



Raízes de Moçambique
DANY AMADO



ACESSE A COLUNA



Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPÁSIA



ACESSE A COLUNA



Florescendo em
Pensamentos
CRISTINA GOMES

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Literatura de Cordel
BETH DALTAR



ACESSE A COLUNA

Mãe África
FÁTIMA MONIZ



ACESSE A COLUNA

Vai um livro aí?
ARELY SOARES



ACESSE A COLUNA

Caldeirão Cultural
LUIZ SOLRAK LIMA



ACESSE A COLUNA

Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



ACESSE A COLUNA

Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



ACESSE A COLUNA

Nem te conto
FABIANA FRANCISCO



ACESSE A COLUNA

MiniContos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Contos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Crônicas
COLUNA DA REVISTA



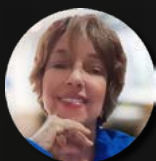
ACESSE A COLUNA

Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



Luciana Fernandes Fujioka
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Redatores Digitais

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



LUIZ SOLRAK
Redator Digital

ACESSE



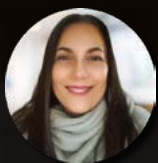
SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras

ACESSE



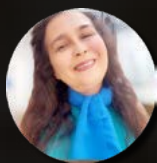
Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



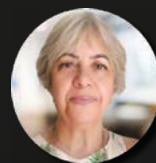
STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



BETÂNIA PEREIRA
Historiadora e Escritora
Revisora

ACESSE



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
Revisora

ACESSE



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
Revisora

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer partido Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer partido Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



COLABORAÇÃO
& PESQUISA

Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



TÔNIA LAVÍNIA
Escritora
Pesquisadora

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer partido Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer partido Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA





Vanina Sigrist



Professora de Ensino Superior na FATEC Baixada Santista, Bacharel e Licenciada em Letras, Mestre e Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Autora do livro infantil *De Quem é a Rua?* (Ed. Tanta Tinta), criadora da Casa na Arte, professora e tradutora de língua francesa, com experiência em curadoria literária e conteúdos sobre arte.



"O Nordeste pulsa África em cada batida, ritmo e raiz — identidade que não se nega, se celebra."



Nosso Nordeste é Nossa África, e disso não podemos abrir mão

2025 é o ano da 36ª edição da Bienal de Arte de São Paulo, a primeira, porém, com um curador geral camaronense e com prevalência de artistas africanos e sul-americanos, e penso que isso diz muito sobre certos rumos que decidimos seguir enquanto humanidade.

O tema *Nem todo viandante anda estradas* – da humanidade como prática

foi motivado por versos da poeta afro-brasileira Conceição Evaristo (do poema "Da Calma e Do Silêncio"), tendo como propósito reunir projetos artísticos que revelem maneiras plurais de estar no mundo e de contar histórias de muitos lugares, fronteiras e ancestralidades, especialmente diversas das colonizadoras ocidentais.

A equipe conceitual liderada pelo Prof. Dr. Bonaventure Ndi-kung, majoritariamente negra e feminina, propôs um conjunto de quatro invocações realizadas em regiões geográficas estrategicamente resgatadas para a trama que pretendiam tecer, e que assim, de relance, podem aparentar certa desconexão: Marrakesh, Guadalupe, Zanzibar e Tóquio. Nesses territórios aconteceram encontros de integrantes da equipe curatorial com ativistas e artistas locais que posteriormente estariam com suas obras expostas na capital paulista, durante os quais se dançou e se cantou muito por meio da execução de ritmos e gêneros característicos de cada uma das culturas e das matizes étnicas e religiosas, fazendo com que a voz e o corpo ecoassem memórias e histórias dos grupos e do ambiente ao redor.

Tais invocações, como foram chamadas, serviram de preparação para o que viria a seguir, um tipo de esquentar para uma bienal de arte com inéditos quatro meses de duração e que investiu pesado em suas publicações educativas e na recepção e instrução de estudantes e professores frequentadores do Pavilhão no Parque do Ibirapuera, como já é de praxe há alguns anos. A exposição é sempre uma oportunidade de se surpreender com obras que não cabem em circuitos tradicionais já consagrados ou espaços em que a interpretação estética e o valor comercial já estão dados, como museus e galerias, e, por isso mesmo, é também a ocasião de investir na mediação entre obra e público, para que se saia com a sensação de que algo foi mi-

nimamente “entendido”.

Falo de Bienal aqui para falar de Nordeste brasileiro, peça-chave desta edição da nossa The Bard. Aproveito, portanto, esse contexto de um evento artístico tão importante na cena cultural global para poder conversar com vocês, leitores, sobre o quanto de ancestralidade, de musicalidade e de ginga africana tem em nosso dendê. Gostaria de brevemente destacar como nossos artistas nordestinos, bem como poetas e romancistas, têm resistido ao longo histórico de violências e incompreensões, mantendo-se em pé, firmes, criativos, cheios de sabedoria e simplicidade, de dores e cores, rumo ao futuro da literatura e da arte contemporânea.



Imagem da Equipe Curatorial por 36.bienal.org



Imagem de Vogue por Google

Falo de Bienal e falo de Nordeste porque nunca havia pensado com tanta contundência as reverberações entre os países de África e a nossa África que cá está, nordestina, baiana, paraibana, alagoana, não fosse um delicioso curso sobre a 36ª Bienal de São Paulo que decidi fazer neste semestre e não fossem as expectativas das sensações íntimas, muito minhas, que quero sentir estando lá. O curso, possibilitado pela parceria entre o Centro Paula Souza, onde leciono, e a equipe educativa da Fundação Bienal, realçou ressonâncias que depois só se intensificaram para mim, e são algumas delas que divido com vocês.

Há ressonâncias, se quisermos, entre a música Gnawa e a tradição oral de som e escuta Halqa de Marrakesh e os tecidos estampados do artista plástico e serígrafo Alberto Pitta para blocos carnavalescos de Salvador, que colorem música e silêncio. Há ressonâncias entre o desequilíbrio do corpo no estilo de dança bigidi guadalupense e os movimentos em jogos de capoeira (presentes, inclusive, em romances de Aluísio de Azevedo e Jorge Amado). Há ressonâncias entre o improviso do gênero musical Taarab na costa leste africana e o improviso alucinante do repente, do cordel falado.



Imagem da obra de Alberto Pitta por Folha - Uol



Imagem de Dança Gwoka por Observer - Google

Há ressonâncias entre as poderosas esculturas afro em bronze da artista baiana Nádia Taquary e a imponência de vestuário, inteligência e estilo do próprio curador geral da Bienal, o Ndikung (claro que aqui há uma exagerada liberdade poética de minha parte, pela qual já peço desculpas, mas sua

presença me parece uma bela personificação de uma entidade africana ancestral). Há ressonâncias entre a delicada denúncia do racismo ambiental das esculturas de Rebeca Carapiá e o elemento terra como origem e combate da instalação Agônica da artista paraibana Marlene Almeida.



Imagem da Escultura de Nádia Taquary por A Tarde - Google

Esses estudos me permitiram adentrar universos pouco explorados por mim até então, visto que venho das letras, não das artes plásticas. Para uma paulista como eu, o Nordeste mais potente que eu havia acessado era Graciliano Ramos. Graciliano é toda uma gramática e toda uma filosofia nascida nele, no sertão de dentro dele, que o escritor tão gentilmente apresentou ao mundo inteiro. Outro grande é Ariano Suassuna, e sua grandeza está justamente em sempre afirmar sua pequenez humana. Ambos se deixaram atravessar pela sabedoria da natureza, pelas complexidades da vida, pelas misérias da existência, sem lhes atribuírem, no entanto, pesos e lamentações. Escancaram realidades com beleza, criam as linguagens que acham necessário criar para tudo o que precisam dizer e sabem que ainda assim não conseguirão dizer por completo. Penso que resumem bem, com seus personagens e cenários tão teatrais e dramáticos, o fluxo de existências, vozes e resistências que a Bienal de 2025 reverenciou.

Afinal, nem todos os retirantes nordestinos que an-

daram estradas encontraram os sonhos que procuravam, e nem todos os viandantes de Graciliano e Ariano andam estradas, porque andam em círculos, porque andam sem se moverem, porque andam na esperança e na desesperança, porque andam mastigando poesia, porque têm de lidar com cachorros e cachorras que lhes impõem grandes dilemas, e não sabem digerir grandes dilemas, não se sentem capazes de.

Estou deixando a talentosíssima Rachel de Queiroz de fora do meu Nordeste? Claro que não. E João Cabral? Calma. Esta é só a primeira entrada na The Bard para um território muito rico e variado, fértil em arte popular, religiosidades, tradições, lendas e danças (não foi emocionante ver o nosso frevo sacudindo o quadril dos parisienses há algumas semanas, nas homenagens ao Brasil e a Belém, sede da COP30?). Que ano este 2025, que ano...

A vocês ótima leitura, e até a próxima!

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

VANINA SIGRIST

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



CONHEÇA O CURSO

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



*Escreva contos e torne-se um **escritor***

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



CONHEÇA O CURSO! >>

CLIQUE AQUI



Sumário



16 **Matéria de Capa:**
Entre os Tons do Nordeste: "Olhares artísticos do sertão", por Vanina Sigris



62 **Vida de Autor**
"A rotina da criatividade", por Lilian Stocco

68
Prosa Poética
por Jeane Tertuliano

72
Mitologias e Crônicas
Entre Deuses e Impérios,
por Ladylene Aparecida

80 **Coluna Dialética**

Os sertões Polifônicos: uma análise de Euclides da Cunha com olhar dialético e estético pluralístico, por Clayton Zocarato

90 **Humaniliterar** 

O jardim infinito das escolhas: percursos e enigmas em Borges, por Sueli Lopes

100 **Grandes Autores**

Carlos Drummond de Andrade: o poeta da alma brasileira, por Angela Daneluci

108 **Nossa Literatura**

Entre os tons do Nordeste, por Márcia Neves

Edição Set/Out 2025

26
Coluna Ágora
Por Mía Koda

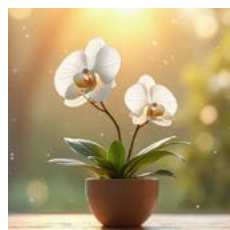
34 **Tudo Sobre Cinema**
Por Claudia Faggi

42 **Autopoiese & Narrativas**
Do Nordeste para o mundo
por Stella Gaspar

54 **História das Artes**
Entre os Tons do Nordeste,
por Betânia Pereira



120 **A Língua em Movimento**
Entre lombo toro e semáforos: nosso caminho até Gramado, por Aline Abreu Santana



126
Crônicas Tons do Cotidiano
por Adriana Moura



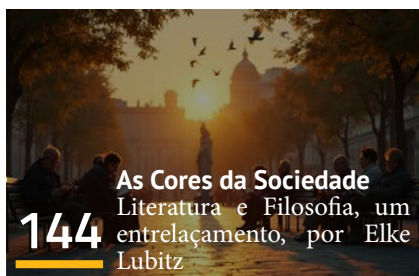
132 **Raízes do Brasil**
Conde da Barca, importante nome à cultura do Brasil,
por Renata Munhoz



140

Inclusão & Acessibilidade em Foco

O Nordeste independente do olhar xenofóbico, por Sandra Santiago



144

As Cores da Sociedade

Literatura e Filosofia, um entrelaçamento, por Elke Lubitz



154



Raízes de Moçambique

por Dany Amado



162

Nau Literária

Por Magna Aspásia

168

Florescendo em Pensamentos

A vida mora no simples, por Cris Gomes

172

Literatura de Cordel

Lampião e Maria Bonita: amor herói e bandido, por Beth Baltar



220

Mãe África



O folclore de São Tomé e Príncipe - Danço congo, por Fátima Moniz



180

Vai um livro aí?

Resenhas de Livros, Por Arely Soares

186

Caldeirão Cultural

O Nordeste como gênese cultural por Luiz Solrak

192

Desnuda em Palavras - Erótico

por Tônia Lavínia

202

Poetas e Poetisas

por Edna Lessa



210

Nem te conto - Minicontos

por Fabiana Francisco



Ficha Técnica



Expediente

Revista The Bard
Ano 5, Nº 33, Setembro e Outubro 2023
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, X, Wattpad, Pinterest

YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Criação IA da Capa: J.B Wolf

Design de Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar, Betânia Pereira,

Cristina Gomes, Márcia Neves

Curadora de vídeos: Tônia Lavínia

Redatores Digitais: Luiz Solrak

Redatora Intérprete de Libras: Sandra Santiago

Representantes Internacionais:

• Representante autorizado em Moçambique

Dany Amado Vasco

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - Vanina Sigris
- Coluna Ágora - Mia Koda
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de Autor - Lillian Stocco
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Coluna Humaniliterar - Sueli Lopes
- Grandes Autores - Angela Daneluci
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- A Língua em Movimento - Aline Abreu Santana
- Crônica Tons do Cotidiano - Adriana Moura
- Raízes do Brasil - Renata Munhoz
- Inclusão e Acessibilidade em Foco - Sandra Santiago
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Coluna Raízes de Moçambique - Dany Amado Vasco
- Nau Literária - Magna Aspásia
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Mãe África - Fátima Moniz
- Vai um livro aí? - Arely Soares
- Caldeirão Cultural - Luiz Solrak
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavínia
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Nemw Te Conto - Minicontos - Fabiana Francisco
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 14 e 15

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

ISSN 2764-9768

SNIIC AG-217193

Revista The Bard

Poesia, arte e música



119 Países



COLUNA Ágora Entrevista



04



POR MIA KODA



Psicanalista, poetisa, criadora de conteúdo digital e escritora. Entre minhas obras, destacam-se “Pânico”, “Nevoeiro”, “Acabou o: mãe, cadê meu tênis?” e “Rios Inter-nos”. Atuo como Redatora Digital da Revista The Bard e tenho a honra de integrar instituições como a FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes e a Academia Penapolense de Letras.

Olá, caro (a) leitor (a),

Nesta edição, a Coluna Ágora traz uma entrevista especial com Débora Lima, uma artista que ilumina a cena cultural e intelectual do Brasil com rara intensidade. Natural de Vitória de Santo Antão (PE), ela é uma mulher plural: especialista em Direito Público, licenciada em Letras, Conciliadora do Tribunal de Justiça de Pernambuco, professora, escritora consagrada com 10 livros publicados e presença marcante em diversas antologias literárias. Mas sua arte não se limita às palavras, também se expressa pelas cores e formas, sendo uma talentosa artista plástica.

Débora integra o corpo de membros da Academia de Letras, Artes e Ciência de Vitória de Santo Antão (AVLAC) e do Instituto Histórico e Geográfico

co da cidade, demonstrando seu compromisso com a preservação da memória e valorização do saber. Sua atuação se estende como revisora do projeto “Chá da Vida” e redatora da revista “Armazém na Estrada”, fortalecendo o diálogo entre arte, cultura e sociedade.

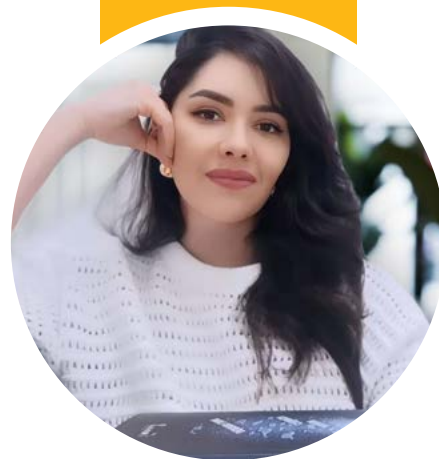
Pelo conjunto de sua obra e contribuições, Débora Lima foi agraciada com o título de comendadora, um reconhecimento merecido por sua trajetória inspiradora, que une sensibilidade artística, rigor intelectual e compromisso comunitário.

Aproveite esta inspiradora conversa!

Débora Lima – Entre livros e telas, uma voz que não se cala.



DÉBORA LIMA, natural de Vitória de Santo Antão (PE), ela é uma mulher plural: especialista em Direito Público, licenciada em Letras, Conciliadora do Tribunal de Justiça de Pernambuco, professora, escritora consagrada com 10 livros publicados e presença marcante em diversas antologias literárias.



ENTREVISTA

1

REVISTA THE BARD - Débora, sua trajetória inspira pela autenticidade e beleza com que transita entre a literatura, a arte e a atuação social. Hoje, temos o privilégio de mergulhar no seu universo criativo e celebrar a força transformadora da sua expressão.

Seja muito bem-vinda!

DÉBORA LIMA - Obrigada, é uma honra poder compartilhar um pouco da minha história como artista com os leitores de uma revista tão relevante no cenário mundial, principalmente porque a partir de uma coluna que trata do mais requintado produto da alma humana: a arte. A meu ver, todo trabalho a serviço da beleza (a forma que confere à obra o estatuto de arte, nas palavras de Adélia Prado), é um trabalho heroico, pois “A arte existe para consolar os que são quebrados pela vida - Van Gogh”.



2

REVISTA THE BARD - Débora, como era a menina que você foi? Que sonhos, curiosidades ou inquietações já moravam em você na infância?

DÉBORA LIMA - Considerando minhas circunstâncias (família disfuncional e pobreza, em dados momentos, extrema), a princípio, sonhava em me sentir bem em casa, em ter uma cama (houve tempo em que eu dormia num colchão no chão), em ganhar brinquedos de presente no natal e não precisar mais sentir medo de passar fome. Depois, já perto da adolescência, quando meu pai conseguiu um trabalho mais estável, passei a sonhar em ser escritora, pois “pintora” eu já era, desde que aprendi a segurar os lápis. Eu queria ser, para outras pessoas, uma voz de consolo, de conforto, um refúgio, enfim, como o que encontrei nos livros da biblioteca da escola, na época mais difícil da minha vida.



REVISTA THE BARD - Imagino que a escrita e a pintura exigem silêncios diferentes. Como é o seu processo criativo em cada uma dessas linguagens?

DÉBORA LIMA - Que linda colocação, mas para ser sincera em minha resposta, a verdade é que escrever e pintar, na minha condição, não exige, promove esses silêncios.

Minha mente vive em constante ruído: preciso lidar constantemente com pensamentos intrusivos, canções que não consigo pausar, preocupações e demandas outras que furtam meu sono e, por conseguinte, minha alegria... Então, quando estou mentalmente exausta, vou pintar, inclusive, muitas vezes, durante a madrugada. E é quando consigo me esvaziar e, em silêncio, minha mente descansa, é um silêncio de água parada, é o silêncio de dentro.

Por outro lado, quando, mergulho no caos de todas essas ideias que me sobrevivem e, como que por um milagre, consigo resgatar algumas e colocá-las em ordem: escrevo. E quando escrevo, silêncio o mundo ao meu redor, enquanto, por dentro, estou em polvorosa, atenta às informações das mil abas abertas dentro da minha cabeça para, quem sabe, buscar citações, memórias, histórias que possam enriquecer meu texto de modo a torná-lo significativo e belo. É um silêncio de paisagem bucólica, como se tudo ao meu redor fosse plasmado numa tela.



REVISTA THE BARD - Como você descreveria o seu estilo artístico nas artes plásticas? Há temas ou símbolos que se repetem nas suas obras?

DÉBORA LIMA - Embora eu não me filie a qualquer escola, tenho profunda admiração pelo impressionismo. Admiro Renoir, por exemplo, pelo aspecto onírico que reproduz, quando tenta captar o cotidiano como que se visto de relance ou através de raios solares tão densos que desvanecem a imagem por detrás. Além disso, como o advento da fotografia veio retratar, de imediato e com extrema precisão, o que um pintor realista levaria meses para conseguir captar, o impressionismo encanta justamente pela maneira como as manchas se dispõem sobre a tela: ao mesmo tempo em que, de perto, parece que estamos diante de um borrão, ao nos distanciarmos, a imagem vai se tornando mais nítida, comunicando ordem à razão, como se fosse mágica. Por isso, gosto das pinceladas livres do impressionismo, mas também amo a vivacidade das cores do fauvismo e, com um pouco de cada, vou tecendo os encantos do meu próprio mundo de cores.

Quanto aos temas, embora eu pinte tudo que capta a atenção do meu olhar ou do meu pensamento, a arte dança com o inconsciente, de modo que, inevitavelmente, o que mais amamos ou o que mais nos fere é o que aparece mais reiteradamente, de modo que flores, autorretratos e meu gato-poeta, Olavo Bilac, são bem recorrentes nas minhas criações.



REVISTA THE BARD - Você tem 10 livros publicados e diversas participações em antologias. Quais escritores(as) te influenciaram ou marcaram sua trajetória? Você busca referências em autores clássicos, contemporâneos ou populares?

DÉBORA LIMA - São muitos os autores que me marcaram, cada um a seu tempo; cada qual a seu modo. Dos clássicos, como *Antígona* de Sófocles e a *Odisseia* de Homero (que me ajudaram a entender melhor sobre os arquétipos humanos, sobre o porquê do respeito ao cumprimento de um papel dentro de uma ordem cósmica era algo tão importante para os gregos e como isso acabou influenciando a psicologia moderna). Aos modernos e contemporâneos, que, seguindo o fluxo histórico de reafirmar ou desconstruir os valores assentados pelos clássicos, numa verdadeira dialética hegeliana, foram enriquecendo minha experiência com a literatura enquanto modulavam meu imaginário. Dentre eles: Shakespeare, Adélia Prado, Machado de Assis e Nelson Rodrigues...

Durante a minha adolescência, fui ferida de amor pelos poemas de Vinícius de Moraes: o ritmo, o erotismo, que inclina à contemplação (o que distingue o erótico do pornográfico, pois este compele à ação) em versos como: “essa mulher que a cada amor proclama a miséria e grandeza de quem ama/ E guarda a marca dos meus dentes nela” provocavam um verdadeiro deslumbramento em mim.

Ou a curiosidade obstinada da pequena leitora de Felicidade clandestina (Clarice Lispector): “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante.” A poesia multifacetada de Fernando Pessoa, que, para cada heterônimo desenvolveu um estilo diferente (do classicismo ao pessimismo existencialista e ao experimentalismo linguístico), que implica personalidades diferentes, revelando que, como ele bem defendia (ou não, pois o poeta é um fingidor), cada um de nós tem, ou, ao menos, pode ter muitas almas...

E mesmo os versos populares de autores como Patativa do Assaré ou Jessier Quirino, que tão precisamente traduzem a beleza e a riqueza da cultura e sabedoria do povo nordestino. Enfim, tudo isso fez com que minha alma se tornasse uma verdadeira dependente da literatura. Como o corpo precisa de água para viver.

Depois, vieram as leituras mais densas, que me ajudaram a compreender como a condição humana é complexa, de modo que as ações dos humanos não refletem apenas um aspecto da existência (Por exemplo, em *O mercador de Veneza*, encontramos um personagem capaz de dar como garantia de uma dívida parte de seu coração, para salvar um amigo em dificuldade, enquanto esse mesmo homem piedoso para com seu amigo, era também cruel em suas palavras contra um outro personagem, simplesmente por ser este de outra etnia. O que nos permite entender que os mesmos seres que são capazes de criar campos de concentração, podem ser caridosos com animais, bons cônjuges, bons amigos... De modo que precisamos estar sempre alertas quando o assunto for a banalização da maldade, uma vez que ela não está reservada a um tipo raro de pessoas) ou como das muitas criações humanas (inclusive o Direito, que se propõe a ser o orchestrador de uma harmonia social), na verdade, são mantenedoras de instituições que se agarram ao poder a custo de sangue, suor e lágrimas, enquanto apresentam um discurso banhado a palavras de ordem como: democracia, dignidade da pessoa humana, mínimo existencial e, a mais manipulada de todas: igualdade. Isso porque tudo que decorre do ser humano é complexo.

Então, já não citando os autores, mas as obras, a fim de consigná-las como indicação de leitura, como *Germinal*, *Crime e castigo*, *Os demônios*, *Guerra e paz*, *Notas do subsolo*, *Vidas secas* etc, foram muitos os livros que não só marcaram minha trajetória, como me ajudaram a compreender um pouco melhor a vida.



REVISTA THE BARD - Débora, em seu mais recente livro, intitulado “Nomes para quê”, você já provoca o leitor logo no título, convidando-o a refletir sobre o valor e o sentido das palavras. O que despertou essa pergunta em você? E de que maneira essa pergunta atravessa toda a obra? Há alguma passagem, capítulo ou texto de “Nomes para quê” que você sente como o coração da obra? Poderia compartilhar conosco?

DÉBORA LIMA - Pensamos por palavras e por imagens, mas os pensamentos mais bem elaborados, aqueles que demandam maior esforço da inteligência, são elaborados por meio das palavras. Mas, infelizmente, a perda do hábito da leitura, da reflexão filosófica, da contemplação da arte, e tudo quanto costumamos chamar de cultivo da mente ou cultura, tem promovido uma verdadeira restrição da linguagem, o que resulta, inclusive, na diminuição da inteligência.

Como bem pontuou Mário Vieira de Melo em “O conceito de educação da cultura”, o número de iletrados no Brasil tem aumentado à medida que aumenta o número de alfabetizados. Lamentavelmente, o acesso à educação não tem significado formação intelectual sólida. De modo que, segundo a pesquisa apresentada na obra, proporcionalmente, há hoje, menos leitores de Machado de Assis e Guimarães Rosa do que em 1960, quando o índice de analfabetismo no país era muito mais alarmante.

Então, a ideia por trás de “Nomes para quê” é justamente a de demonstrar como a palavra é poderosa. É ser livro composto por contos tão envolventes, marcantes e reflexivos, que os nomes dos personagens nem precisam ser apresentados neles, pois, cada um deles, em sua grandeza e miséria, em sua alegria e dor, é o próprio leitor, e todo drama que o espetáculo da vida envolve. Como no trecho a seguir, que pode ser considerado uma síntese da obra, e faz parte da história “Musa bardo”, em que uma mulher de meia idade tenta se reinventar para ajudar seu marido escritor que está deprimido ao mesmo tempo em que resolve não se render às pressões de um mundo que, para que uma mulher se sinta atraente e bonita, exige uma aparência sempre jovem:

“Resolveu naquele dia que não pintaria mais os cabelos, decidiu que envelheceria naturalmente, como

cada erva daninha no campo, cada fungo, cada peixe-demônio nos abismos dos oceanos. Continuaría cumprindo seu papel na natureza, seguiria criando os filhos feios que tivera de um amor antes boêmio, que ia se acomodando com o tempo à forma burguesa que lhe dera. Era como se a poesia da existência já não fosse um sol, mas uma luz azul levemente bruxuleante, tênue, porém necessária à pulsação.

Mas aquela poesia real era a que mais marcas lhe trouxera, era a poesia que feria, a poesia que era fera. Não exatamente por ela, mas por aquele que se singularizara a ponto de transferir-lhe as angústias: Seu marido, que era poeta, se sentia frustrado, a angústia dos homens ociosos de T. S. Eliot há muito o alcançara. No fundo, era um refém da poesia e do sentimento moderno de desconcerto, de estranheza e desencantamento de um mundo expurgado de Deus, da metafísica, da essência humana, um mundo onde só restara a alguns: vontade de potência, a outros, os consolos efêmeros do consumo. Um mundo sem sentido, onde cada um não passa daquilo que faz de si mesmo, em tensão com tudo o quanto as circunstâncias lhe fazem.

Embora ainda alguma satisfação houvesse em sentir a inspiração surgir entre os escombros de uma mente abarrotada, não conseguia evitar desapontar-se por não ter leitores, por não encontrar, dentre seus pares, pessoas que ainda amassem essa sutil prova da existência da alma humana. Já não era de versos que os homens sentiam fome, já não era na beleza que buscavam os meios para preencher o vazio da vida cotidiana, viviam anestesiados pelas imagens dos corpos cada vez mais irreais, pelos vapores do álcool, pelos vapores do medo, pela falta de propósito. E o seu homem, seu poeta, que não era capaz de dar ao mundo qualquer coisa além de versos, sentia-se inútil.

Ainda assim, ela sabia que seu companheiro de anos acreditava que, como diria Frankl, “Se você vive correta e integralmente poderá encontrar um significado tão profundo que o protegerá até mesmo do medo da morte.” Pelo que, embora desanimado, não estava abatido. Sabia que a solidão é como um cão, um companheiro inseparável, mas que deve ser mantido do lado de dentro da casa ou as pessoas que tornam, do lado de fora, a vida possível, seriam seu banquete noturno e, passada a noite, só ele restaria, rondando cada espaço em qualquer dos lados (...).

REVISTA THE BARD - Já te ouvi cantar e encantar... A música também parece atravessar sua sensibilidade artística com delicadeza e força. Qual o papel da música na sua vida? Ela te inspira, te acompanha enquanto escreve ou pinta, ou é uma forma de expressão que acalma seu coração?

DÉBORA LIMA - Ah, obrigada, estou encantada com sua gentileza e sensibilidade. O papel da música na minha vida é de protagonista, tanto me inspirando, quanto acalmando, inclusive, só durmo ao som de Bach ou dos noturnos de Chopin. Mas a música, quando é boa, não só me acalma, como também me alegra e me acompanha enquanto executo minhas criações.

Meu pai sempre gostou muito de música e, quando eu era muito pequena, me contou que, para conquistar minha mãe, gravou numa fita cassete a música: Wish you were here, do Pink Floyd e eu, que já amava a canção, pois ele também a cantava para mim, passei a tê-la como a mola propulsora e a trilha sonora da minha existência. A música fala sobre saudade e sentimento de desconforto e descontentamento com o mundo, além de ter uma linda melodia, não poderia me traduzir melhor. No mais, como já é de senso comum, a música sempre acompanhou a humanidade como expressão de culto, de alegria, de sentimento de pertencimento, uma vez que também é manifestação cultural. Por isso, também gosto muito da música da minha terra, principalmente, forró pé de serra. E, claro, amo cantar.



REVISTA THE BARD - Débora, ser mulher, profissional, escritora, artista plástica, revisora e ainda manter vínculos com a família e com a própria interioridade, exige equilíbrio e presença. Como você organiza sua rotina para cultivar a arte no meio de tantas demandas? Há um segredo, um ritual ou uma filosofia que te guia nesse conciliar?

DÉBORA LIMA - O segredo é a alegria em realizar, algo que Spinoza chamaria de potência de agir. Nietzsche dizia “Demore o tempo que for para decidir o que você quer da vida, e depois que decidir, não recue ante nenhum pretexto, porque o mundo tentará te dissuadir.” E eu realmente acredito que esta é minha sina: fazer tudo isso, pois me encanta, embora haja muitos desafios, além do cansaço.

E é justamente aí que entra a filosofia, pois, ainda Nietzsche: “Quem tem um porquê para viver, suporta quase qualquer como” e eu acredito que faço parte de algo maior do que eu mesma e que tenho um dever para com o próximo. Às vezes, diante da indiferença ou do mal que há no mundo, fraquejo e penso em fazer nada além do mínimo para minha preservação e dos meus filhos, mas lembro do bem que recebi de outros, lembro de como a literatura, a arte como um todo, teve um papel crucial para o meu próprio resgate e, então, compreendo que preciso pavimentar o caminho para outras pessoas. Por isso, continuo.

E, por fim, o ritual: pintar na (ou perto da) cozinha, pois enquanto espalho a tinta e faço marcações, fico de olho no feijão.



REVISTA THE BARD - Participar de projetos como o Chá da Vida e escrever para a revista Armazém na Estrada te convida a um olhar mais coletivo. Como isso lhe completa como ser humano?

DÉBORA LIMA - O simples fato de estar num mundo construído por outros implica esse sentimento, esse olhar coletivo. Se hoje conseguimos partir de um ideal de acolhimento, empatia e respeito às diferenças, é porque outros lutaram, sofreram, escreveram, deram seu sangue para que pudéssemos fazer a nossa voz ser ouvida. Por isso, esses projetos citados, e outros, como meu trabalho com mediação ou com educação, que me colocam em contato direto com pessoas, agregam mais tijolos na casa em eterna edificação que sou, simplesmente porque o humano só se aperfeiçoa em contato com o humano, numa legítima relação dialógica “eu-tu”, reconhecidora da humanidade do outro e que, como diria Martin Buber, se opõe a uma relação “eu-isso”, que é a instrumentalização das relações sociais.

REVISTA THE BARD - Como você enxerga o cenário atual da literatura e da arte no Brasil, especialmente para artistas mulheres do interior?

DÉBORA LIMA - Superficialmente falando, não vejo com como gostaria, uma vez que, dado facilitado acesso à informação, por meio, por exemplo, da disponibilização de obras escritas que já estão sob domínio público, da existência de revistas como a The Bard que veiculam, com ampla circulação, conteúdos de qualidade sem fins lucrativos e mesmo à democratização da educação, que se seguiu à promulgação da CF/88, por meio, por exemplo, da reforma no ensino superior, do Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública e da promulgação da LDB, percebo que o interesse pela leitura poderia ser muito mais expressivo. Outros problemas como a massificação da informação, a pobreza extrema, a grande diferença econômica entre as macrorregiões do país também influenciam negativamente esse cenário.

REVISTA THE BARD - Que papel você acredita que as academias literárias e os institutos históricos desempenham na preservação da identidade cultural local?

DÉBORA LIMA - O papel de guardiões da memória, da identidade e da tradição (a fé viva dos mortos, segundo Eliot). Precisamos conhecer nossa história, pois, nas palavras de Burk, “aquele que não conhece sua história, tende a repeti-la” precisamos estar a par dos males do passado, pois não podem ser reproduzidos. Assim como também dos feitos heroicos que geram admiração e nos inspiram a melhorar e até amar nossa comunidade, pois só o amor nos torna capazes de fazer mais do que fazemos por obrigação. E não somos capazes de amar àquilo que não conhecemos. De modo que, para amar aquilo que é nosso, precisamos ir mais fundo no conhecimento do que foi feito pelos nossos e os institutos históricos, as academias de letras, os museus, enfim, nos dão o aporte necessário para a modulação dos nossos sentimentos em favor da nossa comunidade, do nosso lugar de pertencimento.

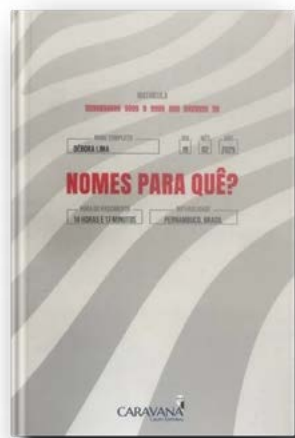
Quanto às mulheres, embora a dificuldade de acesso a manifestações artísticas e a condições de produção cultural seja algo que afeta a qualquer pessoa em condição de vulnerabilidade social, as mulheres têm que lidar com demandas de outras dimensões de sua condição. Eu, por exemplo (estendendo o assunto à questão da educação formal) precisei trancar um mestrado porque meu filho mais novo, que é neurodivergente, demandava atenção, e, justamente por morar numa cidade do interior, não consegui conciliar os estudos ao trabalhado dentro e fora de casa. E o fiz por entender que ele, uma vida humana em desenvolvimento, deveria ser minha prioridade no momento. Mas, por melhor que meu marido seja, sua condição social e biológica não exigiu tal atitude, embora tenha exigido seus próprios sacrifícios.

REVISTA THE BARD - E para finalizarmos, poderia deixar uma mensagem para os leitores da Coluna Agora?

DÉBORA LIMA - Continuem lendo, contemplando obras de arte, buscando atrair a poesia para perto. Sigam lendo pessoas (não os textos sem sentimentos produzidos por inteligência artificial), a leitura eleva nossa consciência, nos ensina sobre o outro, sobre o mundo, o que nos faz mais empáticos, mais generosos, enfim, mais irmãos. E a arte nos confere o sentimento de estar inteiros, pois na vida fragmentada que levamos, temos perdido o sentimento de continuidade e isso nos fere, mas a obra de arte, nos ensinou Adélia Prado, por estar inteira, segura, aprisiona o tempo para nós.

Com esta entrevista, celebramos Débora Lima, mulher cuja trajetória é testemunho vivo de que a arte é presença, escuta e transformação.

LIVRO - DÉBORA LIMA



INSTAGRAM



LIVROS DA AUTORA

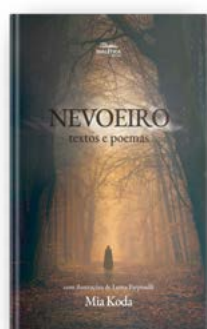
Acesse a Vitrine The Bard



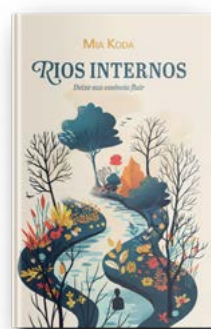
Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



21



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti à um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

A VIDA IMITA A ARTE OU A ARTE IMITA A VIDA?

Nesta edição da Tudo sobre Cinema, reunimos indicações que atravessam os limites entre o íntimo e o coletivo, o real e o ficcional. Em "Conclave", os bastidores do Vaticano revelam jogos de poder e fé; em "Congonhas: uma tragédia anunciada", o documentário traz à tona feridas ainda abertas da aviação brasileira.

"O quarto ao lado" nos convida a encarar os silêncios e os segredos da convivência familiar, enquanto "Uma família perfeita" questiona o que realmente une (ou separa) as pessoas sob o mesmo teto. Já em "Ainda estou aqui", memória e luto ganham forma em uma narrativa sensível e potente.



Imagem de Freepik

Fechamos com "Canina", uma sátira envolvente que usa o humor para discutir controle e obediência na sociedade contemporânea. Seis obras, seis olhares únicos sobre o nosso tempo.

Cada obra traz sua própria força, temática e sensibilidade, compondo um mosaico vibrante de sentimentos e questionamentos.

Assista, reflita e permita-se envolver. Estas indicações foram feitas para instigar, emocionar e, acima de tudo, expandir seu olhar.



Imagem de Adwire por Freepik

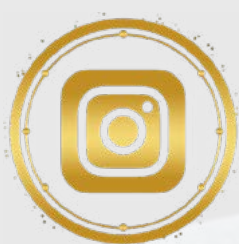


Imagem de Milankov por Freepik

CLAUDIA FAGGI

CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL

INSTAGRAM



YOUTUBE



THREADS



POST NO SITE



Conclave

Após a morte do Papa Francisco o filme Conclave ficou em primeiro lugar no Prime Vídeo. A película revela como é feita a escolha para o novo papa com questões humanas relevantes.

Conclave é um mergulho em um processo do sumo pontífice com suas questões éticas e políticas, mostrando os detalhes de uma escolha de importância mundial.

Transportar os espectadores para os bastidores do Vaticano e revelar os complexos e fascinantes processos envolvidos na escolha do novo papa passa a ser somente um detalhe.

As atuações são pesadas e conclusivas, que mostram o profissionalismo e dedicação de cada ator envolvido, aliás uma equipe forte e intensa.

Com uma narrativa envolvente e uma produção meticulosa, o filme oferece uma visão única e detalhada desta tradição secular que ainda perdura na Igreja Católica.

Esses são os personagens envolvidos na trama:

Cardeal Lomeli: O protagonista, que luta com suas próprias dúvidas e inseguranças enquanto tenta manter a integridade do processo.

Cardeal Tremblay: Um dos principais candidatos ao papado, cuja ambição e habilidades políticas o colocam como um forte concorrente.

Cardeal Bellini: Um cardeal mais jovem, que traz uma perspectiva moderna e desafia as tradições estabelecidas.

Cardeal Adeyemi: Representante das vozes do mundo em desenvolvimento, suas preocupações centram-se nas questões sociais e econômicas globais.

Dilemas e sensações são discutidos, como por exemplo:

Fé e dúvida: Os dilemas espirituais enfrentados pelos cardeais durante o processo de eleição, em que a fé é constantemente testada.

Política e poder: As intrigas e jogos de poder dentro do Vaticano são revelados, mostrando que a política é uma parte intrínseca do processo de escolha.

Moralidade e ética: As decisões difíceis que os cardeais precisam tomar, muitas vezes entre o que é moralmente certo e o que é politicamente conveniente.

Tradição e modernidade: O choque entre os valores tradicionais da Igreja e as necessidades de adaptação às realidades contemporâneas.

E o melhor, em Conclave você conta com esse superelenco: Sergio Castellitto Tedesco, Thomas Loibl Mandorff, Jacek Koman Wozniak, Joseph Mydell Nakitanda, Rony Kramer Cardinal Mendoza, Garrick Hagon Krasinski, Madhav Sharma Landolfi, Loris Loddi Villanueva, Roberto Citran Lombardi, Balkissa Maiga Sister Shanumi, Romuald Andrzej Klos Brotzkus, Willie Jonah Lowenstein.

O filme é incrível e vale cada segundo!



POST NO SITE



Congonhas: Uma Tragédia Anunciada



Congonhas: Uma Tragédia Anunciada é uma série dramática que explora os eventos trágicos ocorridos no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, Brasil. A série se destaca por sua abordagem intensa e realista, que busca trazer à tona as questões sociais e políticas que contribuíram para a tragédia.

No dia do acidente eu estava saindo de uma produtora de vídeo na Avenida Indianópolis em São Paulo a caminho de um shopping na Avenida Interlagos para gravar um comercial, na época eu trabalhava em um canal de tv.

No caminho ouvi um barulho muito alto e um vi um clarão no céu.

Só fiquei sabendo do acidente quando terminei a gravação por volta de duas horas da manhã. Nunca vou esquecer dessa noite!

O acidente aéreo foi devastador e aconteceu no aeroporto de Congonhas, um dos mais movimentados do país. A trama se desenvolve através da perspectiva dos sobreviventes, familiares das vítimas e profissionais envolvidos nos esforços de resgate e investigação. Cada episódio mergulha profundamente nas histórias pessoais dos personagens, revelando suas lutas e resiliência diante da catástrofe.

Congonhas: Uma Tragédia Anunciada não se limita a narrar os eventos do acidente. A série também faz uma crítica contundente às falhas de infraestrutura, à corrupção e às decisões políticas que contribuíram para a ocorrência da tragédia. Através de diálogos poderosos e cenas emocionantes, a série incentiva os espectadores a refletirem sobre a responsabilidade coletiva e a necessidade urgente de mudanças.

Congonhas: Uma Tragédia anunciada está na Netflix e tem quatro episódios tristes e emocionantes!

Assista!

Beijos

Claudia Faggi

POST NO SITE



O Quarto ao Lado

Pedro Almodóvar, um dos cineastas mais influentes e aclamados do cinema espanhol, é conhecido por suas narrativas envolventes e personagens complexos. "O Quarto ao Lado" é mais uma adição à sua impressionante filmografia, destacando-se pela profundidade emocional e pela habilidade de explorar temas difíceis com sensibilidade e elegância.

"O Quarto ao Lado" conta a história de dois personagens principais, cujas vidas se entrelaçam de maneiras inesperadas. Situado em um pequeno apartamento em Madrid, o filme explora as complexidades das relações humanas, a dor da perda e a busca pela redenção. Através de diálogos poderosos e uma cinematografia marcante, Almodóvar cria um ambiente que é ao mesmo tempo claustrofóbico e cheio de possibilidades.

Almodóvar não se esquivava de temas difíceis. Em "O Quarto ao Lado," ele aborda questões como a solidão, o luto, e a identidade. O filme examina como os personagens lidam com seus traumas pessoais e as formas pelas quais suas vidas se conectam e se transformam através da interação. Esta obra é um exemplo do estilo característico de Almodóvar, que combina elementos de melodrama com uma exploração cuidadosa das emoções humanas.

O Quarto ao Lado é uma obra imperdível.

As atuações fantásticas de Tilda Swinton e Julianne Moore são cheias de dor, amor e sentimento.

Que filme incrível!

Beijos com carinho!

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Uma Família Perfeita



A série "Uma Família Perfeita", lançada em março de 2025 no Disney+, é uma minissérie de oito episódios baseada em uma história real que envolve o casal Kristine (Ellen Pompeo) e Michael Barnett (Mark Duplass), que adotam Natalia Grace, uma menina ucraniana com nanismo.

O casal já sabia que a menina tinha uma condição rara de nanismo, porém, eles começaram a suspeitar que ela fosse uma adulta com cerca de 22 anos que fingia ser uma criança, uma conspiração parecida com o filme 'A Órfã' de 2009.

Com essas suspeitas, o casal relatou que a menina tinha comportamentos problemáticos: teria tentado envenenar a mãe adotiva, ameaçado os filhos do casal e ameaçado os colegas na escola. Em 2012, um tribunal alterou oficialmente sua idade de 8 para 22 anos, levando-a a sair de seu lar e viver sozinha em um apartamento.

Porém, tudo não passava de teoria, e o caso provocou grande repercussão nos Estados Unidos, acarretando acusação contra os Barnetts por negligência infantil. Eventualmente, as queixas contra o casal foram retiradas, e Natalia, após deixar a casa deles, foi acolhida por Antwon e Cynthia Mans, que exploraram a criança por conta de seu seguro.

A série nos mostra as negligências ocorridas durante toda a vida de Natália. Desde a falta de humanidade e responsabilidade na adoção, a relação com sua mãe adotiva extremamente narcisista, o abuso físico e psicológico e o fatídico abandono.

A série é incrível e a família está longe de ser a perfeita!

Beijos

Claudia Faggi



POST NO SITE



Ainda Estou Aqui

Quando você o enterrou?

Ainda Estou Aqui tem o poder transformador de tocar no seu coração e te incluir em uma sensibilidade familiar estarrecidora. Impossível não se emocionar com cada cena, trilha sonora e interpretação bombástica de Fernanda Torres.

Ainda Estou Aqui é uma adaptação cinematográfica do livro autobiográfico de Marcelo Rubens Paiva, que narra a emocionante trajetória de sua mãe, Eunice Paiva, durante a ditadura militar no Brasil. Ambientada em 1970, a história retrata como a vida de uma mulher casada com um importante político muda drasticamente após o desaparecimento dele, capturado pelo regime militar. Forçada a abandonar a rotina de dona de casa, Eunice (Fernanda Torres/Fernanda Montenegro) se transforma em uma ativista dos direitos humanos, lutando pela verdade sobre o paradeiro do marido e enfrentando as consequências brutais da repressão. O filme tem uma narrativa profunda e sensível, Ainda Estou Aqui traz à tona questões de perda, coragem e resiliência, enquanto revisita um dos períodos mais sombrios da história do Brasil. A obra é um tributo à força de Eunice Paiva, que, contra todas as adversidades, se torna uma figura central na luta pelos direitos humanos no país.

Ainda Estou Aqui é responsável por um feito histórico: o longa é o primeiro sul-americano a conseguir uma indicação ao Oscar de Melhor Filme.

Eu realmente fiquei impressionada com essa produção! Não só pela excelência da história, fotografia, caracterização, mas principalmente pela atuação fantástica e emocionante.

Ainda Estou Aqui está no Globoplay

Beijos no coração!



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Canina



A produção cinematográfica 'Canina', estrelado pela renomada atriz Amy Adams é um despertar feminino. Praticamente um grito de socorro de uma mulher e o lugar em que ela ocupa no mundo em meio a rotina, maternidade, trabalho, identidade e desafios cotidianos da família.

Afinal, que lugar ocupamos quando nos tornamos mães?

A trama é no mínimo peculiar e revela as transformações e desafios enfrentados em um contexto doméstico. O filme é inspirado no romance satírico de Rachel Yoder, e simplesmente surpreende!

Propositalmente, ninguém tem "nome", exatamente para que cada um se identifique com a história: uma mulher (Adams) abandona sua carreira artística para se dedicar integralmente ao lar e à criação de seu filho, enquanto, seu marido está ausente por conta de sua carreira.

Canina é aquele belo tapa na cara da sociedade!

Canina fala de isolamento e transformação!

Beijos

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

Introdução

O tema da 33ª edição da "Revista Internacional The Bard" é extraordinário. "Entre os Tons do Nordeste: Olhares artísticos do Sertão". Estou motivada, entusiasmada com as narrativas escritas na coluna "Autopoiese & Narrativas", apresentando os encantos nordestinos, compartilhando com vocês, estimados leitores, artes, belezas, cores, alegrias de um povo, sua cultura e paisagens inspiradoras.

Nordeste é cultura, é arte, é festa, é calor, é praia de águas mornas, é uma linda região brasileira. Povo resistente, cada estado com

sua história, seu jeito de viver, o Nordeste é sempre futuro, com voos de belíssimas feitorias. É assim que apresento aspectos do mundo nordestino, com seres humanos sem limites de sonhar, buscando satisfações nos seus ideais de vida, com o título principal "Do Nordeste para o mundo-uma visão autoral." É pré-condição essencial que a narrativa priorize a arte nordestina como o centro que embasa toda a pesquisa aqui apresentada, com uma autopoiese que procura apresentar os aspectos que tornam a Região Nordeste em um lugar tão especial.



Os estados do Nordeste brasileiro são conhecidos por sua rica diversidade cultural, histórica e natural. A região é composta por nove estados, cada um com suas características únicas.

1. Bahia: Conhecida por sua cultura vibrante, música, dança e culinária, a Bahia é famosa pelo Carnaval de Salvador e pelas belas praias.

2. Sergipe: O menor estado do Brasil, Sergipe é conhecido por suas praias, como Aracaju e a região do **Cânion do Xingó**, além de suas festividades culturais.

3. Alagoas: Famoso por suas praias de águas cristalinas, também é conhecido por sua gastronomia e artesanato.

4. Pernambuco: Destaca-se por sua rica cultura, como o frevo e o maracatu, além de cidades históricas como Olinda e Recife, e praias como Boa Viagem.

5. Paraíba: Conhecida por suas belas praias, a Paraíba é famosa também pela sua culinária e pelas festas juninas.

6. Rio Grande do Norte: Com praias deslumbrantes como **Ponta Negra** e Genipabu, o Rio Grande do Norte, conhecido pelo turismo e pela produção de sal.

7. Ceará: Famoso por suas dunas e praias, o Ceará também é conhecido pela cultura do forró e pelo artesanato.

8. Piauí: O Piauí é conhecido por suas belezas naturais, e as praias de Luís Correia.

9. Maranhão: Destaca-se pelos **Lençóis Maranhenses**, um parque nacional com dunas e lagoas, e pela rica herança cultural de São Luís.

Quero concluir esta introdução, lembrando que é a presença do ser humano dá sentido a tudo... perfuma e alegra o seu meio ambiente, com a beleza peculiar de cada um. Apesar das frequências de secas, elevação das temperaturas e eventos climáticos extremos que afetam a região, com impactos socioeconômicos e ambientais, o povo nordestino abre-se para a “Vida” com todas as suas potencialidades.

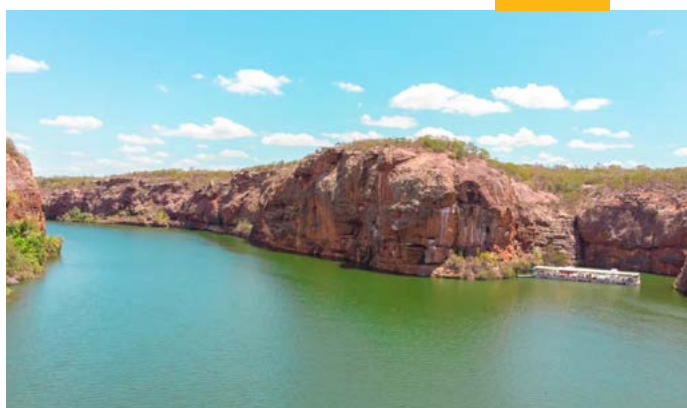


Imagem: Cânion do Xingó de Conheça Piranhas por Google



Imagem: Ponta Negra – de Portal Diário RN por Google



Imagem: Ponta Negra – de Portal Diário RN por Google

1 — Do Nordeste para o mundo. Um estímulo visual, uma satisfação, um prazer em apreciar

AMOR NORDESTINO

*Salve, salve a valentia,
dos vaqueiros do sertão.
Salve, salve a poesia,
que retrata o nosso chão.
Salve o amor de Maria,
no coração que explodia,
quando via Lampião.
(Gibson Medeiros).*



Imagem de Omar Medina por Pixabay

O Nordeste brasileiro é famoso por suas paisagens deslumbrantes, com praias paradisíacas, dunas imponentes, cânions impressionantes e sítios arqueológicos ricos em história. Destacam-se destinos como Fernando de Noronha, com suas águas cristalinas e vida marinha exuberante; os Lençóis Maranhenses, um espetáculo de lagoas entre dunas; e a Chapada Diamantina, com suas cachoeiras e paisagens montanhosas.

Os Lençóis Maranhenses (MA) são desertos de areia branca com lagoas de água doce que se formam entre as dunas, um espetáculo único da natureza. A paisagem em si é uma obra de arte, com suas dunas modeladas pelo vento e lagoas de água cristalina que surgem e desaparecem com as chuvas. Essa visão inspirou artistas, fotógrafos e poetas a capturar sua beleza e expressá-la em diferentes formas de arte. Possui a delicadeza dos versos românticos, suscitando imaginações, evocan-

do sonhos, sentimentos e a própria essência da natureza. Constitui um convite ao bem-estar, à contemplação, à reflexão e à conexão com o mundo natural, despertando a sensibilidade e a criatividade do ser humano. Uma natureza que envolve uma aura de mistério, ampliando a percepção da realidade, estimulando as múltiplas imagens, tanto verídicas quanto fictícias.

Os lençóis maranhenses.

*São poesias escritas.
Pela magia dos ventos.
Que bailam espalhando inspirações.
São fontes de memória afetivas.
Um cenário de belezas e emoções.
Ah! Como encantam os olhos,
de nosso coração.
Tudo branco e lindo.
Magnífico presente divino.*

(Stella Gaspar)

Imagem de Glauco por Pixabay





Imagem de Eduardo Domingos por Pixabay

Uma prosa...

Fernando de Noronha, belo como um poema de amor sem tamanho, regra ou fim. Percebo as ondas, como um corpo amado esculpido pela Natureza. Quantas sensações em corações abertos e sensíveis, aninhados a esse paraíso. É possível abraçar com olhos revigorados esse belo lugar. Nossa pele é acariciada pelo nascer do sol, encantada por um belo pôr do sol. Tanta intimidade desnuda, sentindo o calor atraente, dos beijos deixados por nossas caminhadas na areia. Sim, uma sereia me falou belamente que o amor está em toda parte nessa magia, com seus desejos silenciosos.

(Stella Gaspar)

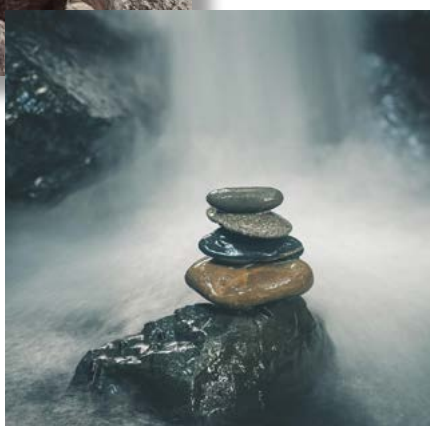
Sem dúvida, há muito a explorar na região nordeste.

Por sua biodiversidade, o arquipélago de Fernando de Noronha (PE) é reconhecido pela (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura-UNESCO) como Patrimônio Natural Mundial. Sendo formado por 21 ilhas, oferece uma diversidade de experiências imersivas com a natureza e as comunidades locais. O arquipélago é caracterizado pelas suas praias pouco urbanizadas, perfeitas para os

viajantes que buscam experiências em contato com a natureza, como mergulho, snorkeling, surfe e contato com a exuberante vida silvestre. Com águas mornas e transparentes, a vida marinha é bastante diversificada. Tartarugas marinhas, arraias e golfinhos nadam nas águas quentinhas da região. Noronha é palco de umas das paisagens exuberantes, a ilha é indiscutivelmente linda, eleita a ilha mais bonita das Américas, Central e do Sul em 2024. Um destino único e repleto de belezas naturais.



Imagem de cassiodiniz por Pixabay



A Chapada Diamantina (BA) é um destino turístico imperdível no Nordeste brasileiro, com suas belezas naturais e atividades para todos os gostos. Localizada no coração da Bahia, é um verdadeiro santuário de belezas naturais e culturais. Conhecida por suas paisagens de tirar o fôlego e um estilo de vida que prioriza a simplicidade e qualidade de vida até suas atrações turísticas. A região é

um paraíso para os amantes da natureza, com suas cachoeiras, grutas e montanhas. Além das belezas naturais, a cultura local, com seu artesanato, gastronomia e festas tradicionais, é um atrativo à parte, com experiências inesquecíveis.

Ilustrando essa apresentação, apresento duas belas imagens fotográficas desse lindo lugar.

Imagem de Cardosowalter por Pixabay

Imagem de Cao Hoang por Pixabay

Um poema que escrevi para esse momento, celebrando a natureza exuberante desse “oásis”.

Chapada Diamantina.

Emoções.

Sensibilidades poéticas.

Inspirando os poetas.

Tanta magia.

Tanta energia.

Chapada Diamantina.

És deslumbrante.

Como um amor pulsante.

Tua beleza toca o coração dos amantes.

Permita-me sonhar com o teu encanto.

Tens tanto a oferecer!

(Stella Gaspar)



Imagem de Célio Silveira por Pixabay

2 — Vibrações positivas de um povo

Povo arretado, que não foge da luta, povo animado, amoroso e inspirado que vive numa região de mil encantos e paisagens em nove estados do Brasil, O Dia do Nordeste é comemorado em oito de outubro, para homenagear costumes, cenários, vocabulários e todos os itens que formam a riqueza cultural nordestina.

Povo forte de influência indígena, africana e europeia, que se manifesta em diversas áreas artísticas, como a culinária, a música, a dança e o artesanato.

Além disso, sua hospitalidade é de uma riqueza e solidariedade contagiante, atraindo turistas de várias partes do mundo. São alegres, demonstrando muito bem essa característica em festas e celebrações; como o frevo, o maracatu, o bumba-meu-boi e o forró. O povo nordestino, com sua capacidade de superação, é um dos maiores tesouros da identidade brasileira, estando em constante processo de crescimento, pen-

sando no futuro, olhando para a frente. São ricos em resiliências, religiosidades e fé, devotos aos santos, orixás e antepassados. Mesmo com todo esse espetáculo, o Nordeste é alvo de preconceitos e julgamentos infundados. A xenofobia é real, porém, o combate cresce cada vez mais, evidenciando a mudança, a evolução e a força da população.

De fato, o nordestino tem orgulho do seu “oxente”, do seu jeito cantado de falar, da sua persistência, do sertão, do trabalho, vivendo em lugar rico em diversidade e paisagens bonitas. Parafraseando Euclides da Cunha, em ‘Os Sertões’: “o nordestino é, antes de tudo, um forte”. É a esperança desse povo bom, que vence o medo em terras nordestinas. Importante aspecto a ressaltar. Existe a miséria da seca que tanto faz chorar milhares de famílias dessa região. Mesmo assim, tão especial povo, não deixa de sonhar com um hoje e um amanhã de vitórias, de glórias, de bênçãos, de sucessos.



Imagem de Zahidkhan55855 por Freepik

Desilusão.

*No jardim do meu coração.
Queria rosas a desabrochar.
Mas veio a seca.
E a linda rosa pôs-se a murchar.
Com ela vão-se os sonhos.
O que posso te ofertar?
Se ela se vai, repleta de tristeza?
Ah! Lembro...
Que a luz supera a escuridão.*

(Stella Gaspar)

A seguir, algumas marcas que fazem do Nordeste do Brasil um grande exemplo para o mundo. São somente algumas relações das muitas.

Artistas: Alceu Valença; Alcione; Amazan; Amelinha; As Ceguinhas de

Campina Grande (Paraíba); Barros de Alencar; Belchior; Bezerra da Silva; Biliu de Campina (Paraíba); Caetano Veloso; Carlinhos Brown; Chico César; Chiquinha Gonzaga; Djavan; Dominiquinhos; Elba Ramalho; Fagner; Falcão; Flávio José; Frank Aguiar; Gal Costa; Genival Lacerda; Geraldo Azevedo; Geraldo Vandré; Gilberto Gil; Gilliard; Herbert Vianna; Iranilson; Ivete Sangalo; Jackson do Pandeiro; Jorge de Altinho; Lenine; Luiz Gonzaga; Lula Ribeiro; Mano Walter; Margareth Menezes; Maria Bethania; Marinês; Mestre Azulão; Michael Sullivan; Ovelha; Pabllo Vittar; Patativa do Assaré; Pedrinho Rodrigues; Raul Seixas; Reginaldo Rossi; Roberta Miranda; Sandra Duailibe; Sandro Becker; Santanna; Tiririca; Wesley Safadão; Zé Ramalho; Zeca Baleiro; Zeca Baleiro; Zezinho Barros; Zezo.



Imagem: Luiz Gonzaga - de Enciclopédia Itaú Cultural por Google

Imagem: Chiquinha Gonzaga - de E-biografia por Google



Autores: Aluísio de Azevedo; Antônio Brasileiro Borges; Apolônio Alves dos Santos; Ariano Suassuna; Arievaldo Viana Lima; Arthur Azevedo; Augusto dos Anjos; Bráulio Bessa; Castro Alves; Cego Aderaldo; Cunha Neto; Elias A. de Carvalho; Expedito Sebastião da Silva; Ferreira Gullar; Firmino Teixeira do Amaral; Francisco das Chagas Batista; Francisco Sales Arêda; Gonçalo Ferreira da Silva; Gonçalves Dias; Graciliano Ramos; Ismael Gaião; Jarid Arraes; João Cabral de Melo Neto; João Ferreira de Lima; João Martins de Athayde; João Melchíades Ferreira; Joaquim Batista de Sena; Jorge Amado; José Camelo de Melo Resende; José Costa Leite; José de Alencar; José Lins do Rêgo; José Louzeiro; José Pacheco; Josué Montello; Leandro Gomes de Barros; Lêdo Ivo; Manoel d'Almeida Filho; Manoel Monteiro; Manuel Bandeira; Mestre Azulão; Nísia Floresta; Patativa do Assaré; Rachel de Queiroz; Raimundo Santa Helena; Severino Milanês; Severino Milanês da Silva; Silvino Pirauá; Tobias Barreto; Zé da Luz (Severino de Andrade Silva). Zé Maria de Fortaleza.

3 — O primeiro amanhecer das Américas. O primeiro raio de sol de todo continente americano

João Pessoa é a cidade onde o sol nasce primeiro nas Américas. Isso ocorre devido à sua localização geográfica, sendo o ponto mais oriental do continente. O 'Ponto mais Oriental das Américas' está situado na praia do Seixas.

É uma cidade nordestina, conhecida por suas belas praias e qualidade de vida, combinando história, natureza e modernidade. O pôr do sol na praia do Jacaré, em Cabedelo, por exemplo, atrai

cerca de 38,44% dos turistas que passaram pela capital. Conhecer João Pessoa, capital da Paraíba, em qualquer época do ano, é certamente um encontro com o sol, que nasce pontualmente às 10 para 5 da manhã, no Extremo Oriental das Américas. A cidade foi fundada em cinco de agosto de 1585, sendo o terceiro centro urbano mais antigo do Brasil. É também a expressão com o ar bucólico e a tranquilidade de uma das cidades mais verdes do Brasil.



Imagem: O nascer do "Sol" em João Pessoa-PB, por Stella Gaspar



Finalizo esta narrativa dizendo que foi linda a oportunidade e a emoção em escrever sobre o “Nordeste brasileiro”. Agradeço sua leitura, esperando que tenha sido significativa.

Há muito que explorar, aprender e se encantar.

Viva bem, fique bem!

Colunista Stella Gaspar.

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"



33ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade"

**34ª
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 03 DE AGOSTO À 21 DE SETEMBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

FRASES E PENSAMENTOS

"Eu nunca fui uma moça bem-comportada [...] Eu quero da vida o que ela tem de cru e de belo. Não estou aqui para que gostem de mim. Estou aqui pra aprender a gostar de cada detalhe que tenho."

Rachel de Queiroz

"O sertão é do tamanho do mundo."

Euclides da Cunha

"Meus versos é como semente. Que nasce arriba do chão; Não tenho estudo nem arte, mas sei falar com o coração."

Patativa do Assaré

"A mentira enfraquece e a verdade nos faz forte, para suportar qualquer dor, e para sarar qualquer corte."

Bráulio Bessa

"A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte."

Mário de Andrade

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte."

Euclides da Cunha

"Sertão, argúem te cantô, Eu sempre tenho cantado. E ainda cantando tô..."

Patativa do Assaré

"Alimente sua vida com pensamento de paz."

Bráulio Bessa

"A única previsão que é certa sobre o tempo é que ele vai passar. Por isso cada momento deve ser aproveitado, vivido e depois guardado na caixa do pensamento."

Bráulio Bessa

"Uma leitura ou uma história só prestam, empolgam e nos fazem sonhar quando transmitidas com prazer e emoção."

Zélia Gattai

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUNISTAS

“O Brasil verdadeiro fica entre a Paraíba, Pernambuco e Alagoas. A oeste do Rio Grande do Norte e ao sul de Sergipe é tudo estrangeiro.”

Ariano Suassuna

Vida boa vida alegre, minha vida é um pagode,
Me criei roubando cabra,
vou morrer roubando bode.

Luiz Gonzaga

O Nordeste é mais que um lugar, é um sentimento.
É o cheiro do cuscuz, o som do forró
e o abraço quente como o sertão.

Autor desconhecido

No Nordeste, cada pedacinho de terra carrega
a história de um povo que não se entrega.

Autor desconhecido

“SUA FRASE AQUI”

Aqui, a fé e a esperança brotam mais fortes que
o mandacaru.

Autor desconhecido

Nordestino não se apressa com as estações: sabe
que o tempo certo é o que traz a chuva.

Autor desconhecido

"Ser nordestino é um estado de espírito,
cuja sintonia está ligada diretamente com
o cuscuz e a rapadura."

Autor desconhecido

Quero ser lembrado como o sanfoneiro que amou e
cantou muito seu povo, o sertão, que cantou as aves,
os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes,
os valentes, os covardes, o amor.

Luiz Gonzaga

"A felicidade é uma palavra inventada pelas
nordestinas que andam por aí aos montes."

Clarice Lispector





25



Betânia Pereira



Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em História do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de várias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

Entre os Tons do Nordeste

*"No Nordeste, cada pôr do sol é uma obra de arte."
Autor desconhecido*

A arte e nordeste se fazem conexão, e perpassam gerações. São nove estados por onde pulsam os tambores afros, os sopros indígenas e as cordas ibéricas. Nordeste é acolhimento, é lar, é lugar, é pertencimento. A arte nordestina é a própria celebração da vida que resiste em meio a situações, por vezes, adversas, constantes e dilacerantes. Temos fome e sede de alegrias, de poe-

sias, artesanato, literatura, dançar e cantar. De olhar e poetizar por ver e sentir que no sertão não há só miséria, pobreza, mas há riqueza multidiversa. O sertão é encantador. Como falar de nordeste e não se lembrar de cuscuz. Escolhi abrir essa matéria com uma imagem do cuscuz típico nordestino para aguçar nossas memórias afetivas e deliciar nossos neurônios.



Imagem de Fabricio Macedo Photo por Pixabay



Imagem: Xaxado - de Globoplay por divulgação Google

É nordeste! É terra de grandes personalidades como Ferreira Gullart, Gonçalves Dias, Aluísio de Azevedo, Jorge Amado, Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, Luiz Gonzaga e Alceu Valença, conhecidos nacionalmente por trazer a identidade do homem sertanejo, nordestino, em sua arte.

Região multiartística e cada parte tem sua particularidade, interligando-se, se comunicando e é impossível escutar xote, e não vir o Nordeste à cabeça. E não só o xote, mas também o baião, o xaxado, o frevo, o samba de coco, uma infinidade de artes e artistas por onde passamos, vivenciamos, aprendemos e aplaudimos. Como nordestina, posso celebrar: nascemos arte, vivemos e sobrevivemos arte, somos infinitamente artes.

“

AQUI SE FAZ POESIA COM A VIDA E RIMA COM ALEGRIA.

AUTOR DESCONHECIDO.

Como conceito, podemos pontuar que a cultura do Nordeste do Brasil é o conjunto de tradições e de manifestações artísticas e culturais que exprimem a identidade da sua população, caracterizando-a e tendo grande importância para a formação cultural do Brasil. A arte da região engloba diversas formas de expressão, desde o artesanato e a literatura de cordel até a música, a dança e as festas populares, mostrando a influência de povos indígenas, africanos e europeus que foram introduzidos na região com o passar do tempo, resultando num verdadeiro mosaico cultural que oferece importantes contribuições para a composição de uma cultura nacional do Brasil, desde as festas e danças típicas, como o São João, a Festa de Iemanjá e o frevo, até a culinária, com o baião de dois e o bolo de rolo, a Festa de São João, o Carnaval e a Lavagem do Bonfim.



Imagem de Anjodivino0 por Pixabay



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/08/2025"

Como podemos ver as expressões artísticas são variadas, marcada pelo regionalismo e forte sincretismo religioso entre as fiéis cristãs e aquelas de matriz africana, com grande participação de religiões como o candomblé e a umbanda nos calendários de festividades e na vida cotidiana da população, especialmente na Bahia. E muitos festejos acontecem localmente e representam tradições particulares de cada área, ao passo que existem determinadas festas que se popularizaram como festas típicas da região, atraindo milhares de visitantes de todo o país e também do mundo.

Como referência dessas festas típicas do nordeste, que se espalharam por todo o território brasileiro, têm as festas juninas, que acontecem durante todo mês de junho. Em algumas regiões, os festejos se estendem para o mês de julho. O São João nordestino adquire uma roupagem própria que se tornou referência em todo o país, como exemplos têm as festas de Campina Grande, na Paraíba, o Maior São João do Mundo, e recebe esse título por diversas razões; se estende por 31 dias, e a primeira edição aconteceu no ano de 1983.

É importante destacar, ainda, a festa junina de Caruaru, em Pernambuco, que acontece por 29 dias. Já no Maranhão, do batuque das matrakas em São Luís ao brilho das fantasias nos arraiais espalhados pelo estado, o São João se firma como uma das maiores festas populares do país. Reconhecido pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, o Bumba Meu Boi é o coração da celebração que une heranças indígenas, africanas e europeias. Além de manter viva a tradição, as atrações impulsionam o turismo, geram empregos e movimentam a economia local.



Imagem de Bumba Meu Boi por Turismo São Luís

Seguindo as manifestações artísticas dançantes, também o Carnaval, uma das festas de maior popularidade do Brasil, é celebrado em diversas partes da região Nordeste se tornou tradição e referência no país, sendo um dos grandes atrativos turísticos de cidades como Salvador, na Bahia, Recife e Olinda, ambas em Pernambuco, durante os meses de fevereiro e março. O tradicional Carnaval de Salvador é conhecido pelos blocos de

rua puxados por trios elétricos e movem, literalmente, milhões de pessoas. Em Recife, há também cultura dos blocos, com destaque para o Galo da Madrugada, considerado o maior bloco carnavalesco do mundo. Em Olinda, por sua vez, o Carnaval é marcado pelo frevo e pelos famosos bonecos de Olinda que desfilam pela cidade. O Galo da Madrugada, de Recife, é considerado o maior bloco de Carnaval do mundo.

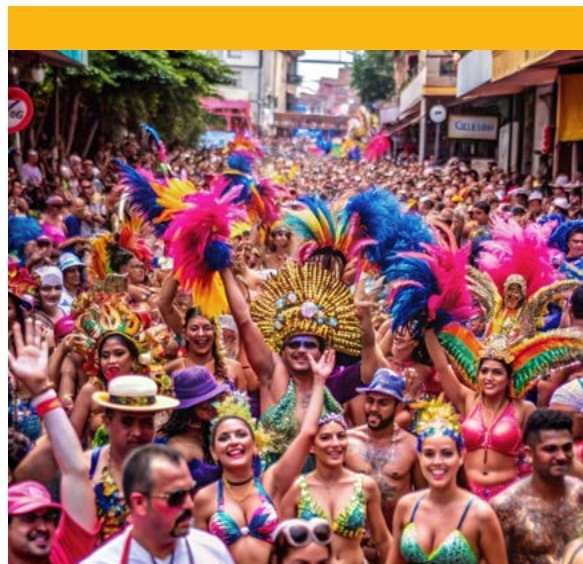


Imagem de Gannu Vector Graphics por Freepik

Dentre as celebrações religiosas que embelezam a cultura nordestina e atraem apaixonados e curiosos por todo o mundo, temos a festa de Iemanjá que acontece todo dia 2 de fevereiro em Salvador, capital baiana. Ela celebra o orixá Iemanjá, uma das divindades cultuadas nas religiões brasileiras de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Na festa, os fiéis colocam esses elementos em pequenas embarcações e lançam no mar, como oferenda a Iemanjá. Na praia é comum a realização de orações por meio de cânticos tradicionais (chamados de pontos) e a oferta de velas, geralmente brancas ou azuis, para a realização de pedidos e agradecimentos.

A literatura nordestina, especialmente a de cordel, é caracterizada pela sua linguagem regional, uso de rimas e métrica, temas variados como a seca e o cotidiano, e uma forte influência da cultura popular. Essa região pode ser descrita como um importante polo da literatura brasileira, tendo em vista que alguns dos mais renomados escritores e escritoras nacionais são oriundos de estados nordestinos. Entre os maiores nomes da literatura do Nordeste estão: Jorge Amado (Bahia); Rachel de Queiroz (Ceará); Graciliano Ramos (Alagoas); Ariano Suassuna (Paraíba); João Cabral de Melo Neto (Pernambuco); Castro Alves (Bahia); Nísia Floresta (Rio Grande do Norte).



Imagem de Gadini por Pixabay



Imagem de Freepik



Imagem de Freepik

O artesanato dessa região traz uma expressão cultural rica, com peças utilitárias e decorativas, que refletem a história e as tradições da região. Sendo uma atividade de grande importância cultural e econômica para uma ampla parcela da população nordestina, em especial para aqueles que vivem e fazem parte de comunidades tradicionais, como quilombolas, indígenas e ribeirinhos. As matérias-primas utilizadas nos trabalhos manuais são diversas: areia, barro, argila, madeira, fibras vegetais, cipós, sementes, conchas, couros, bambu e diferentes tipos de tecido. Os métodos de produção variam de estado para estado.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/08/2025"



As lendas da região supracitada têm origens diversas, notadamente indígena, africana e europeia, e representam as histórias dos seres encantados e de criaturas misteriosas que permeiam o imaginário da população nordestina desde o princípio de sua história. Já na culinária regional é possível identificar a diversidade de referências e de elementos provenientes dos povos e culturas que participaram da formação da região. Um ponto a se destacar dessa culinária é que, além dos ingredientes típicos das demais partes do Brasil, essa região conta com matérias-primas encontradas apenas nos cerrados e nos campos que formam o Sertão e o Agreste, tornando os pratos típicos do Nordeste ainda mais particulares e únicos na gastronomia brasileira.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/08/2025"

"O sol arde no meio dia, à fome não arredia, e a alegria contagia. Sou nordestina e vivo de magia."

Betânia Pereira

Chegamos ao final desse artigo, onde podemos perceber e apreciar um pouco das diversas formas de arte da região supracitadas. O Nordeste é um campo fértil de manifestações artísticas e se mantém viva, passando para novas gerações, fortalecendo a identidade, respeitando e a divulgando amplamente.

As paisagens singulares e tradições nordestinas inspiram formas de fazer arte por si só, já é arte, é único. O sertão nordestino, com sua

terra seca, cactos e vastas extensões de chão rachado pelo sol, demonstra essa singularidade da região, representando mais do que um cenário natural, uma rica fonte de inspiração, permitindo expressar não apenas a sua beleza singular, mas também tudo o que ele representa: a luta cotidiana, as tradições, a cultura e o povo e sua fé, resistência, sabedoria e força. Ou seja, trata-se de um cenário carregado, uma verdadeira abundância inspiradora para a arte. Nós somos artes!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/08/2025"



Imagem de Claudia Abril por divulgação Google

*Do cuscuz regado com azeite
a farofa de carne do pilão,
na seca, nos galhos, no canto dos
pássaros nas mangas, do chão rachado
e nas brechas a espera das chuvas,
nordestino não foge,
vive e faz. Nordestino se alimenta e vai,
nordestino rasga o mato no lombo do cavalo e
se encanta com os arranhões dos galhos.*

*Vejo flores em você! Mesmo quando os espinhos
insistem em perfurar!
Até ali!*

BETÂNIA PEREIRA

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

BLOG

LINKS

POST NO SITE



COLUMNAS E COLUNISTAS





CURSO PARA ESCRITORES

Como escrever seu
primeiro livro!

6 módulos em vídeoaula.

CLIQUE AQUI



Conheça o curso

CAMINHO DO ESCRITOR 2.0



CLIQUE AQUI



COLUNA

Vida de Autor

22



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca. Para 2025 está produzindo o primeiro volume de um romance LGBTQIAPN+ e sua primeira ficção científica.

Você já se sentiu engolido pela rotina?

Para um autor, a rotina pode ser mais massacrante do que a falta de ideias criativas na sua escrita.

Nessa matéria vamos falar sobre como sair do piloto automático e buscar novos desafios para você escritor se reconectar com o mundo ao seu redor e dessa maneira conquistar ideias criativas e novas experiências de vida. Venha comigo desvendar os mistérios da vida de autor e os caminhos que nos levam à criatividade através do cotidiano.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/08/2025"

"A rotina da criatividade"

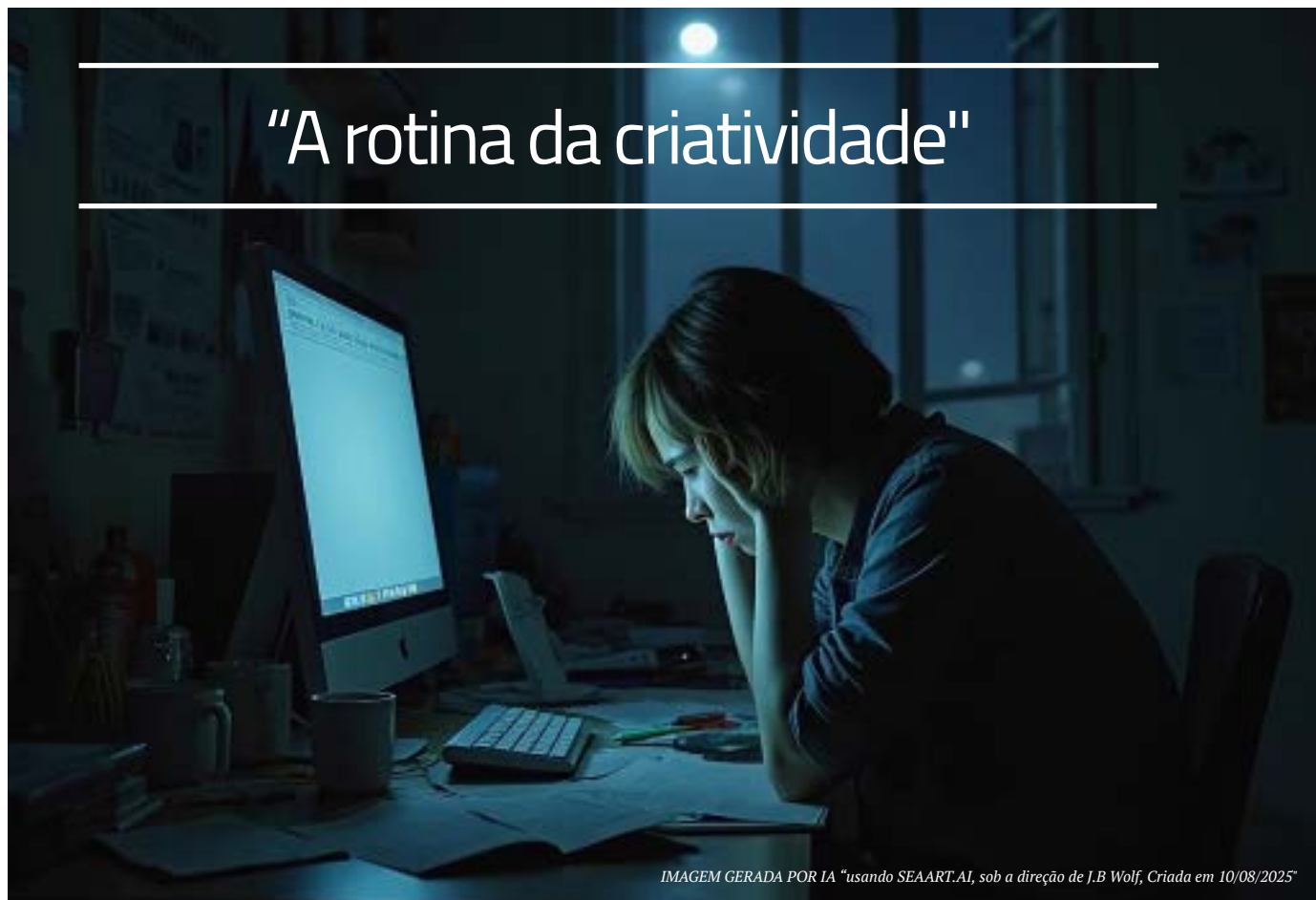


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/08/2025"

Trabalhar, estudar, organizar a casa, pagar as contas, socializar com os amigos, escrever e ser feliz. Tudo se repete com altos e baixos. As estações passam e sua rotina permanece. Sem nada muito novo ou excepcional. E assim a rotina te abraça e você se sente cansado, sem vontade de fazer algo diferente. Sem novos desejos e ambições. Sem criatividade. Tudo o que acontece na sua frente, você já experimentou e tem seus argumentos positivos e negativos sobre o tema. Não existe nada de novo!

Sua escrita não consegue se desenvolver claramente. Você sente dificuldade de terminar suas histórias, de criar conflitos para seus personagens ou pontos de ancoragens para o enredo.

Parece que nada que você escreve é bom o suficiente para seus leitores.

Existe apenas a rotina te devorando lentamente e seguindo seu fluxo naturalmente sem que você se dê conta.

Se você se identificou, não se preocupe. Vamos entender melhor como escapar disso e voltar a ter uma escrita fluida e instigante.

Rotina todo escritor tem. Tanto os que são celebridades como os que estão começando agora. Mesmo que você seja dono de uma grande empresa e tenha independência econômica, você ainda terá que pagar boletos, gerenciar seu negócio, sua vida familiar, sua vida social e os altos e baixos da sua vida.

"Tudo requer trabalho e tudo é arduamente trabalhoso de se conseguir."

Pensando nesse trabalho árduo, ganhamos a possibilidade de aproveitar os processos e assim sair da rotina com pequenas atitudes que podem transformar sua vida como escritor e trazer aquele frescor a sua escrita.

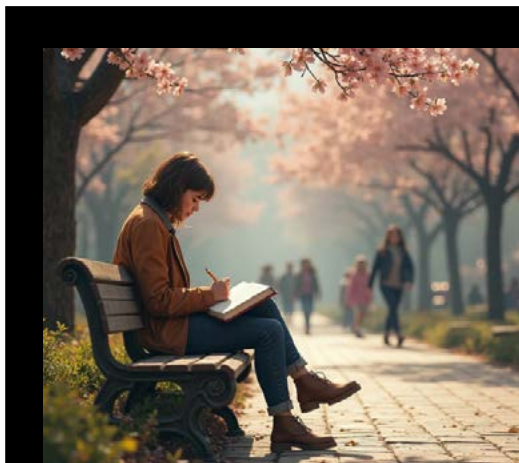


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/08/2025"

"O mínimo possível dentro de cada ação cotidiana"

Essa frase pode ser interessante de se ter em mente quando o assunto é vencer a rotina cansativa para retornar a sua escrita criativa.

Então a primeira dica é: "Tenha onde anotar sempre"

Pode ser no celular, no bloquinho de notas, na folha de sulfite, no caderno, na folha de papel de pão ou no guardanapo de papel. Não importa o local!

Tenha com você lugares que você possa anotar pequenas informações ao longo do seu dia.

Está sentado no transporte público indo para o trabalho e viu uma cena interessante no ônibus? Anote!

Ouviu uma fala que se parece com algum personagem seu? Anote!

Sentiu uma emoção diferente durante a reunião com o chefe? Anote!

Percebeu um comportamento no mercado que te chamou a atenção? Anote!

Buscar um novo vigor dentro dos estímulos que nos rodeiam, pode ser uma tarefa difícil caso você esteja anestesiado ao mundo.

Caso você queira conquistar algo novo dentro de sua rotina, você terá que começar a ver a beleza de cada experiência vestindo a roupa de seus personagens.

Como minha personagem Laís do Livro "Os Sete segredos" responderia a situação que estou vivendo agora? Será que ela iria chorar de raiva? Ou daria um soco em seu chefe e sairia correndo? Será que ela não faria nada e deixaria que a chefia abusasse da autoridade?



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/08/2025"

As boas ideias só surgem quando você enche seu potinho da criatividade com informações que podem ser usadas como referência. Então abuse da vida ao seu redor e de todas as ações que acontecem a cada instante para encher seu potinho da criatividade com informações "da vida real".



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/08/2025"

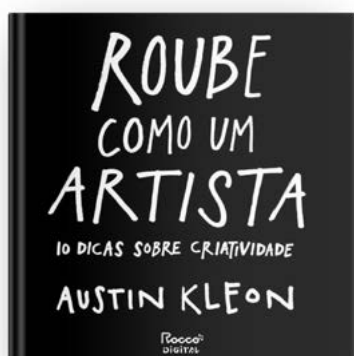


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/08/2025"

Cenas do cotidiano são os melhores ingredientes para o prato que a sua criatividade precisa se alimentar. É no básico, no "arroz com feijão" do dia a dia, que podemos sair da própria monotonia da rotina e criar novos universos. Universos esses que poderão encher os olhos de nossos leitores e trazer os bons ventos da inovação na nossa vida e na nossa escrita.

Que cada um de vocês possam se deliciar com suas rotinas e pescar delas ideias que irão transformar sua escrita.

Vou deixar abaixo algumas dicas de leitura que embasaram essa matéria para que vocês possam aproveitar mais ainda o conteúdo:



[Clique aqui](#)

Livro:
Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade



[Clique aqui](#)

Livro:
Grande magia



[Clique aqui](#)

Livro:

O caminho do artista: Desperte o seu potencial criativo e rompa seus bloqueios



[Clique aqui](#)

Livro:

Como se tornar um escritor bem malsucedido: 182 Dicas infalíveis para irritar ou afastar os leitores sem fazer força.



E aí? Gostaram das dicas?

Nos encontraremos na próxima edição onde iremos continuar a conversar sobre o processo criativo na

vida de autor. Após utilizar a rotina como uma ferramenta ágil na criação, qual seria o próximo desafio?

Aguardo vocês na nossa próxima edição!

Imagem de Mittpro por Freepik

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

LILIAN STOCCO



OLUNAS E COLUNISTAS

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES



FOTOGRAFIA



DESIGN



INSTAGRAM



POST NO SITE





JEANE TERTULIANO



Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas. Graduada em Letras Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas, é professora, escritora e palestrante com 20 livros publicados. Graduada em Letras, com pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina, é autista, com altas habilidades, TDAH e baixa visão. Feminista e ativista sociocultural, recebeu prêmios como o 1º lugar no Destaques Literários Focus Brasil – New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura (2023). Em 2024, foi eleita delegada para representar o setor "Livro, Leitura e Literatura" na 4ª Conferência Nacional de Cultura. Colunista da The Bard e membro da AIL e UBE, organiza projetos antológicos e utiliza a literatura como ferramenta de transformação.

A Prosa Poética

Há uma escrita que não se conforma. Que não pede licença nem se curva à norma. Quando uma mulher escreve com o corpo, o texto não nasce da cabeça, mas das entranhas. Não obedece ao parágrafo bem comportado, à frase simétrica, à pontuação que acorrenta. Essa escrita se enrosca, hesita, explode. Faz do desequilíbrio o seu eixo. Do abismo, um caminho.

A prosa poética, em mãos femininas, é menos um gênero e mais um gesto. Gesto de quem rasga as costuras da linguagem para respirar. Para algumas, como Rupi Kaur, escrever é bordar a dor em superfície visível. Palavras mínimas. Feridas abertas. A gramática ali é do sangue, do toque, da memória do corpo.

Em Conceição Evaristo, o que escorre da caneta é escrevivência. Uma vida que não se escreve apenas com lembrança, mas com resistência. O texto se faz em espiral, atravessando gerações. É corpo ancestral, ferida coletiva, mas também dança que rompe o chão. Sua prosa poética não deseja explicar: ela exige sentir.

Chimamanda, por outro viés, revela o poder da voz que se recusa a ser moldada. Ainda que não escreva em prosa poética em seu formato clássico, sua escrita carrega o mesmo fogo: de tornar visível o que se tentou apagar. Sua palavra é denúncia, mas também ternura. Porque escrever com o corpo não é apenas gritar, é também tocar, acolher, amar o que foi negado.

A mulher que escreve com o corpo não obedece. Ela conjura. Transforma dor em beleza, silêncio em imagem, violência em verbo. E a prosa poética, nesse sentido, é sua dança livre, sem trilho, sem rédea, sem destino fixo. Ela não pede o fim da frase. Ela aceita a pausa, o tropeço, a palavra inventada.

Talvez escrever assim seja, no fundo, um ato de fé. Não na linguagem, mas no que vibra por trás dela. Um gesto que diz: existo, mesmo quando não sei dizer.



Sim

Clarice Lispector

Eu disse a uma amiga:

– A vida sempre superexigiu de mim.

Ela disse:

– Mas lembre-se de que você também superexige da vida.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Jeane Tertuliano
Feminista, Literata e Professora

Escrevo Com O Que Escorre

Não escrevo com a mão. Escrevo com o que sobra quando o peito não aguenta mais guardar. Com o que lateja na nuca, com o que coça no ventre, com o que me olha torto do espelho.

Não sei seguir linha reta. Meu texto tropeça, sangra, goza, se arrepende. Às vezes chora bonito, outras vezes berra feio.

Mas nunca, nunca silencia.

Escrevo para não virar pedra. Para não esquecer que minha dor também tem ritmo, que meu corpo também é profecia.

Não escrevo para agradar, escrevo para sobreviver. E se a palavra arde, que arda comigo inteira!

INSTAGRAM



POST NO SITE





Cris Gomes
Escritora e Pedagoga

Querido bebê de Audrey Witz

Fui capturada quando estava no oitavo mês.

Muito embora não parecesse, tamanha era minha miséria, você passou despercebida em mim, uma vez que me alimentava de quase nada. A miséria já nos rondava há tempo.

Integrada ao grupo de trabalhos na lavoura, eu, desde as primeiras horas do dia, ia para o campo arar a terra, plantar, colher e cuidar para que o alimento crescesse e estivesse farto à mesa dos militares de alta patente do campo.

Para nós pouco sobrava.

Você nasceu numa dessas manhãs. Chegou indiferente ao que acontecia ao seu redor e chorou seu primeiro choro entre cobertas sujas e retalhos de roupa que outras mulheres me ofereceram sem perguntar nada. Logo veio a dor da separação e nunca mais pude colocar meus olhos em você.

Segui trabalhando sem esperança de salvar meu corpo e minha alma. Sabia que ambos estavam perdidos.

Minha única alegria foi descobrir, depois de algum tempo, que você fora acolhida pela esposa infértil de um combatente. Não sei como caiu nas graças da família. Só o que soube foi que a receberam e a adotaram como filha. Fato incomum naquele cenário tão cruel da guerra.

O tempo passou. Ali o chuveiro não funcionava. Toda mão-de-obra era bem-vinda. Éramos milhares de trabalhadoras a cuidar da terra. Os caminhões chegavam e saíam toda semana carregados de frutas e hortaliças.

O trabalho duro, a miséria e os maus tratos minavam nossas forças ano a ano. A fraqueza era tanta que, muitas vezes, cambaleava apoiada nas companheiras de infortúnio. Somente um caldo ralo nos era oferecido ao final do dia. E ele minguava minhas energias lentamente. Nutria-me apenas da vã esperança de tê-la em meus braços.

Continua no site...

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





21



Ladylene Aparecida



Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

ENTRE DEUSES E IMPÉRIOS: Crônicas do Berço do Mundo

Olá, querido leitor.

Hoje, não trago uma epopeia completa nem um mito com monstros e heróis. Trago fragmentos. Cacos de história que, mesmo partidos, ainda brilham com a luz de uma civilização que moldou muito do que somos — mesmo que não saibamos.

São ecos da antiga Mesopotâmia, onde os deuses ha-

bitavam templos em forma de montanha e onde cada estrela era um recado celeste.

São detalhes, mas detalhes contam muito — às vezes mais do que a narrativa inteira.

Então... Como sempre, se aconchegue, pegue sua bebida favorita e vamos de história...



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"



A Fascinante História dos Povos Mesopotâmicos

Antes das pirâmides, antes da cruz, antes até do Olimpo, havia barro, sangue e palavra. E foi assim que a civilização nasceu.

A Mesopotâmia — essa terra situada entre os rios Tigre e Eufrates, no coração do atual Iraque — não é apenas o berço da civilização. É o ventre primordial de onde brotaram impérios, mitos, leis e deuses com sede de poder. Foi ali que os acadianos, babilônios e assírios ergueram cidades, desafiaram os céus e cunharam o tempo com tabuletas de argila.

Muito antes de os deuses gregos entoarem suas tragédias nos altares do Olimpo ou dos nórdicos cantarem batalhas sob os ventos gé-

lidos de Midgard, havia uma terra entre dois rios. Ali, onde o Tigre e o Eufrates serpenteavam um deserto fértil, nasceram as primeiras cidades, os primeiros reis... e os primeiros deuses que ousaram dar forma ao universo.

Hoje, te convido a mergulhar nos véus antigos da mitologia acadiana, babilônica e assíria — irmãs de sangue, nascidas do barro e do medo, herdeiras de uma era onde céu e terra ainda negociavam seus limites.

Quando o mundo era um ventre de águas

Tudo começou com o silêncio. Depois, veio o sussurro das águas: Apsu, o abismo de águas doces, e Tiamat, o oceano salgado do caos. Unidos, eles geraram os primeiros deuses, pequenos e barulhentos. Tão barulhentos que, um

dia, Apsu quis matá-los — mas foi morto antes por Ea, o deus da sabedoria e da astúcia, que tudo via das profundezas.

Tiamat, enfurecida, deu à luz monstros: dragões alados, ser-

pentes flamejantes e demônios de olhos vermelhos. No coração dessa guerra cósmica, surgiu um novo deus — jovem, impetuoso e com olhos que enxergavam além do tempo. Seu nome era Marduk.

Com ventos e feitiços, Marduk enfrentou Tiamat. Derrotou-a e, do seu corpo partido ao meio, criou o céu e a terra. Com o sangue do monstro Kingu, fiel a Tiamat, moldou a humanidade — frágil, imperfeita, mas útil. Assim nos fizeram: para servir, carregar, rezar. Uma oferenda ambulante.

Essa é a história contada no “Enuma Elish”, o épico babilônico que celebrava Marduk como o senhor dos céus. Na Babilônia, ele não era apenas um deus — era o rei dos deuses, o guardião da ordem, o arquiteto do mundo.

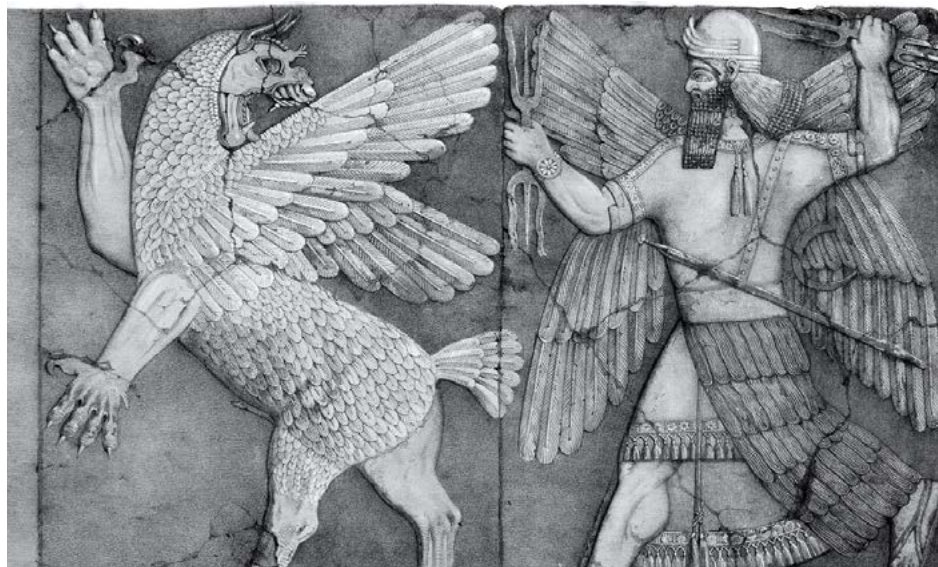


Imagem: comparação entre Marduk e Tiamat por Wikipedia

Acádios: O Primeiro Império da Palavra e da Lança

Por volta de 2300 a.C., os povos semitas começaram a ocupar as planícies férteis da Mesopotâmia, dando origem aos acadianos. Sob o comando de Sargão da Acádia, nasceu o primeiro império unificado da história — um feito monumental que anexou cidades-estado sumérias e impôs uma nova ordem.

A língua acádia, filha do semítico oriental, tornou-se o idioma oficial de reis e escribas por séculos, ecoando nas cortes, templos e tratados. Mais que um idioma, era uma ponte cultural entre reinos, e uma arma silenciosa do poder. O sistema cuneiforme, herdado e adaptado dos sumérios, foi refinado pelos acadianos como um espelho da complexidade de seu império — registros de guerra, rituais, comércio e mitologia inscritos na eternidade da argila.



Imagem de Sargão II por Wikipédia

Os acádios: entre lendas e lamentos

Mas muito antes da glória de Marduk, o império dos acádios já murmurava antigos cantos às estrelas. Com raízes fincadas entre o mito e a poesia, os acadianos herdaram os deuses dos sumérios e os renomearam como quem oferece vinho aos fantasmas.

Foi com eles que nasceu o mito de Atrahasis, o homem sábio que ouviu os deuses tramarem um dilúvio. O mundo estava sujo, barulhento, cheio demais. Os deuses queriam silêncio. Mas Ea, piedoso, sussurrou a verdade ao ouvido

de Atrahasis e lhe ensinou a construir um barco. A chuva caiu por sete dias, os ventos rasgaram os templos e o mundo foi engolido. Mas Atrahasis, como Noé depois dele, sobreviveu — e, com ele, a esperança dos mortais.

Talvez você já tenha notado a semelhança. Sim, os ecos da Bíblia já estavam ali. Muito do que os textos sagrados reproduzem surgiu primeiro nas tábuas de argila dos acádios, escritas por mãos que ainda cheiravam a barro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/08/2025"

Com o colapso do império acádio, por volta de 1894 a.C., os amoritas assumiram a cena histórica e fundaram **Babilônia**, cidade que mais tarde se tornaria um dos símbolos máximos do esplendor da Antiguidade. E foi sob o reinado de **Hamurabi**, entre 1792 e 1750 a.C., que a civilização babilônica floresceu. Seu famoso **Código de Leis** não apenas organizou a vida cotidiana, mas eternizou o princípio da justiça como instrumento divino. Um olho por um olho — e a ordem dos deuses estabelecida na terra.



Imagem de Hamurabi por Aventuras na História – Google

Babilônicos: A Cidade Onde as Leis Tinham Voz e os Jardins Tocavam o Céu

Séculos depois, **Nabucodonosor II** (604–562 a.C.) levou Babilônia ao seu auge. Sob sua tutela, ergueram-se palácios colossais, templos dourados, e os lendários **Jardins Suspensos** — um paraíso artificial criado para uma rainha nostálgica e para um povo que ansiava tocar os céus. Babilônia virou mito em vida, palco de ciúmes divinos, astrologia refinada e tramas políticas que moldaram impérios.

Babilônia: onde deuses usavam coroas

Com os babilônios, tudo se tornou grandioso. Os templos tocavam o céu. As estátuas dos deuses tinham olhos de lápis-lazúli e mãos que exigiam sangue e vinho.

Além de Marduk, havia **Ish-tar**, deusa do amor e da guerra — com seus olhos perigosos e seu coração inconstante. Um dia, ela desceu ao submundo em busca do amante morto. Despiu-se de seus adornos em cada portão e morreu ao encontrar sua irmã, a sombria **Ereshkigal**, rainha dos mortos. Só ao voltar foi possível que a terra florescesse de novo. Primavera, afinal, era o retorno da deusa.

E havia **Gilgamesh**, o rei que buscou a imortalidade depois de perder seu amigo **Enkidu**. Ele cruzou desertos, rios da morte e florestas proibidas para ouvir a verdade mais antiga do mundo: nada dura para sempre, nem mesmo os deuses.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"

Assírios: Quando o Medo se Tornou Ferramenta de Governo

E os babilônios seduziam com beleza e cultura, os **assírios** impunham respeito com ferro e fogo. Originários do norte da Mesopotâmia, ergueram um império de conquista e disciplina. A capital, **Assur**, e depois **Nínive**, tornou-se sinônimo de dominação absoluta.

Eles desenvolveram uma máquina militar de eficiência brutal: infantarias disciplinadas, cavalaria veloz, cerco sistemático e uma arte de guerra que combinava estratégia com terror psicológico. Exércitos avançavam como tormentas, deixando rastros de obediência ou destruição.

Mas nem só de sangue vivia Assíria. Os assírios construíram bibliotecas como a de **Assurbanípal**, deixaram tratados científicos e organizaram redes administrativas impressionantes. Sua engenharia erguia aquedutos, palácios e estradas que ligavam um império de proporções colossais.

O império ruiria em 612 a.C., sob o cerco conjunto dos medos e babilônicos — mas sua marca na história jamais se apagaria.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"

O império ruiria em 612 a.C., sob o cerco conjunto dos medos e babilônicos — mas sua marca na história jamais se apagaria.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"

Assíria: o império do trovão

Se os babilônios sonhavam com céus ordenados, os assírios clamavam por guerra. Eles tomaram os mitos dos seus predecessores e os pintaram de sangue. No lugar de Marduk, cultuaram Ashur, o deus guerreiro, cujos olhos varriam o campo de batalha e julgavam reis.

Ashur não foi um deus de criação, mas de conquista. Seu templo era o império. Seus sacerdotes, generais. Na Assíria, a mitologia servia ao poder. Os deuses estavam sempre prontos para castigar cidades rebeldes, amaldiçoar exércitos, esmagar impérios rivais. E mesmo assim, sob toda essa violência, os antigos contos sobreviveram.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"

Legado e Ecos no Presente

Os templos não eram apenas santuários, mas centros de saber, onde sacerdotes calculavam eclipses e interpretavam o futuro nas entranhas dos animais. A astrologia, a medicina, a literatura, o direito — tudo isso floresceu ali, e muito sobrevive até hoje, travestido de modernidade.

A **língua acádia**, mesmo após o declínio político, continuou sendo usada como língua franca diplomática por séculos. Um testemunho da força que a escrita tem para manter viva a alma de um povo — mesmo depois do colapso de seus muros.

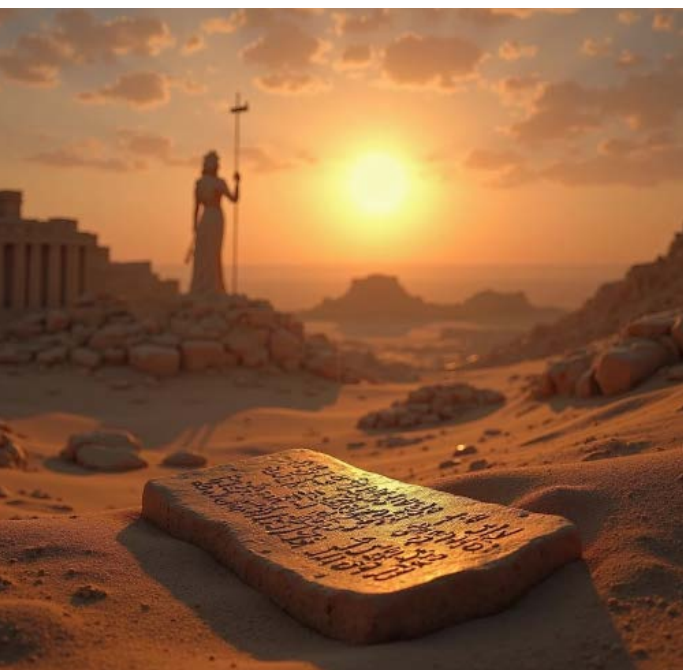
Ecos Eternos

As mitologias mesopotâmicas não desapareceram com seus impérios. Seus mitos influenciaram profundamente as tradições hebraicas, cristãs e islâmicas. O dilúvio universal, a criação do homem a partir do barro, a torre que tenta alcançar os céus — todos esses temas têm raízes nas lendas da antiga Mesopotâmia.

Hoje, ao lermos essas histórias, não apenas revisitamos o passado, mas também compreendemos melhor os alicerces simbólicos que ainda sustentam nossa cultura. Entre deuses e impérios, a Mesopotâmia nos legou mais do que ruínas: nos deu mitos que continuam a pulsar no coração da humanidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"



Entre Deuses e Homens, o Grito da Civilização

A Mesopotâmia não foi apenas um lugar no mapa — foi uma ideia. A ideia de que o homem pode se organizar, escrever sua história, legislar seu convívio e tentar, a duras penas, compreender o céu e o abismo.

De Sargão a Nabucodonoso-

sor, de Marduk a Ishtar, dos impérios de pedra às lendas de carne, tudo que esses povos deixaram pulsa em nós. A Mesopotâmia é ruína, sim — mas ruína viva, que ainda nos ensina a medir o tempo, interpretar os sinais e questionar os deuses.

CURIOSIDADES CULTURAIS

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"



Uma língua para falar com reis... e com deuses

A língua acádica não era apenas um meio de comunicação — era uma ponte entre mundos.

Durante séculos, foi o idioma que costurava tratados, selava alianças e invocava os deuses nas cerimônias mais solenes. O acádio era a língua das cartas entre faraós e reis estrangeiros, mas também a oração sussurrada diante do altar.

Era escrita com estiletes em tabuletas de argila, em traços que mais pareciam espinhos de um tempo que não cicatrizou — e que, ainda hoje, fere nossa ignorância com sua sabedoria esquecida.

Templos: morada dos deuses e do poder terreno

Na Mesopotâmia, o templo não era só templo. Era banco, era tribunal, era prefeitura.

Ali, os sacerdotes não apenas acendiam lâmpadas sagradas — eles acendiam políticas, administravam cidades, aconselhavam reis. O zigurate, com seus degraus para o céu, também era escada para o poder.

Esses homens de mantos e mistérios eram os intermediários entre o mundo visível e o invisível — e, por vezes, entre o povo e o próprio monarca.

Sagrados, sim. Mas também políticos. Porque, para os antigos, separar o sagrado do mundo era como tentar separar o barro do sopro que lhe deu forma.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"



Astros, fígados e a busca por sentido

Enquanto nós lemos horóscopos no fim da revista, os mesopotâmicos liam o céu como quem consulta uma enciclopédia divina.

Eles viam nos eclipses um prenúncio, nas conjunções planetárias uma sentença. Mas não parava por aí: o fígado de um carneiro, ainda quente e úmido, se tornava um mapa do futuro.

Cada sulco, cada dobra, era interpretado por sacerdotes adivinhos — homens que treinavam anos para ler as vísceras como quem decifra poesia.

Porque para eles, o mundo não era aleatório. O destino deixava rastros — bastava saber onde olhar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"

O cordeiro que morre por nós

Um cordeiro, um olhar inocente, um corpo entregue.

Naquela terra antiga, o sacrifício era mais do que sangue — era símbolo.

Às vezes, o cordeiro morria como substituto. Assumia o lugar do crente, do pecador, até mesmo do rei, quando os céus se mostravam hostis. Por alguns dias, ele era coroado, alimentado, tratado como soberano — só para então ser entregue ao altar.

Uma ideia que atravessou eras e se infiltrou nas veias de outras religiões, ecoando até nas palavras que muitos de nós ainda repetem: "Eis o Cordeiro de Deus."

Talvez seja esse o maior poder do mito: sobreviver mesmo quando a civilização que o criou já virou pó.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 13/08/2025"

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



COLUNA *Dialética*

20



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias..Formado Especialista em Medicina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário – Argentina.

Os Sertões Polifônicos: Uma análise de Euclides Da Cunha com olhar dialético e estético pluralístico

O Nordeste brasileiro é uma das regiões mais emblemáticas para a compreensão do processo histórico-político e cultural do Brasil.

Essa área não apenas constitui o berço da colonização portuguesa no país, mas também é palco de tensões e conflitos estruturais que explicam, em grande medida, as disparidades sociais e econômicas persistentes até hoje.

A partir da análise de referências como Paulo Freyre, Gilberto Freyre, Tobias Barreto, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Euclides Da Cunha entre outros, e movimentos culturais como a Tropicália e a Escola do Recife, é possível construir um panorama profundo e multifacetado do Nordeste.

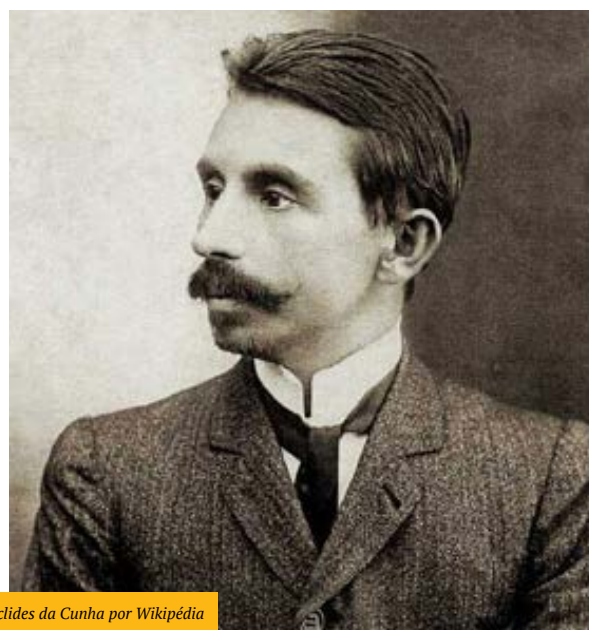


Imagem: Euclides da Cunha por Wikipédia

Historicamente, o Nordeste foi o cenário inicial do modelo colonial de exploração econômica, centrado na monocultura da cana-de-açúcar e no trabalho escravo.

Esse modelo estruturou uma sociedade marcada pelo latifúndio

e pela concentração de poder político e econômico nas mãos de uma elite agrária.

Essa estrutura gerou um Estado frágil e um sistema político patrimonialista, fenômeno que Gilberto Freyre analisou em sua obra clássica “Casa-Grande &

Senzala”.

Para ele, o patriarcalismo e as relações pessoais dominavam a vida social e política, produzindo um sistema onde as relações de poder se baseavam mais em vínculos familiares e clientelistas do que em instituições modernas.

Paulo Freire, diferentemente Gilberto, aborda o Nordeste sob a ótica da educação e da política pública, reconhecendo que a perpetuação da pobreza e do analfabetismo no sertão é resultado de um sistema social excludente.

Para Paulo, a educação libertadora é uma ferramenta para o desenvolvimento político-social da região, um caminho para romper a lógica de subalternidade em que se encontrava o homem sertanejo.

Sua análise política enfatiza a necessidade de transformar as estruturas sociais para que o Nordeste supere a condição histórica de marginalidade.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/08/2025”

Nesse contexto, as guerras e revoltas que tomaram conta da região, como a Guerra de Canudos (1896-1897), não podem ser compreendidas apenas como conflitos isolados, mas como manifestações da resistência popular contra a centralização do poder e as políticas repressivas do Estado republicano emergente.

A resistência de Antonio Conselheiro e seus seguidores representa uma negação do modelo oficial de poder, colocando em evidência o embate entre o sertão marginalizado e as forças centralizadoras. Essa guerra simboliza o choque entre um Brasil rural e tradicional e o projeto modernizador do Estado.

A obra Os Sertões, publicada em 1902 por Euclides da Cunha, é um marco fundamental para entender o Nordeste brasileiro, sobretudo o sertão, a partir de uma perspectiva interdisciplinar que abarca história, sociologia, geografia e literatura.

Ao narrar a Guerra de Canudos, Euclides não apenas relata o conflito, mas oferece uma análise complexa da região, de seu povo e de suas condições materiais, políticas e culturais.

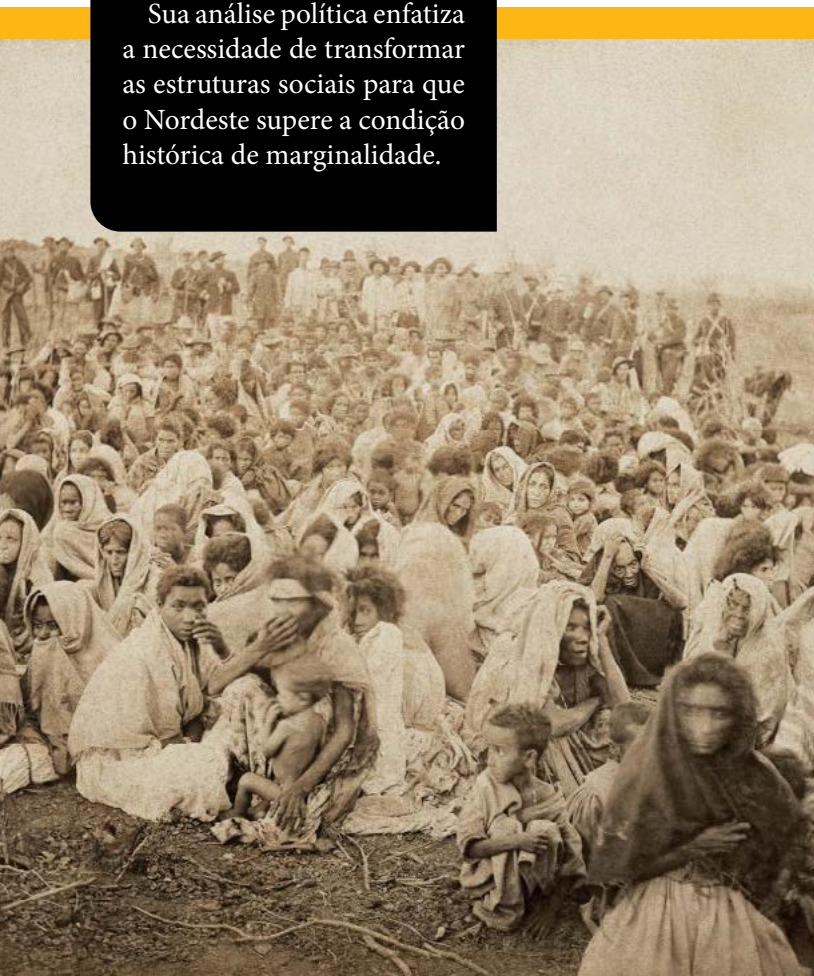


Imagem de prisioneiros na Guerra de Canudos (1896-1897) por IMS - Google



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/08/2025"

"Canudos - Não se fez uma guerra, subordinada a preceitos invioláveis - fez-se uma diligência policial com oito mil homens."

Euclides da Cunha



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/08/2025"

Seu trabalho revela a dureza do ambiente natural, as particularidades do homem sertanejo e o confronto trágico entre a cultura sertaneja e o Estado republicano.

Euclides descreve o sertanejo como um ser adaptado às adversidades do semiárido, dotado de uma resistência física e cultural notável, mas também marginalizado pelo projeto nacional oficial, que via o sertão como um obstáculo à modernização.

A Guerra de Canudos representa, para Euclides, o choque entre o atraso e a modernidade, entre a ordem estatal e a resistência popular. Contudo, essa resistência é esmagada com brutalidade pelo Estado, que mobiliza forças militares para

destruir a comunidade de Antonio Conselheiro, em um episódio marcado por violência extrema e destruição.

Ao relacionar essa análise com o conceito contemporâneo de genocídio, pode-se argumentar que o massacre de Canudos, e outras formas de violência estatal no Nordeste, configuram uma forma de genocídio estrutural, ainda que não tipificado formalmente como tal.

O genocídio, no sentido ampliado da palavra, não se limita ao extermínio físico em massa, mas inclui a destruição sistemática de grupos sociais, culturas e modos de vida, por meio da negação de direitos, da exclusão social e da violência simbólica e material.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/08/2025"

Nesse sentido, a política de Estado contra o sertanejo de Canudos pode ser vista como um genocídio cultural e social: a tentativa de erradicar não apenas pessoas, mas uma cultura inteira, seus valores e sua organização comunitária. Essa violência se insere numa lógica maior de genocídio histórico contra populações indígenas, quilombolas e sertanejas no Brasil, que sofreram a expropriação de suas terras, a marginalização social e a violência institucional.

A leitura de Os Sertões na perspectiva do genocídio amplia a compreensão das violências sofridas pelo Nordeste, que não se restringem a episódios isolados, mas fazem parte de um processo contínuo de exclusão.

A seca, a fome, o abandono estatal, o latifúndio e a violência política constituem mecanismos por meio dos quais o

Estado e as elites mantiveram o controle sobre a região, promovendo a morte lenta e silenciosa de milhares de vidas sertanejas.

Autores como Graciliano Ramos, em obras como Vidas Secas, dão voz a essa experiência de genocídio estrutural, mostrando o sofrimento cotidiano causado pela seca e pela fome, mas também pela ausência de políticas públicas eficazes, que perpetuam a condição de vulnerabilidade da população nordestina. A literatura sertaneja, assim, é um espaço de denúncia e resistência contra essa forma de extermínio social.

Do ponto de vista da sociologia política, o genocídio estrutural no Nordeste está ligado à manutenção de um sistema de poder oligárquico e patrimonialista, que usa a violência – tanto física quanto simbólica – para controlar as populações e garantir a reprodução das desigualdades regionais.



Imagem de Sailecampos por Pixabay

A destruição da comunidade de Canudos foi um ato político que buscava reafirmar a ordem social e a autoridade do Estado, eliminando qualquer ameaça à hegemonia das elites.

Essa análise se conecta com as reflexões de Gilberto Freyre sobre o Brasil como uma sociedade marcada por relações assimétricas de poder e hierarquias sociais, nas quais a violência e a exclusão são elementos estruturantes.

A interpretação de Paulo Freyre, por sua vez, reforça a necessidade de políticas de inclusão e educação como formas de reparar, ainda que parcialmente, as cicatrizes deixadas por essa violência histórica.

A historiografia brasileira tem revisitado Os Sertões e a Guerra de Canudos com uma visão crítica, superando leituras que romantizam ou criminalizam o sertanejo, para enfatizar o caráter político da violência e o direito à diversidade cultural e social.

Reconhecer o genocídio estrutural no Nordeste é um passo fundamental para compreender a persistência das desigualdades e para construir políticas públicas que promovam justiça social e reparação histórica.

Em suma, a obra de Euclides da Cunha, articulada ao conceito de genocídio, permite uma leitura profunda das violências sofridas pelo Nordeste brasileiro, mostrando que o conflito de Canudos não foi um episódio isolado, mas parte de uma lógica histórica de extermínio e marginalização, cuja compreensão é imprescindível para a reflexão crítica sobre a política, a cultura e a identidade da região.

Na literatura, autores como **Graciliano Ramos**, **José Lins do Rego** e **Rachel de Queiroz** já citados, emergem como vozes fundamentais para a representação do Nordeste sertanejo, cada um com uma perspectiva própria, mas convergindo na crítica social e no retrato das condições de vida. Graciliano, em “**Vidas Secas**”, oferece uma visão trágica e quase documental da luta pela sobrevivên-

cia diante da seca e da miséria, com uma linguagem sóbria e contida que reflete a dureza do ambiente.

José Lins do Rego explora a decadência do engenho e a transformação social causada pela modernização agrícola, marcando a passagem do mundo rural para a industrialização incipiente.

Rachel de Queiroz, com sua sensibilidade feminina, destaca os dramas cotidianos do sertão, evidenciando a força e a resistência das mulheres diante da adversidade.

Esses escritores não apenas narram, mas denunciam e problematizam as condições de vida nordestinas, contribuindo para a construção de uma consciência social crítica.



Imagem de Luiz Gonzaga por divulgação Google

No campo da cultura popular, a música nordestina representa uma das expressões mais vibrantes da identidade regional.

O baião, o forró e o repente são gêneros musicais que retratam o cotidiano, as tradições e a religiosidade do sertão, com artistas como **Luiz Gonzaga** elevando essas manifestações à projeção nacional.

Gonzaga, conhecido como “**o rei do baião**”, deu voz aos excluídos, tornando o Nordeste visível para o

resto do país por meio de suas letras que falam de seca, migração e vida rural.

A **Tropicália**, movimento cultural surgido nos anos 1960, trouxe uma nova dimensão ao diálogo entre Nordeste e o Brasil. Embora centrada no eixo Rio-São Paulo, a Tropicália incorporou elementos da cultura nordestina, como os ritmos e a poética popular, para desestabilizar o conservadorismo cultural e político da ditadura militar.

“Quero ser lembrado como o sanfoneiro que amou e cantou muito seu povo, o sertão, que cantou as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os covardes, o amor.”

Luiz Gonzaga

Imagem de Tropicália por divulgação Google





Imagem: Escola do Recife por Portal Factótum Cultural - Google

Tobias Barreto, precursor da sociologia no Brasil, influenciou o pensamento crítico sobre as instituições e as estruturas sociais do país. Sua ênfase no estudo das bases materiais e culturais da sociedade e na crítica ao formalismo jurídico contribuiu para a compreensão das relações de poder e dominação no Nordeste, onde as estruturas tradicionais se impõem contra as tentativas de modernização.

Barreto oferece um olhar filosófico que dialoga com as questões sociais do Nordeste, valorizando a crítica e a transformação.

No âmbito da sociologia política, o Nordeste permanece um terreno fértil para a análise das relações clientelistas e patrimonialistas que marcam a política local e nacional.

A fragmentação do poder em oligarquias regionais e o fenômeno do coronelismo dificultaram a consolidação de instituições democráticas, criando uma política marcada por trocas de favores e dominação social.

Essa realidade política foi e é fundamental para entender as dinâmicas eleitorais, as resistências populares e os processos de mudança social na região.

Artistas como **Caetano Veloso** e **Gilberto Gil**, com raízes e referências nordestinas, questionaram a identidade nacional e propuseram uma nova leitura da cultura brasileira, em que o Nordeste ocupa um lugar fundamental de resistência e reinvenção cultural.

A Escola do Recife, movimento intelectual do século XIX, contribuiu para a legitimação do regionalismo cultural nordestino e para a compreensão das

especificidades locais dentro do projeto nacional brasileiro.

Inspirada pelo positivismo e pelo estudo crítico das ciências humanas, a Escola buscava estabelecer uma identidade cultural própria do Nordeste, afirmando a importância da região na construção do país. Essa postura valorizava o estudo histórico e cultural da região, o que facilitou a inserção do Nordeste nos debates nacionais de sociologia e historiografia.



Imagem de Tobias Barreto por divulgação Google



Finalmente, a historiografia brasileira, ao incorporar essas dimensões culturais, políticas e sociais, revisitou o Nordeste não apenas como um espaço periférico ou atrasado, mas como um território de resistência cultural e social, que ajuda a pensar o Brasil em sua diversidade e complexidade. Essa abordagem crítica superou visões estereotipadas e permitiu uma leitura mais justa e abrangente da região.

Assim, a análise do Nordeste brasileiro revela uma região mar-

cada por contradições — entre tradição e modernidade, exclusão e resistência, pobreza e criatividade cultural — que refletem as múltiplas faces da construção do Brasil.

A interseção entre política, cultura e literatura, apoiada no pensamento de autores clássicos e movimentos culturais, oferece um quadro amplo e profundo para compreender o lugar do Nordeste no imaginário nacional e no desenvolvimento social brasileiro.

Jorge Amado ocupa um lugar central na literatura brasileira, especialmente na representação do Nordeste, trazendo uma estética literária marcada pela valorização das culturas populares, das lutas sociais e das tensões entre opressão e resistência.

Sua obra, que se desenrola principalmente na Bahia, constitui uma resposta vibrante às condições históricas, sociais e políticas da região, complementando e enriquecendo o quadro apresentado por autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.

A estética de Jorge Amado é profundamente popular e engajada.

Ele adota uma narrativa rica em personagens vivos, cheios de cor, força e diversidade, frequentemente pertencentes às camadas marginalizadas — trabalhadores rurais, pescadores, trabalhadores urbanos, mulheres e povos indígenas e afrodescendentes.



Imagem de Jorge Amado por divulgação Google

Essa estética é marcada pela oralidade, pela valorização das tradições culturais afro-brasileiras, pela festa, pelo sincretismo religioso e pelo cotidiano do povo simples, que ganha uma voz poderosa nas suas histórias.

Diferentemente do tom mais seco e realista de Graciliano Ramos, ou da introspecção trágica de Rachel de Queiroz, Jorge Amado utiliza um estilo que mescla o lirismo com a crítica

social contundente, apresentando a vida do povo nordestino como uma celebração da resistência e da cultura popular.

Essa estética é tanto uma denúncia das injustiças e desigualdades quanto uma afirmação do valor e da riqueza cultural do Nordeste, contrapondo-se às narrativas de exclusão e marginalidade que marcam a região desde a época de Euclides da Cunha.

Em obras como *Capitães da Areia*, *Terras do Sem Fim* e *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, Jorge Amado revela as contradições de uma sociedade marcada pelo conflito entre opressão e liberdade, tradição e modernidade.

Sua escrita social denuncia as condições de exploração dos trabalhadores e a violência das estruturas de poder, mas também celebra a alegria, a criatividade e a solidariedade das comunidades nordestinas.

Através de sua estética literária, Jorge Amado contribui para uma reconfiguração do imaginário nordestino no Brasil, oferecendo uma visão que transcende o estereótipo da pobreza e da seca para incluir a riqueza cultural, a diversidade e a força do povo nordestino. Essa abordagem dialoga com os estudos de Gilberto Freyre, que reconhecem a importância da cultura afro-brasileira e da miscigenação como elementos constitutivos da identidade nacional, e com a crítica política de Paulo Freyre, que defende a inclusão social e a educação como caminhos para a emancipação.

“Não pode haver criação literária mais popular, que fale mais diretamente ao coração do povo do que a trova. É através dela que o povo toma contato com a poesia e sente sua força. Por isso mesmo, a trova e o trovador são imortais.”

Jorge Amado



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 17/08/2025"

Assim, Jorge Amado funciona como um elo essencial entre a denúncia das violências históricas — retratadas em *Os Sertões* e na literatura do ciclo do cangaço — e a celebração das expressões culturais e sociais que formam a identidade nordestina, ajudando a construir uma literatura que é ao mesmo tempo crítica e profundamente enraizada na cultura popular.

Sua obra reafirma a importância do Nordeste no cenário literário e político brasileiro, como espaço de resistência, transformação e riqueza cultural.

A literatura cearense, apesar de ser uma das expressões culturais mais significativas do Nordeste, apresenta características e desafios que merecem uma análise crítica, sobretudo quando comparada com as obras e autores de outras áreas da região. Embora tenha produzido escritores de grande importância, como José de Alencar em seus primeiros momentos e, posteriormente, nomes como Rachel de Queiroz e José de Castro Alves, a produção literária do Ceará muitas vezes revela tensões entre tradição e inovação, bem como limitações em dialogar plenamente com as complexas questões sociais e políticas da região.

Rachel de Queiroz, talvez a autora cearense mais emblemática, teve um papel pioneiro ao trazer o sertão e suas dificuldades para o centro da literatura nacional, inaugurando uma perspectiva feminina e socialmente engajada dentro do romance regionalista.

No entanto, sua obra, embora marcante, é frequentemente vista como situada entre o conservadorismo e a modernidade, o que gerou críticas por parte de alguns

intelectuais que apontam certa moderação na denúncia das injustiças sociais, especialmente em suas primeiras obras.

Por outro lado, a literatura cearense tradicionalmente se caracterizou por um forte apego ao regionalismo folclórico, às vezes com ênfase excessiva em imagens estereotipadas do sertão e da seca, o que pode limitar o alcance político e social das narrativas.

Essa ênfase folclórica tende a reforçar uma visão quase turística da cultura local, deixando de lado as profundezas das questões estruturais que atravessam o Nordeste, como as desigualdades sociais, o coronelismo e as dinâmicas de poder que influenciam a vida do sertanejo.

Além disso, comparada a outras vertentes da literatura nordestina — como a produção mais crítica e politizada de Graciliano Ramos em *Alagoas* ou de José Lins do Rego na *Paraíba* — a literatura cearense muitas vezes foi acusada de uma menor radicalidade em sua crítica social, privilegiando a construção de uma identidade cultural mais conciliadora e menos contestatória.



Imagem de Rachel de Queiroz por divulgação Google

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 17/08/2025"

Isso não significa ausência de valor, mas evidencia uma limitação no diálogo com as questões estruturais do poder e da exclusão, fundamentais para uma análise mais contundente da realidade nordestina.

Entretanto, nos últimos tempos, a literatura cearense tem buscado se renovar, ampliando seus horizontes temáticos e adotando abordagens mais críticas e plurais, incorporando vozes urbanas, femininas e marginalizadas que desafiam os velhos clichês do sertão seco e esquecido.

Essa renovação é importante para que a literatura da região possa dialogar mais profundamente com a sociologia política e com a historiografia crítica que tem revisitado o Nordeste como espaço de resistência e complexidade.

Em síntese, a literatura cearense, embora fundamental para a formação do cânone regional e nacional, precisa constantemente superar suas limitações no tratamento das questões sociais e políticas, evitando a estagnação no folclorismo e no regionalismo simplificado.

O desafio é construir uma narrativa que se situe entre a valorização cultural e a denúncia crítica das injustiças, incorporando as complexidades do sertão e as dinâmicas políticas que moldam o cotidiano do Nordeste.

O historiador Carlos Guilherme Motta enfatiza que a historiografia crítica deve “desnaturalizar as relações de poder e revelar as estratégias de dominação e resistência” presentes na formação social brasileira, sobretudo nas regiões marcadas por profundas desigualdades, como o Nordeste (Motta, 2014).

Para Motta, a história oficial frequentemente silencia ou distorce as experiências dos povos marginalizados, dificultando a compreensão dos processos de exclusão social e dos conflitos, como exemplificado na Guerra de Canudos.

Essa abordagem crítica é fundamental para entender a violência estrutural que atravessa a região e se manifesta tanto em episódios de conflito direto quanto na persistente desigualdade social.

Complementando essa visão, Michel Foucault fornece um arcabouço teórico para entender como o poder atua sobre os corpos e as populações.

IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAKT.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 17/08/2025”



Segundo Foucault, “o poder não é uma propriedade, uma instituição ou uma estrutura; é o nome que se dá a uma situação estratégica complexa numa sociedade dada” (Foucault, 1975, p. 93).

Essa noção de poder como difuso e presente em múltiplas relações permite compreender o genocídio estrutural que se verifica no Nordeste, onde o controle social, o abandono estatal e a violência simbólica operam como mecanismos de exclusão e dominação prolongada.

O Estado, na perspectiva foucaultiana, disciplina os corpos sertanejos, moldando-os conforme os interesses da ordem dominante.

A análise de Pierre Bourdieu sobre as dinâmicas de poder cultural é igualmente relevante. O conceito de habitus, definido como “sistemas duráveis de disposições estruturadas e estruturantes” (Bourdieu, 1996, p. 53), explica como as práticas sociais e as percepções do mundo são moldadas por posições sociais, reproduzindo a desigualdade.

No campo literário nordestino, essa teoria ajuda a entender como autores de diferentes origens sociais criam representações do sertão e do Nordeste, ao mesmo tempo em que enfrentam ou reproduzem as estruturas de poder hegemônicas.

A obra literária torna-se, assim, um campo de disputa simbólica, onde se negociam identidades e resistências.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 17/08/2025”

No campo da epistemologia literária, a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer destaca que a compreensão do texto literário é um processo dialógico, onde o leitor “participa de um encontro vivo com a historicidade do texto, num horizonte de expectativas em constante fusão” (Gadamer, 1975, p. 269).

Essa fusão de horizontes é fundamental para que leitores contemporâneos possam dialogar com obras como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, percebendo não só seu valor documental, mas também sua crítica implícita às estruturas de poder que marcaram o sertão nordestino.

Mikhail Bakhtin, por sua vez, apresenta a noção de dialogismo, que entende a linguagem e a literatura como espaços de múltiplas vozes em conflito e interação.

Para Bakhtin, “a obra literária é um diálogo entre vozes heterogêneas, onde cada palavra é respondida por outra” (Bakhtin, 1984, p. 293).

Essa perspectiva é especialmente útil para analisar a literatura nordestina, que reflete as tensões entre a voz do povo sertanejo, os discursos oficiais do Estado e as diferentes camadas sociais, construindo uma narrativa polifônica e di-

nâmica.

Portanto, articulando as contribuições de Motta, Foucault, Bourdieu, Gadamer e Bakhtin, pode-se afirmar que a literatura e a historiografia do Nordeste funcionam como instrumentos críticos para a compreensão das relações sociais e políticas da região.

Elas não apenas denunciam as violências e desigualdades históricas, mas também promovem o diálogo entre as vozes marginalizadas e a cultura hegemônica, criando possibilidades de resistência e transformação social.

Clayton Alexandre Zocarato

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLONAS E COLUNISTAS





LITERAR

Human

11



SUELI LOPES



Autora, escritora, com 7 livros solo e 3 antologias publicadas. Na UFG, formou-se em Letras e foi professora, como na PUC-Go. Pós-graduada em Literatura (Univ. de Salamanca, Es). CEO do Gr. Int. de Escritores Vozes da Diáspora, Londres, onde promove visitas literárias e culturais. Acadêmica da AILB, NY e da FEBACLA, onde também é Chanceler da Emb. Cultural da Paz. Pesquisadora de Escrita Humanizada e Topofilia. Para ela, escrever é uma forma de fazer do mundo um lugar melhor.

Prezado leitor e leitora da Revista The Bard, estou no Porto, Portugal. Quem acompanha a minha escrita, sabe o quanto gosto de assimilar a alma dos lugares por onde passo. Em minhas caminhadas, visitei os Jardins do Palácio de Cristal. Do alto, eu observei o contraste dos prédios modernos ao lado dos jardins tão antigos e preservados. No miradouro, os telhados da arquitetura portuense traziam harmonização às cores das arquiteturas antigas, em tons pastéis, até meus olhos alcançarem o Rio Douro.

Aos poucos, uma ideia me alimentava, quase como os galhos que balançavam no vento de um dia de verão. Dali, vi a cidade se dobrando sobre si mesma: o elétrico serpenteava pelas ruas, igrejas antigas tocavam seus sinos e suas torres se mostravam vivas. Mas os prédios modernos apontavam para outro tempo. A Livraria Lello, silenciosa, me acenava como se fosse uma carta antiga guardada no coração.

Ao descer, fui ao Jardim de São Roque e me perdi no labirinto, tom de musgo, quase uma voz vegetal. Só me veio à memória Jorge Luís Borges e seu conto "O Jardim das Veredas que se Bifur-

cam". Ali, percebi que cada passo abre um caminho, cada respiração contém um desvio. Foi ali que nasceu este texto.

Convido você a entrar comigo nesse jardim — um jardim de palavras, caminhos e segredos.



Imagem de arquivo pessoal – Sueli Lopes

O jardim infinito das escolhas: percursos e enigmas em Borges



IMAGEM GERADA POR IA
"usando SEAART.AI, sob a
direção de J.B Wolf,
Criada em 18/08/2025"

O espaço como personagem

Ao andar pelas ruas do Porto, re-
cordei que o espaço sempre me olha
de volta. Ali, mais uma vez, ele não
era apenas fundo: pulsava como um
coração enterrado sob as pedras.

Borges nos faz lembrar que es-
paço não é um desenho fixo. É uma
rede viva, uma trama de presenças e
ausências. Em cada rua antiga, uma
mão invisível guarda histórias; em

cada curva, um rumor de passos
que já passaram.

Na literatura, o espaço se tor-
na personagem. Ele não apenas
contém a ação: participa, sugere,
decide. Nas praças silenciosas, há
uma voz que chama. Nos becos, um
convite ao desvio. O espaço é um
viajante sem rosto, um cúmplice.

Se olharmos com atenção, veremos que a cidade também conta suas narrativas. Há lugares que retêm lembranças como um livro fechado. Outros são portas abertas, sempre à espera de quem se atreva a entrar. Em Buenos Aires, Borges plantou labirintos invisíveis. No Porto, os labirintos se escondem entre as fachadas coloridas, nas varandas, nos sinos que soam sem aviso. E também nos jardins.

O espaço revela que cada pessoa é um jardim em constante movimento. Somos uma coleção de ruas internas, um mapa íntimo feito de becos e praças. Quando lemos, caminhamos dentro de outros corpos, visitamos geografias alheias. Ao passear num jardim ou num conto, entramos em diálogo com aquilo que está além da pele.



Bachelard dizia que a casa não é apenas abrigo, mas extensão do ser. Podemos dizer o mesmo da cidade, do quarto, do banco de praça onde alguém lê. O espaço se faz espelho. Não se limita a guardar memórias: cria novas. Cada esquina é uma hipótese de vida.

A literatura nos dá coragem de ocupar esses espaços com o passo inteiro, sem medo de se perder. Ela nos lembra que o perder-se não é falha: é passagem. O espaço como personagem nos aproxima do outro, nos faz sen-

tir que somos menos fronteira e mais travessia.

Ao transformar o espaço em voz, a literatura realiza o maior gesto de humanidade: dissolve muros, abre portões invisíveis. Ao entrar num jardim ou num conto, deixamos de estar sós.

Assim, seguimos. Com o corpo em Porto, no Nordeste do Brasil ou Buenos Aires, com o coração dentro de uma página ou entre árvores. O espaço nos chama. E nós respondemos, mesmo que em silêncio.



Imagem de Guia Melhores Destinos por Google
IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI,
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/08/2025"

O jardim das veredas que se bifurcam e seu enigmas

Ao pensar o espaço, costumamos concebê-lo como algo fixo, uma superfície sobre a qual transitamos, erguemos casas, desenhamos mapas. Mas há um outro espaço, mais sutil, que se estende como uma bruma sobre cada passo dado: o espaço das possibilidades. O conto "O jardim das veredas que se bifurcam", de Jorge Luis Borges, nos conduz a esse território invisível onde cada decisão abre uma porta para infinitas outras.

Na verdade, Borges nos apresenta uma alusão do espaço além do espaço.

Quando pensamos em lugar, quase sempre o imaginamos como um palco definido, onde os acontecimentos se desenrolam como uma peça bem ensaiada. Mas para ele, o espaço não é apenas chão: é um organismo pulsante, feito de miragens e trajetórias possíveis. É um jardim que se estende em todas as direções, um corpo vivo que respira nossas decisões.

No conto "O jardim das veredas que se bifurcam", Jorge Luis Borges não apenas nos narra uma história, mas nos coloca frente a um espelho que revela a multiplicidade oculta sob cada instante. Durante a leitura, temos a nítida impressão que cada palavra, cada silêncio, contém um embrião de infinitas realidades paralelas. Uma citação dele, de outro texto:

"O tempo é uma substância da qual sou feito. O tempo é um rio que me arrebatava, mas eu sou o rio; é um tigre que me devora, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo."

Assim, o espaço, a época e a matéria se dissolvem em um único labirinto vivo, feito de pensamentos, gestos e destinos.

O tempo em espiral: não linearidade e eternos retornos

Quem leu Borges, provavelmente percebeu que, para ele, a passagem temporal é um enigma maior que qualquer relógio. Em suas ficções, passado, presente e futuro deixam de ser linhas retas e passam a ser espirais, espelhos, ondas. O tempo não flui como um rio, mas se espalha como uma teia luminosa, onde cada ponto pode ser o começo ou o fim.



Imagem de arquivo pessoal – Sueli Lopes



Imagem de arquivo pessoal – Sueli Lopes

Essa percepção do momento aproxima Borges da Física Quântica, que propõe que o universo não é fixo, mas uma nuvem de probabilidades. Para o físico Hugh Everett III, no que ficou conhecido como a "interpretação dos muitos mundos", cada decisão possível cria um universo novo, coexistente, embora invisível para nós. Assim, existe um cosmos em que Yu Tsun não mata Albert. Outro, em que não é capturado. Outro, em que sua mensagem nunca chega.

O tempo não nos atravessa: nós somos a encarnação dele, somos o próprio jardim onde cada vereda nasce.





IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/08/2025"

A Física Quântica e o labirinto das escolhas

Na mecânica quântica, um elétron não tem posição definida até que alguém o observe. Ele "existe" em todas as posições possíveis ao mesmo tempo. Para Borges, o ser humano também vive assim: em cada momento, habitamos todos os futuros ao mesmo tempo. Cada escolha é como o ato de medir o elétron: define uma trajetória, mas anula todas as outras.

Assim como no conto, nossa vida parece linear apenas porque só podemos caminhar em uma direção por vez. Mas se olharmos com atenção — ou com o olhar poético do imortal

escritor argentino, veremos que cada "não" dito, cada hesitação, cada caminho abandonado, continuam a existir em uma dimensão oculta, bifurcando-se sem cessar.

Essa ideia pode ser notada também em Nietzsche, que falava do "eterno retorno": tudo o que aconteceu voltará a acontecer, infinitas vezes, em todas as variações possíveis. Borges leva essa intuição ao extremo: cada variação é real em algum universo, como um ramo novo que nasce silenciosamente no jardim.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/08/2025"

No centro dessa ficção labiríntica está Yu Tsun, um espião chinês a serviço do império alemão, que corre pelas estradas e jardins da Inglaterra durante a Primeira Guerra Mundial. Sua missão é urgente: transmitir ao exército alemão a localização de um parque de artilharia inimigo antes que o capitão Madden o alcance. Em seu caminho, encontra Stephen Albert, um estudioso que vive cercado por livros, enigmas e a reverbação do passado.

A missão de Yu Tsun e o labirinto do avô

Yu Tsun está a serviço da Alemanha e corre contra o tempo e contra seu perseguidor, o capitão Madden. Sua missão é transmitir um nome, “Albert”, que denunciará ao exército alemão a localização estratégica das armas britânicas. O nome não será transmitido por rádio nem por carta, mas por um assassinato publicado nos jornais — um gesto que transforma o crime em linguagem.

Ao chegar à casa de Stephen Albert, Yu Tsun reencontra seu avô, Ts’ui Pên, não em carne, mas em ideia. Ts’ui Pên abandonou o governo para construir um romance-labirinto. Um texto fragmentado, contraditório, que parecia fracasso. Mas Albert o compreende: cada contradição não era erro, mas um ramo. Cada

desvio era uma vereda nova. Assim como no jardim, cada caminho se bifurca em outros, infinitamente.

Albert, como um Hermes literário, decifra para Yu Tsun o maior enigma de sua linhagem: o misterioso legado de seu avô, Ts’ui Pên, que abandonara a política para criar simultaneamente um romance e um labirinto. O romance parecia incoerente, fragmentado, feito de capítulos que não se costuravam em uma linha única. O labirinto físico, jamais encontrado, sobrevivia apenas como uma miragem. Mas, para Albert, o romance era o labirinto. Cada capítulo representava uma bifurcação de tempo, cada página um universo que coexistia com infinitos outros.

No instante em que Yu Tsun atira em Albert, entregando seu nome ao inimigo, o conto se bifurca novamente. Mata-se um homem, mas revela-se um enigma. Denuncia-se uma posição militar, mas se revela uma metafísica. Borges nos conduz a enxergar que o assassinato não é apenas ato de guerra, mas também gesto literário, chave que abre uma das muitas portas do jardim.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/08/2025”



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/08/2025”



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/08/2025"



Assim, ele ergue o labirinto como metáfora do mundo. Não há centro fixo, não há saída definitiva. A busca desesperada por um núcleo (a verdade, a identidade, o sentido) é, em si mesma, uma caminhada interminável. Como expressou Friedrich Nietzsche, “o deserto cresce: aí daquele que abriga desertos dentro de si.” O labirinto borgiano não é apenas geográfico, mas também existencial; nele, o leitor encontra seus próprios abismos.

A imagem do labirinto perpassa mitos antigos: o Minotauro esperando no centro, o fio de Ariadne que promete salvação. Na modernidade, a cidade se tornou o novo labirinto: suas ruas tortuosas, passagens secretas, muros invisíveis. Borges transfigura Buenos Aires numa rede de becos que se perdem na memória, um espaço quase onírico onde cada esquina é um portal. A cidade não é apenas cenário: é personagem viva, multiplicada em reflexos, como em um caleidoscópio.

Yu Tsun, como um Teseu hesitante, caminha

num espaço em que cada passo carrega todas as suas alternativas não escolhidas. “Deixo aos vários futuros (não a todos) meu jardim de caminhos que se bifurcam”, escreve Borges. Este “não a todos” carrega, com sutileza, uma lembrança: nem todas as histórias se revelam, nem todos os destinos se completam.

Reforçando, a obra também desmonta a ideia de tempo linear. Para Borges, passado, presente e futuro são apenas sombras, projeções frágeis de uma consciência que deseja ordenar o caos. Em “O jardim das veredas que se bifurcam”, o tempo se comporta como uma teia: cada instante cria ramificações infinitas. Podemos retomar a Física Quântica, na teoria dos multiversos ou mesmo em certos episódios contemporâneos da cultura pop — como quando Sheldon, em *The Big Bang Theory*, se vê diante de infinitos futuros que se abrem a cada mínima escolha. Assim como as órbitas de um relógio que repetem a mesma dança circular, o tempo borgiano é uma serpente que morde a própria cauda.

O conto nos lembra que cada leitura também é um ato de bifurcação. O leitor torna-se coautor, delineando seu próprio labirinto interpretativo. Ler Borges é se perder voluntariamente, como quem adentra uma floresta onde cada trilha leva a outra floresta, e cada árvore carrega uma inscrição secreta.



Imagem de Min Na por Pexels

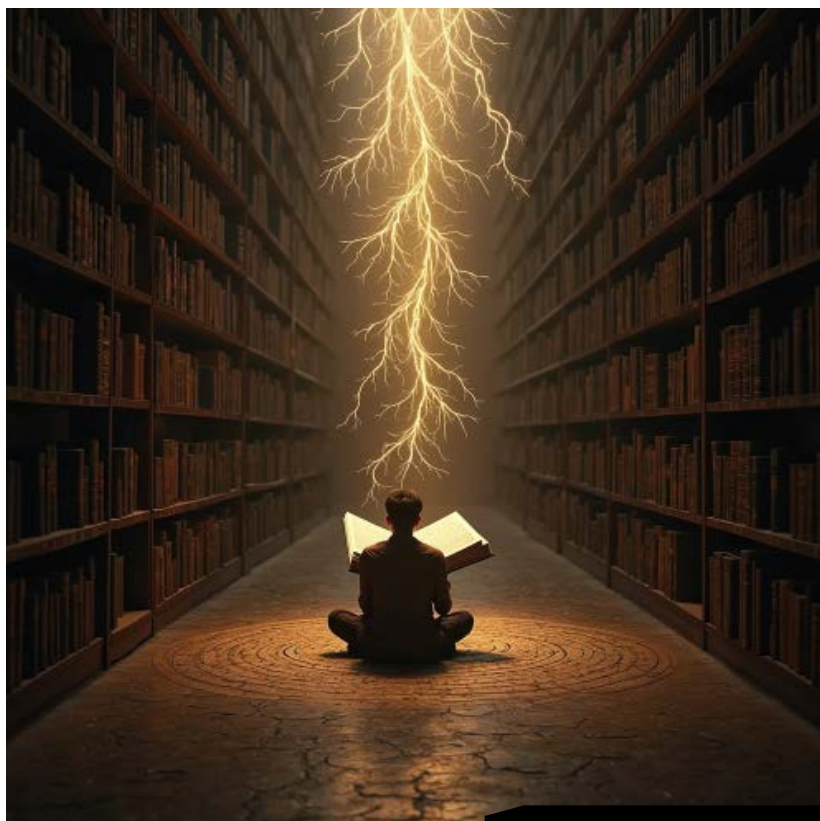


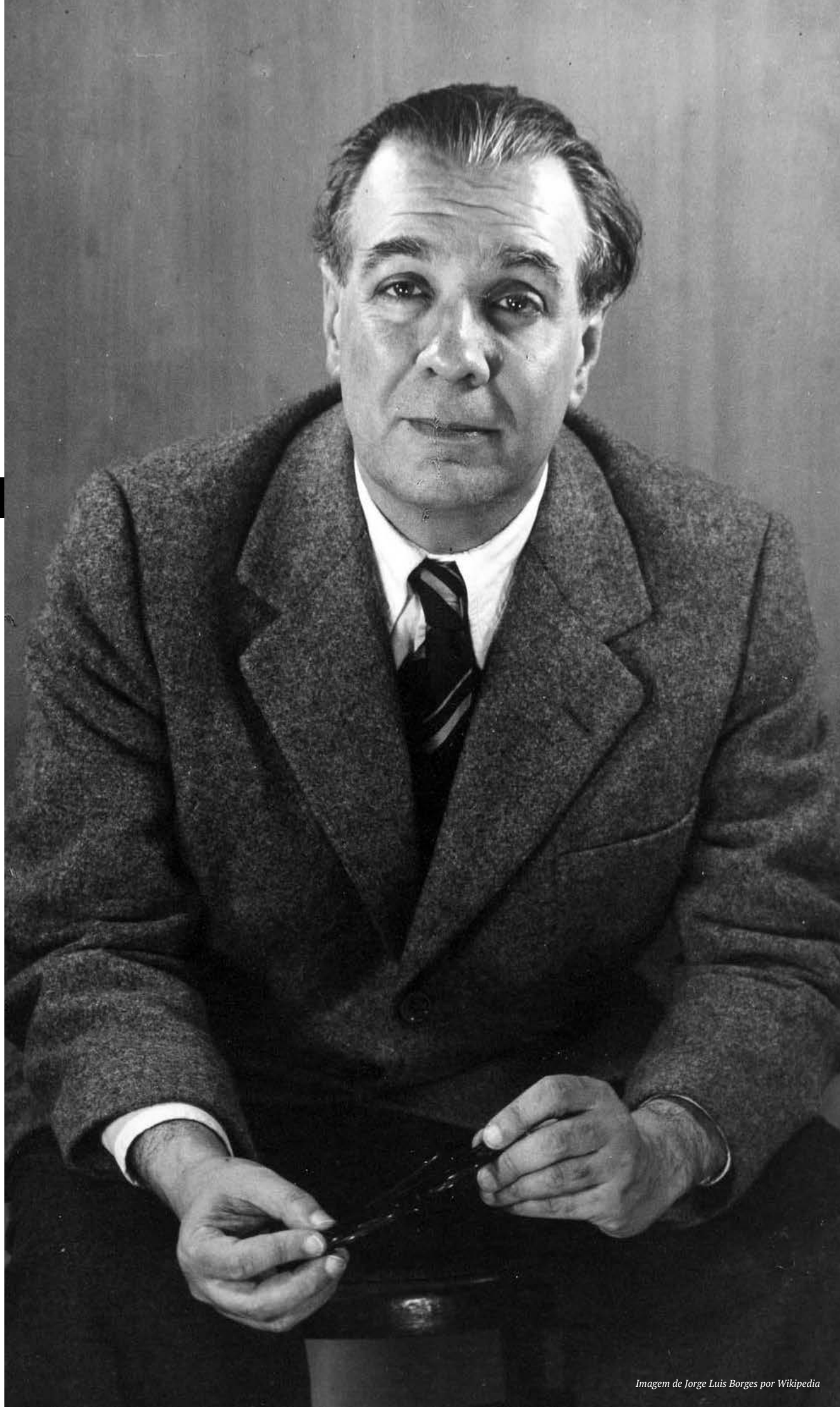
IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/08/2025"

A ficção borgiana, nesse sentido, representa também um leque de perguntas. Quem sou? Em que momento me tornei esta versão de mim? Quantos "eus" estão contidos nas escolhas que não fiz? O conto, mais do que narrar uma história, se transforma num espelho oblíquo que reflete nossas contradições.

O conto curto, como gênero, é uma flecha. Seu voo é rápido, mas sua precisão exige atenção. Num romance, os personagens podem se demorar, explorar recantos. No conto, cada frase é um movimento decisivo, cada silêncio é um abismo. Borges, mestre dessa forma, consegue condensar universos em poucas páginas, como quem segura o cosmos na concha da mão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/08/2025"



*“Chega-se a ser grande
por aquilo que se lê e
não por aquilo que
se escreve.”*

Jorge Luis Borges

Há quem diga que o texto de Borges prenuncia o hipertexto digital: uma tecitura de enlaces, fragmentos, janelas que se abrem e conduzem a outras. Em seu jardim, encontramos a prefiguração da web, do hyperlink, das realidades simultâneas que hoje nos parecem tão naturais.

No fundo, o “jardim das veredas que se bifurcam” é um convite: uma caminhada na noite, sem

mapa, onde cada passo engendra outro mundo. Um convite a aceitar que o sentido não é um ponto final, mas um movimento incessante.

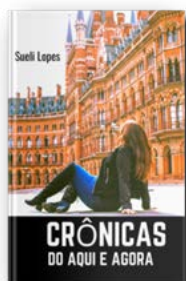
Talvez seja isso que torna Borges tão imortal: ao narrar o labirinto, ele não apenas nos conta uma história, mas nos transforma em viajantes de um espaço invisível. Um espaço onde cada bifurcação guarda a promessa de um novo universo.

LIVROS DA AUTORA

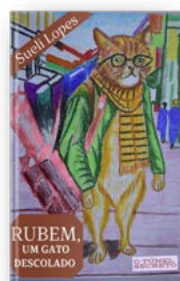
Acesse a Vitrine The Bard



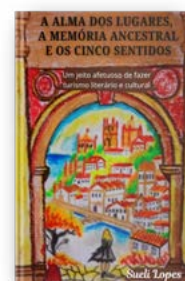
Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui

Colunista Sueli Lopes

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Angela Daneluci



Professora e membra fundadora da Academia Biriguiense de Letras. Escritora e poeta, especialista em Matemática pela UNICAMP e possui licenciatura em Matemática, Ciências, Química, Física e Pedagogia. Autora do livro *Poetize-se: Literatura Poética Escrita por uma Mulher* (2024) e coautora de *Florilégio do Brasil XVIII* e *Eu Brilho com as Estrelas* (2024).

Carlos Drummond de Andrade: O Poeta da Alma Brasileira



Carlos Drummond de Andrade
Imagem: Marcel Gautherot por Acervo IMS

Iniciar esta coluna com Carlos Drummond de Andrade é, mais do que uma escolha literária, um gesto de afinidade com a alma poética do Brasil. Drummond nos ofereceu uma poesia que não se fecha em versos — ela se abre em espelhos, em inquietações e em uma lucidez que atravessa o tempo com discreta intensidade. Com ele, aprendemos que “no meio do caminho tinha uma pedra”, e que cada obstáculo pode ser também um ponto de reflexão, beleza e linguagem.

Na Coluna Grandes Autores, o propósito é revisitar e revalorizar nomes que deixaram marcas definitivas na história da literatura. Não apenas como figuras de estudo, mas como presenças vivas — pensadores, poetas, narradores cujas obras

seguem pulsando, questionando e inspirando.

E entre eles, Drummond se destaca como o poeta da linguagem contida, da emoção sutil e da crítica embutida na simplicidade. Mineiro de Itabira, funcionário público e mestre da introspecção urbana, ele transformou o cotidiano em matéria-prima poética e revelou, com clareza rara, as contradições humanas em tempos de guerra, progresso e solidão.

Seja bem-vindo à Coluna Grandes Autores. A cada edição, uma travessia pela obra de escritores que moldaram o pensamento e a sensibilidade de seu tempo — e do nosso. Com Carlos Drummond de Andrade, a poesia não apenas observa o mundo: ela o reinventa.



Imagem de carlosdrummonddeandrade.com - biografia

INTRODUÇÃO

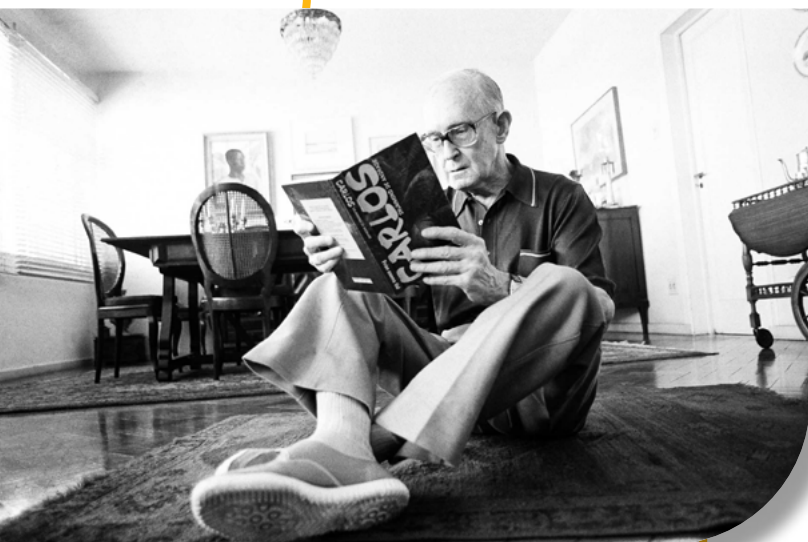
Carlos Drummond de Andrade foi, antes de tudo, um homem atento ao invisível. Sua poesia não se exibia: sussurrava, resistia, observava. Entre o lirismo contido e a crítica velada, ele construiu uma linguagem própria — íntima, irônica, densa — que capturou as dores e os delírios do século XX com rara precisão. Poeta do silêncio e da inquietação, Drummond transformou o cotidiano em espaço poético, a pedra em símbolo existencial, e a palavra em instrumento de revelação. Sua obra transcende rótulos: é ao mesmo tempo brasileira e universal, política e íntima, moderna e profundamente humana. Ler Drummond é entrar em contato com uma consciência que pensa o mundo sem estridência, mas com profundidade — uma poesia que não grita, mas permanece.

Carlos Drummond de Andrade é uma das figuras mais emblemáticas da literatura brasileira. Sua poesia, marcada pela sensibilidade e profundidade, reflete as complexidades da condição humana e as transformações sociais do Brasil. Neste artigo, exploraremos sua trajetória, estilo literário, principais obras e curiosidades que tornam sua obra atemporal.

BIOGRAFIA

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902. Formado em Farmácia, trabalhou como funcionário público e jornalista. Sua carreira literária iniciou-se na década de 1920, e ele se tornou membro da Academia Brasileira de Letras em 1945. Faleceu no Rio de Janeiro em 17 de agosto de 1987.

Imagem Marcel Gautherot por Acervo IMS



ESTILO LITERÁRIO

Drummond é reconhecido por sua poesia que mescla lirismo e crítica social. Utilizando uma linguagem coloquial e acessível, ele aborda temas como a solidão, a identidade nacional e as tensões políticas e sociais de seu tempo. Sua obra transita entre o modernismo e a poesia contemporânea, mantendo uma relevância que atravessa gerações.

“

"OS HOMENS DISTINGUEM-SE PELO QUE FAZEM; AS MULHERES, PELO QUE LEVAM OS HOMENS A FAZER."

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

”

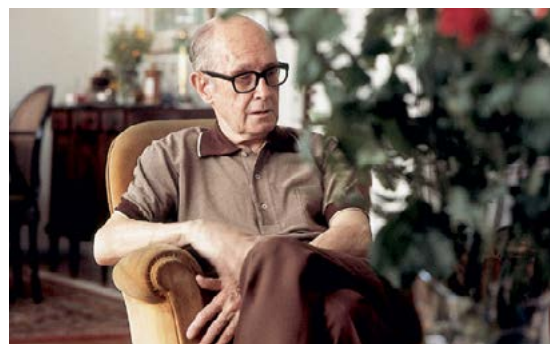


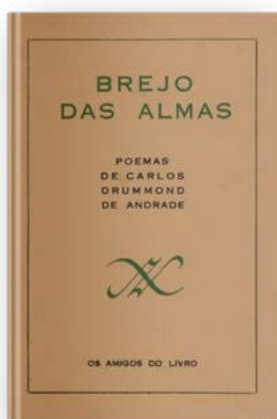
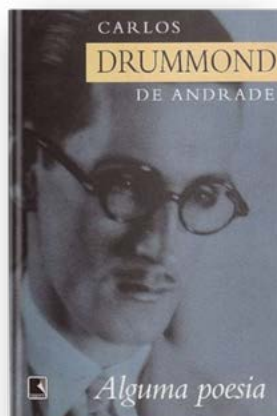
Imagem de Templo Cultural Delfos por Google

Obras Principais de Carlos Drummond de Andrade – Comentadas

1. Alguma Poesia (1930)

A estreia de Drummond no cenário literário brasileiro já nasceu marcada por irreverência, lirismo e ruptura. Publicado de forma quase artesanal, esse livro traz o emblemático poema “No meio do caminho”, que causou alvoroço entre críticos pela aparente simplicidade de seus versos. Mas ali já estava Drummond em essência: a pedra que incomoda, que atrasa, que nos obriga a pensar. Nesta obra, encontramos o poeta jovem, irônico, introspectivo — um modernista que ousava dessacralizar a poesia, mas sem abrir mão da emoção. É uma leitura leve e instigante, como quem encontra poesia nos tropeços do cotidiano.

Primeira coletânea de poemas de Drummond, marcando sua entrada no cenário literário brasileiro.



2. Brejo das Almas (1934)

Se em *Alguma Poesia* o tom era de descoberta, aqui o poeta mergulha mais fundo em si mesmo. Os versos são carregados de angústia, silêncio e um lirismo mais sombrio. Há uma densidade emocional que marca o amadurecimento de sua escrita. “*Brejo das Almas*” é o retrato de um Drummond mais contido, quase metafísico. Seus poemas sugerem que, por trás do humor e da ironia, havia também um homem sensível ao sofrimento, à ausência, ao inexprimível.

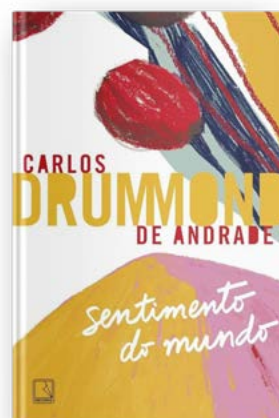
Obra que aprofunda a crítica social e política, refletindo as tensões da época.

3. Sentimento do Mundo (1940)

Neste livro, Drummond deixa o “eu” lírico e caminha em direção ao “nós”. É uma poesia comprometida com o mundo, sem abrir mão da estética. Os poemas, escritos às vésperas da Segunda Guerra Mundial, traduzem o espanto de um poeta que, mesmo distante das trincheiras, sentia os impactos da violência e da injustiça.

“Sentimento do Mundo” revela o poeta ético, consciente e profundamente humano, que olha para fora sem esquecer o dentro. É leitura para quem deseja poesia que pensa — e pensa com o coração.

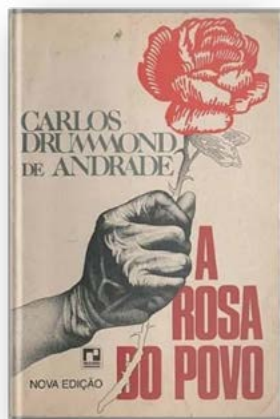
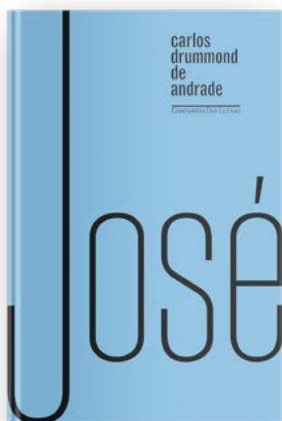
Poemas que abordam as angústias e incertezas do período pré-Segunda Guerra Mundial.



4. José (1942)

“E agora, José?” — poucos versos são tão conhecidos e tão citados na literatura brasileira quanto esse. Aqui, Drummond alcança uma síntese brilhante da perplexidade existencial. A figura de José é, ao mesmo tempo, um indivíduo e uma metáfora de todos nós. Neste livro, o poeta nos oferece a solidão urbana, o desconcerto diante da vida moderna, a ausência de sentido que espreita mesmo nas rotinas mais banais. É uma obra de espelhos, onde cada leitor vê um pouco de si.

Coletânea que explora temas como a solidão urbana e a busca por identidade.



5. A Rosa do Povo (1945)

Drummond atinge aqui seu auge como poeta do coletivo. Os poemas, escritos durante a Segunda Guerra Mundial e sob a ditadura de Vargas, combinam lirismo e denúncia social. É um livro forte, maduro, consciente — onde a beleza não está dissociada da dor.

Em poemas como “A flor e a náusea”, o autor escreve com a urgência de quem sente o peso do mundo, mas também com a esperança de quem sabe que, mesmo entre escombros, uma flor ainda pode nascer. Leitura potente e necessária.

Obra que reflete o contexto da Segunda Guerra Mundial e a situação política do Brasil.

Imagem de Palavra Encantada por Google



6. Claro Enigma (1951)

Neste livro, Drummond troca a liberdade formal dos versos modernistas por uma estrutura mais clássica — sonetos, métricas regulares, rimas cuidadosas. Mas não se engane: por trás da forma contida, pulsa um conteúdo profundo, às vezes doloroso. Os temas são existenciais: o vazio, o silêncio, o absurdo da vida. Há uma den-

sidade filosófica que exige pausa, respiração, releitura. É o livro do poeta maduro, reflexivo, que já não busca respostas fáceis — apenas formula melhor as perguntas.

Poemas que exploram questões existenciais e filosóficas.



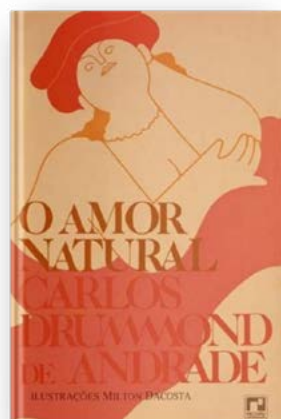
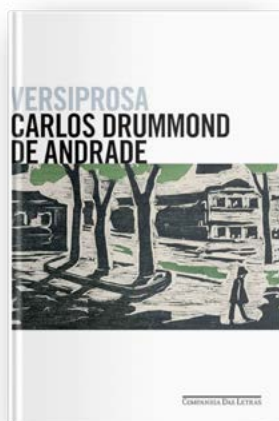
7. Versiprosa (1967)

Aqui, Drummond mistura prosa e poesia com maestria. O tom é de crônica poética: textos curtos, reflexivos, com toques de ironia e crítica. O cotidiano urbano, a política, os hábitos culturais brasileiros são todos examinados com o olhar perspicaz do poeta-cronista. Uma leitura deliciosa para quem gosta de poesia que pensa, mas não se esquece de sorrir — nem de provocar.

Coletânea de crônicas poéticas que dialogam com o cotidiano e a política brasileira.



Imagem de Ruído Manifesto por Google



8. O Amor Natural (1992, póstumo)

Uma faceta surpreendente de Drummond: a sensualidade. Neste livro, publicado após sua morte, o poeta se revela em sua dimensão erótica — com delicadeza, desejo, respeito e liberdade. Os poemas tratam do corpo, do prazer, da intimidade com maturidade e lirismo. É um Drummond mais carnal, mas ainda sensível e elegante. Um livro ousado e necessário, que expande nossa visão sobre o autor.

Publicada postumamente, reúne poemas eróticos que revelam uma faceta inédita do autor.

9. Farewell (1996, póstumo)

Coletânea de poemas inéditos, com um título que já anuncia o clima: despedida. Os textos são marcados pela memória, pelo tempo que passa, pela consciência da finitude. Mas, como sempre, Drummond escreve com contenção, sem melodrama. “Farewell” é o aceno final de um poeta que soube se despedir com a mesma dignidade com que viveu — e escreveu. Uma obra delicada, perfeita para encerrar um ciclo poético imenso.

Coletânea póstuma que apresenta poemas inéditos, refletindo sobre a morte e a memória.

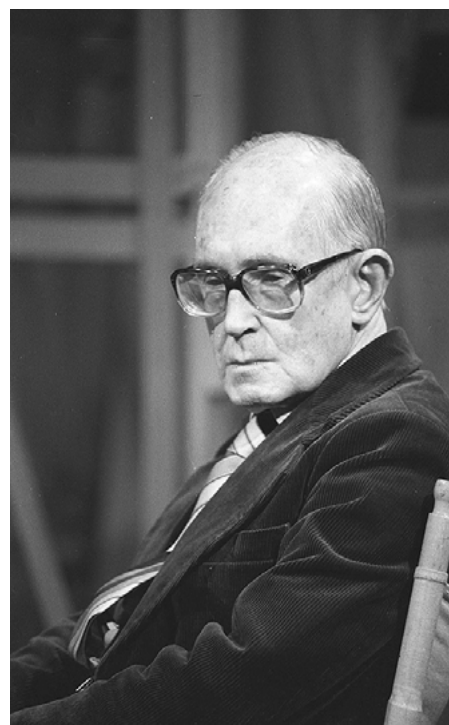
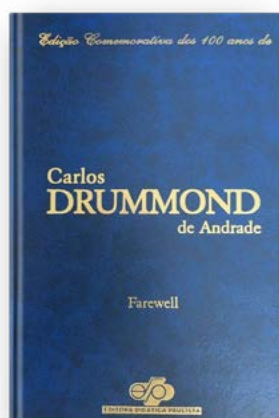


Imagem de Templo Cultural Delfos por Google

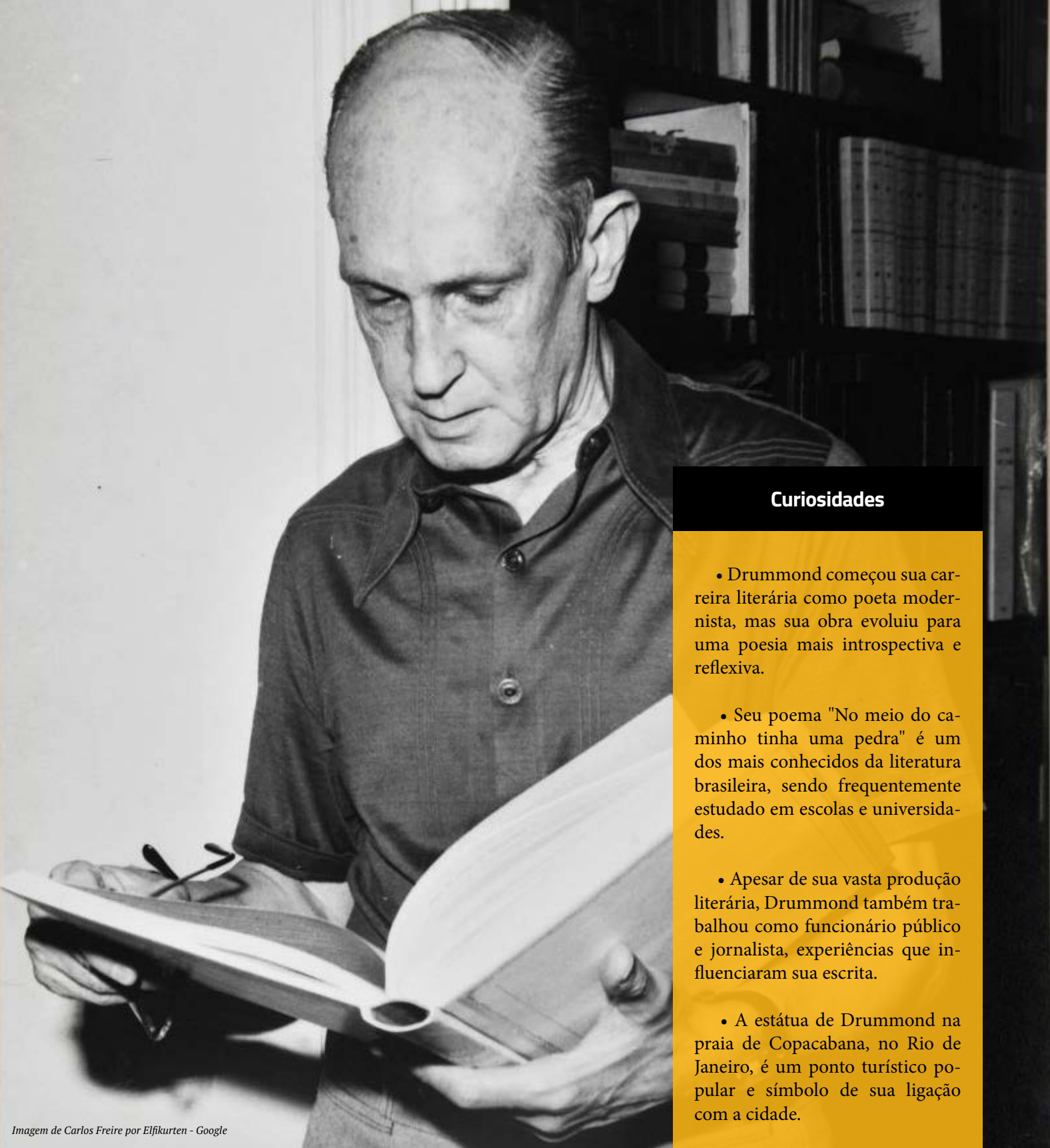


Imagem de Carlos Freire por Elfikurten - Google

Curiosidades

- Drummond começou sua carreira literária como poeta modernista, mas sua obra evoluiu para uma poesia mais introspectiva e reflexiva.
- Seu poema "No meio do caminho tinha uma pedra" é um dos mais conhecidos da literatura brasileira, sendo frequentemente estudado em escolas e universidades.
- Apesar de sua vasta produção literária, Drummond também trabalhou como funcionário público e jornalista, experiências que influenciaram sua escrita.
- A estátua de Drummond na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, é um ponto turístico popular e símbolo de sua ligação com a cidade.

Mundo Grande

*Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.*

*Nele não cabe nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar. Por isso me dispo, Por isso me grito,
por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos. (...)*

Conclusão

Carlos Drummond de Andrade permanece como uma das figuras centrais da literatura brasileira. Sua obra, rica em nuances e profundidade, continua a inspirar leitores e escritores ao redor do mundo. Ao revisitar seus poemas, somos convidados a refletir sobre nossa própria humanidade e sobre os desafios de nosso tempo.

Curiosidades

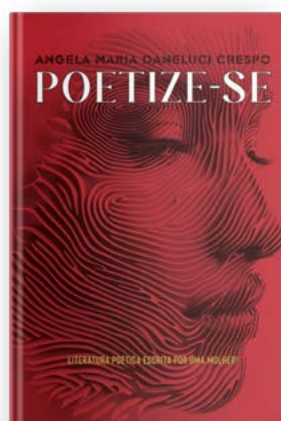
O monumento a Carlos Drummond de Andrade é uma estátua de bronze localizada na praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A estátua do artista plástico Leo Santana foi inaugurada em outubro de 2002, em comemoração ao centenário de nascimento do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade e custou na época R\$ 65 mil.[1] Localizada na Avenida Atlântica, a estátua retrata o poeta sentado, de pernas cruzadas e de costas pro mar, em uma posição inspirada em uma fotografia de Rogério Reis.



Imagem de Pixabay



ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

ANGELA DELANUCI
CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

TIKTOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS

11



MÁRCIA NEVES



Professora, graduada em Letras pela Unisantos e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta; multiplicadora do EducaMídia; brasileira, baiana de origem, vicentina e santista de coração, mãe do Yohan, amante das letras e da poesia e apaixonada pela educação. Autora do livro de poesia Grades de liberdade (Editora Provérbio), do livro infantojuvenil Poesia – o lugar encantado das crianças (Editora Asinha) e haicais Bucólicos (Editora Pangeia). Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias, coautora no manifesto Korja Sacrillega, (Editora Armazém De Quinquilharias E Utopias).

Entre os tons do Nordeste

Por Márcia Neves

Sob texturas
Cores se espalham
Em tons históricos
Pintando o universo
E o mundo de ternura

O tempo que se vê passar
Segue em performance pela arte da vida
Traçando corpos inteiros
Tal qual o céu se mostra
Em suas noites escuras, banhadas de estrelas
A desenhar entre um infinito e outro
Disparidades oblíquas
As mesmas que embalam
O relevo por completo
E contam, e narram, e se dissipam

De tempos em tempos
Inovam-se, e seguem sua jornada
Sem sair de sua paleta original
Colorem e colorem-se
Vão dando vida, alegrando e se alegrando
Seria uma influência?

Um jeito próprio de colorir?
E os tons tornam-se próprios
Parte e todo
De uma história que é
A resistência do real

Os tons do Nordeste imprimem
e pigmentam por completo uma Nação
a sua.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI",
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/08/2025



Opa!

Tudo bem, leitor(a)?

Entre uma saudação e outra, eu chego confortável nesta edição. Não à toa, simplesmente pela oportunidade concebida pela Revista The Bard, pelo acolhimento da literatura e sob os melhores tons, poder voltar ao nordeste, (minha terra natal) e apresentar a vocês nesta edição, um artista completo (multiartista), que faz de sua realidade motivo para militar e fazer literatura, quem eu admiro e acompanho o seu trabalho e trajetória há algum tempo, o sergipano, historiador (especialista em História Cultural), escritor e poeta Thiago Fragata.

O coração fica “quentinho”, agradecido e em sintonia com o tema “ENTRE OS TONS DO NORDESTE: OLHARES ARTÍSTICOS DO SERTÃO”, por tê-lo co-

nosco nesta edição da Revista The Bard e apresentar, por meio de sua vivência e missão, um pouco do estado de Sergipe, pois embora eu seja baiana, minha vida se rende a muitas experiências vividas na Bahia, em Sergipe e agora, em São Paulo.

Reitero meu entusiasmo com sua participação e certeza da importância de apresentar sua vivência literária, artística e cultural para o Nordeste, para o Brasil e para o mundo. Acredito e acreditamos que a literatura, com todas suas faces, continua sendo um lugar bom para estar e se conectar com o mundo e com a vida. Nesse sentido, com vasta experiência na promoção da diversidade cultural, fomos premiados com sua participação.

Nossos agradecimentos, Thiago Fragata!

Venha chegar, caríssimo (a) leitor (a)!

POST NO SITE



Do coração do Brasil às riquezas culturais do mundo: uma conversa com o historiador, escritor e poeta THIAGO FRAGATA



Thiago Fragata, historiador, professor, poeta, nasceu na histórica São Cristóvão/SE num dia do século XX. Licenciado na Universidade Federal de Sergipe (2000). É professor da Secretaria de Educação do Estado de Sergipe. Além da vasta produção científica milita no campo da literatura enquanto poeta. Assumiu cargo de Diretor de Cultura de São Cristóvão, condição que participou da equipe de resgate do Carnaval e do Festival de Arte de São Cristóvão, em 2005. Único sergipano premiado no Concurso de Redação para Professores promovido pela Academia Brasileira de Letras e Folha Dirigida (2003). Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS). Foi presidente da Associação de Cultura Artística de São Cristóvão (gestão 2001/2002) tendo encabeçado movimento pela reativação da Lira San cristovense. Um dos autores da Proposição da Inscrição de São Cristóvão ao título de Patrimônio da Humanidade. Tem dezenas de artigos publicados na imprensa sergipana e poesias premiadas em concursos.

1

REVISTA THE BARD – Sobre ser você: historiador, poeta, escritor...

THIAGO FRAGATA - Especialista em História Cultural pela Universidade Federal de São Cristóvão, fiz da minha terra natal uma inspiração de poesia e pesquisa, esse bairrismo rendeu frutos, para não perder o trocadilho “meus frutos” estão aí para apreciação, no formato livros e títulos conquistados com dedicação e luta, o exemplo maior é a chancela de Patrimônio da Humanidade concedida pela UNESCO em 2010. Com orgulho, recordo que fui coautor do dossiê que inscreveu a praça São Francisco, em 2006, e ainda coordenei a Comissão Pró-candidatura, entre 2006 e 2010. Essa dupla-participação sensibilizou o Governo de Sergipe que me concedeu, no ano de 2011, a Comenda do Mérito Aperipê.

Considero a vida uma aventura, uma viagem que nem todos estão desfrutando, tem alguns que nem perceberam, para mim seu sentido não é materialista, não pode ser estudar para trabalhar, trabalhar para usufruir bens materiais. Outro dia, recebi visita de um amigo de infância, falava para ele sobre a importância de cuidar de um jardim para a qualidade de vida, a felicidade, a saúde mental, ele redarguiu que só perde tempo plantando o que se come. Fiquei triste, adoro cultivar plantinhas e arte.

2

REVISTA THE BARD – Principais obras (publicações).

THIAGO FRAGATA - São Cristóvão Poética e xilogravada (2015) e Fragatas não voam só (2021) – POESIAS.

Personas gratas: visitantes ilustres em São Cristóvão – HISTÓRIA.

No prelo: Hai Cair no riso: poesia de trocadilho, Cronicário das memórias – São Cristóvão 1973/2024.



REVISTA THE BARD – Destacaria alguns elementos (principais) da cultura nordestina que você considera fundamentais para a identidade (cultural e histórica) de Sergipe?

THIAGO FRAGATA - É preciso falar um pouco da História de Sergipe para responder, permita-me! Sergipe é o menor Estado da federação brasileira, sua origem remonta fins do século XVI, quando o governo baiano, atendendo a aspirações da coroa lusso-hispânica, empreendeu uma “guerra de conquista” ao sul da capitania dizimando povos originários e fundando São Cristóvão, como sede da capitania de Sergipe Del Rey, no dia 1 de janeiro de 1590. O fato de surgir para atender ao crescente mercado da Bahia, não esquecer que Salvador foi o centro do poder no período colonial, consolidou a nova Capitania como território de gado e cultivo de cana de açúcar, fumo, etc. Não diria quintal da Bahia (risos), meu bairrismo (a sergipanidade) não permite, mas Sergipe foi o celeiro da Bahia, tanto que o governo baiano não aceitou pacificamente a Emancipação Política de Sergipe em 1820, determinada pelo Imperador D. João VI.

Traços culturais decorrente da sua história e configuração geográfica: O sergipano possui uma megalomania que compensa o seu pequenino território (21.910 km²), gosto de exemplificar isso na ideia de lonjura (a prosódia sergipana tratarei adiante).

Imagine um Estado que você consegue percorrer norte/sul e leste/oeste em um dia, no entanto, seus habitantes consideram percorrer 1 km, 500 metros, 300 metros “muictho longe, uma lonjura!”. Ou seja, tudo é considerado muito longe, lonjura é o superlativo!

Os rebanhos e plantações de fumo que encontramos, hoje, no agreste, centro-sul, bem como plantações de fumo e mandioca constituem atividade laboral persistente ao longo de séculos que se adaptaram ao fluxo de escoamento, ao jogo econômico, sobretudo pela sobrevivência dos criadores, pequenos produtores, trabalhadores. Isso de produzir alimentos para comercializar nas feiras e suprir a família sempre caracterizou o pequeno trabalhador, quero atentar do quanto isso remonta antiguidades. No regime feudal europeu - quando foram criadas as feiras - esse regime de trabalho vigorava. As feiras, taí mais um elemento que bem caracteriza Sergipe do litoral ao interior, quero destacar feira de Itabaiana, Patrimônio Cultural Imaterial de Sergipe, reconhecida pela Lei nº 8.561/2019, da Assembleia Legislativa de Sergipe.

A prosódia do povo sergipano, a forma de falar, inspirou parte do meu trabalho literário poético. Não diria que o sergipano “fala cantando” mas que ele “cultiva harmonia poética” quando expressa “barrê e muictho pouco”. Aliás tem poesia inspirada nisso no meu *Fragatas não voam só* (2021):



ROTINA

Todo dia quando se acorda
Dona Maria toma café e barre a porta
barre e barre, barre e barre
barre a porta

Todo dia
todo dia quando se acorda
Dona Maria toma café....
e barre a porta!
Barre e barre
barre e barre
barre a porta
barre a porta

Todo dia quando se acorda
Seu Chico toma café
e vai para roça
vai pra roça, vai pra roça
ai roça, roça e roça

Todo dia
todo dia quando se acorda

4

REVISTA THE BARD – Como a literatura nordestina reflete as realidades sociais e históricas de sua região?

THIAGO FRAGATA - Considero literatura como fruto de contexto histórico, mas com poderes de refletir e transcender o tempo, temas, possibilidades. Provar a literatura de cordel ou a literatura de Ranulfo Prata e Francisco Costa Dantas, renomado autor de Coivara da Memória. Vou tratar de cangaço para me fazer entender. O fenômeno social alcunhado como cangaço vicejou entre fins do século XIX e primeira metade do século XX, seu raio de ação perpassou 7 estados: Pernambuco, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia, Alagoas e Sergipe. Não tem como falar, pensar, cangaço, seja no passado, seja como tema inspirador de obras do século XXI, descolado do Nordeste. Diria o mesmo para o marcante catolicismo popular, releitura do catolicismo trazido pelos jesuítas, feita pelos povos catequisados, evangelizados, sem esquecer os beatos como Ibiapina, Zé Lourenço, Pedro Batista e Antônio Conselheiro.

Seu Chico toma café...
e vai pra roça!
Faça chuva, faça sol,
Ele vai pra roça

Meio dia Dona Maria senta e almoça
Seu Chico procura sombra de um umbuzeiro
e fila boia.
Cai a tarde, junto com o sol
Seu Chico e Dona Maria se deitam
No outro dia, bem cedo, recomeçam a peleja
Dona Maria se acorda, toma café
e barre a porta
Barre e barre
barre e barre
ela barre a porta

Seu Chico, todo dia quando se acorda
toma café...e vai pra roça
faça chuva, faça sol
Vai pra roça
vai pra roça
vai pra roça

5

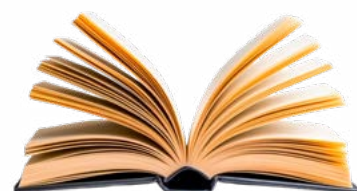
REVISTA THE BARD – Pode destacar alguma influência de outras culturas (africana, indígena, portuguesa?) na história e cultura nordestinas?

THIAGO FRAGATA - Sim, um elemento para refletir origem e resistência cultural. Vou focar na gastronomia.

Africana - destacaria o inhame. Esse alimento é presente na África e tem uma simbologia forte nas religiões de matriz africana;

Indígena - a farinha de mandioca e os muitos usos e lendas dessa planta;

Portuguesa – o queijo, não esquecer que vaca foi trazida da Europa para a América.



6

REVISTA THE BARD – Percebe alguma mudança social e econômica recentes, impactando as tradições culturais da região nordeste?

THIAGO FRAGATA - A cultura popular se reinventa sempre (mudança é um traço do ser humano), contrariando a permanência/cristalização alimentada por uma certa elite intelectual estudiosa do folclore, por exemplo. Tomemos o Reisado como exemplo. O Reisado, a brincadeira que chegou ao Brasil com os portugueses, foi teatralizada por religiosos catequizadores como José de Anchieta, não por acaso ele é o pai do folclore brasileiro, sim, o santo Anchieta..., mas o que gostaria de informar, respondendo à questão e percebendo mudança social a impactar tradição é como as jornadas ou partes (eram 25!) que se realizavam por uma noite inteira. Foram suprimidas em apresentações de no máximo 25 minutos para entreter turistas; não apenas no período natalino, mas em qualquer época ou dia do ano. A turistificação da cultura popular acontece desde o século XX, hoje a sobrevivência do folclore depende do mercado e da liderança de mestres/mestras conscientes da tradição.

8

REVISTA THE BARD – Que escritores nordestinos você destaca como essenciais para entender a poesia, a história, a cultura da região?

THIAGO FRAGATA - Patativa do Assaré, José Américo de Almeida (A Bagaceira, 1928), Raquel de Queiroz (O Quinze, 1933), Ariano Suassuna (Auto da Compadecida, 1955; Pedra do Reino, 1971), Jorge Amado, Francisco Costa Dantas (Coivara da Memória, 1991; Desvalidos, 1993; Cabo Josino Viloso, 2005), Ranulfo Prata (Lampião, 1934), Amando Fontes (Os Corumbas, 1933; Rua de Siriri, 1937) e Camara Cascudo (Dicionário do Folclore Brasileiro, 1954).



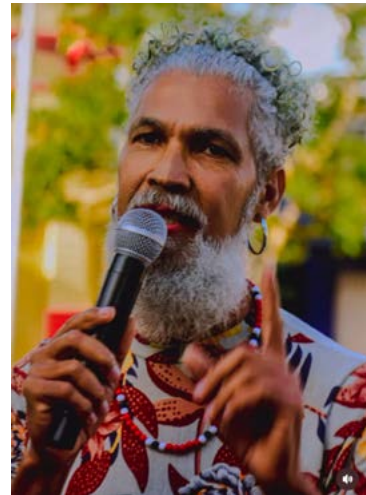
7

REVISTA THE BARD – Há alguma figura histórica ou algum artista nordestino subestimado, que deveria ser reconhecido e valorizado não só na região?

THIAGO FRAGATA - Sim, nas artes o escultor Véio, de Nossa Senhora da Glória/SE.

Nas plásticas, Jenner Augusto (1924/2003)

Na literatura de cordel, José Firmino Cabral (1940/2013).



9

REVISTA THE BARD – Como a natureza e clima (geografia) da região inspiram e colaboram com os autores e suas obras?

THIAGO FRAGATA - Geografia e clima enredaram Os Sertões (1902), de Euclides da Cunha, que construiu uma explicação científica (hoje ultrapassada!) do determinismo geográfico. Foi o regime da seca quem inspirou a obra seminal do regionalismo modernista, estou falando de A Bagaceira, de José Américo de Almeida. No parecer do crítico sergipano João Ribeiro: “A Bagaceira – é de agora em diante o livro clássico da literatura do Norte porque alia à perfeição dos seus temas a correção da linguagem sem dano do idioma nacional. Ali está debuxada a vida dos engenhos, o flagelo da migração forçada dos retirantes, com a fragrância da verdadeira realidade”. A seca, como o cangaço, atravessou a literatura nordestina de Raquel de Queiroz (O Quinze), José Lins do Rego (Menino de Engenho, Os cangaceiros), Graciliano Ramos (São Bernardo, Vidas Secas) e até Jorge Amado (Seara Vermelha, todos os romances do ciclo do cacau).

REVISTA THE BARD – A oralidade tem um papel fundamental na preservação e propagação cultural do Nordeste. Como você vê essa manifestação em obras contemporâneas?

THIAGO FRAGATA - Durante um bom tempo, as academias ignoraram o saber popular, destilaram preconceitos e encastelaram-se em suas bibliotecas. Demorou, mas a oralidade dos repentistas das feiras livres, a oralidade fixada na literatura de cordel, a oralidade presente no folclore (lendas), marginalizada, conquistou honoris causa. O caso de Patativa do Assaré é emblemático, gosto de falar aos meus alunos dos poetas analfabetos, artistas da palavra que nunca frequentaram escolas. Sim, porque a Educação formal foi projeto para servir as elites, o projeto de democratização do saber ocorreu somente no século XX. Recomendo a todos conhecerem Leonardo Bastião e sua obra, esse poeta analfabeto de Itapetim, sertão pernambucano. Toda vez que volto ao seu caso, penso quantos intelectuais como ele perdemos.

Ainda sobre oralidade e mudanças, gostaria de lembrar o caso do machismo na literatura de cordel exposto pela sergipana Izabel Nascimento durante o II Encontro Paraibano de Cordelistas, em 27 de junho de 2020. Os ataques criminosos que a cordelista sofreu, a posteriori, deflagrou o Movimento Nacional das Mulheres Cordelistas Unidas em Combate ao Machismo, onde mulheres tentam denunciar as variadas formas de violência sofridas nesse espaço. Segundo a cordelista Daniela Bento, há um grande machismo estrutural no cordel, que remonta desde a sua origem. “O que acontece hoje é fruto de um resquício histórico. Antigamente, as mulheres eram deixadas de lado. Elas não podiam sequer assinar suas obras”.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/08/2025”

REVISTA THE BARD – De que forma, o seu trabalho (historiador e poeta) impacta/colabora com a educação e formação de novos leitores/estudantes de sua região?

THIAGO FRAGATA - A palavra revoluciona a vida, marca nossa identidade, norteia a visão de mundo, estimula nossa curiosidade, questiona o desconhecido - base do aprendizado. Como Historiador e poeta vivo a burilar a palavra, penso um texto como um “canto de sereia” que pode arrastar viajantes para o mar da Educação. Minha Odisseia, vou aproveitar o trocadilho, é alcançar a excelência do texto acadêmico e do texto poético. Pode parecer utópico, NÃO EXISTE UTOPIA MAIOR DO QUE ACREDITAR QUE PODEMOS EDUCAR ALGUÉM, no entanto é o que acontece, o milagre acontece.

Como todo o saber parte da palavra, vejo a palavra escrita e a leitura como basilar. É preciso investir na comunicação, nesse trabalho como um canto de sereia potente que faça derreter a cera dos ouvidos (risos).



REVISTA THE BARD – O que fazer para fortalecer a arte, a cultura e a literatura do Nordeste?

THIAGO FRAGATA - A arte precisa ser encarada como item da cesta básica, isso pelo poder público. Vou mais longe, é preciso construir uma agenda das artes como uma política pública, vinculada ao Ministério da Cultura e Ministério da Educação, que alcance os brasileiros de maneira geral. Uma política pública cultural consolidada de forma que não seja abalada pela descontinuidade dos governos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/08/2025"



Imagem do Museu da Gente Sergipana por Turismo em Sergipe

REVISTA THE BARD – Além dos livros já mencionados, teria mais referências para quem deseja conhecer as belezas culturais de Sergipe?

THIAGO FRAGATA - Livros do Amâncio Cardoso: Sergipe – História, Cultura e Turismo (2023), Sergipe, um roteiro turístico, histórico e cultural (2022).

Livros de Francisco Dantas: Coivara da Memória, Desvalidos.

Livros de Mário Cabral: Roteiro de Aracaju, Aracaju bye, bye.

Filme: Baile perfumado (1996), direção conjunta de Lício Ferreira e Paulo Caldas.

Conhecer os seguintes museus: Museu da Gente Sergipana, em Aracaju, unidade museológicas de São Cristóvão e de Laranjeiras, Museu de Arqueologia de Xingó, em Canindé de São Francisco.

Lugar de memória do cangaço: Grota de Angicos, em Poço Redondo, onde Lampião, Maria Bonita e mais 9 cangaceiros foram assassinados.

Participar da Missa do Vaqueiro de Porto da Folha.

REVISTA THE BARD – Reitero os agradecimentos e depois dessa formação, curso oferecido em suas respostas, suas considerações finais.

THIAGO FRAGATA - Foi John Lennon quem disse “pense globalmente, atue localmente”, daí que a gente volta para a nossa (o)missão, sim porque sou militante da arte, um ativista, um protagonista; não acredito em omissão, porque esta perpetua a realidade, ou seja, o omissor tem lado e deve ser responsabilizado sobre suas escolhas. "Se você fica neutro em situações de injustiça, você escolhe o lado do opressor", asseverou Desmond Tutu, ganhador do Prêmio Nobel da Paz, conhecido por sua luta contra o apartheid, na África do Sul.

Mas sobre o papel de um ativista cultural, artista da palavra, nós escritores, o que penso... Expressar sua visão de mundo através do seu veículo, a arte, arte de protesto, arte que ora reflete a sociedade, ora transcende. Como exemplo da minha militância, na última semana, o deputado Georgeo Passos anunciou aprovação do seu projeto que proíbe fogos de estampidos em todo o Estado de Sergipe. Festejo conquista pois sou militante da causa autista, tenho animais sensíveis aos fogos, por essa razão é que escrevi e publiquei na imprensa sergipana 2 textos com ampla repercussão:

SÃO JOÃO SEM FOGOS BARULHENTOS, FESTA MAIS INCLUSIVA? JORNAL DA CIDADE. Aracaju, Ano LV, N. 15368, 26 de junho 2025, (OPINIÃO).

VIOLÊNCIA DOS FOGOS DE RÉVEILLON CONTRA VULNERÁVEIS (JORNAL DO DIA. Aracaju, Aracaju, ano XIX, n. 5941, 30/12/2023 a 2/1/2024, p. 2).

Em suas palavras, é a palavra revolucionando a vida, educando o olhar do homem para enxergar o seu lugar e contando verdadeiras histórias.

Viva a arte, a literatura, a história e a capacidade do homem de se expressar com naturalidade, sabedoria e conhecimento.

Realmente, uma conversa do coração do Brasil para o mundo e para a vida.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/08/2025”

E-MAIL



INSTAGRAM



LIVRO DA AUTORA
Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

MÁRCIA NEVES

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS**

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"



33ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade"

**34^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 03 DE AGOSTO À 21 DE SETEMBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



05



ALINE ABREU SANTANA



Autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos, professora de Português e Literatura, colunista da THE BARD e escritora. Recebeu o título de Comendadora do Brasil, é Doutora Honoris Causa, ocupa cadeiras na Academia Mundial de Letras e AMLH e foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Fundadora do projeto Quais de Mim Você Procura, atua como palestrante, mentora e diretora pedagógica.

ENTRE LOMBO TORO E SEMÁFOROS: **Nosso Caminho até Gramado**

As vezes, a gente não sabe bem onde começa uma história: se é na estrada, no silêncio de um banco de carona ou numa palavra nova que nasce de um sotaque diferente. A de hoje é sobre uma dessas viagens que não cabem apenas no GPS, porque atravessam também tudo que nos transpassa. É sobre São Paulo e o Sul, sobre reconciliação e silêncio, sobre o poder que a língua portuguesa tem de nos reconectar, mesmo quando quase tudo parece se desconectar. Uma história de amor, de estrada e de vocabulário.

O carro seguia firme pelas curvas suaves da estrada, e cada placa parecia anunciar não só a distância restante, mas também o que ainda não sabíamos, o que ainda não tínhamos coragem de dizer.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2025"

A vegetação ia mudando devagar. Do verde denso de São Paulo para tons mais azulados e recortados do Paraná. No rádio, Almir Sater encontrava Ella Fitzgerald. Era como se a trilha sonora já soubesse que aquela viagem não era só geográfica, era também uma travessia íntima. Uma ponte silenciosa entre dois corações que não sabiam bem se estavam se afastando ou se encontrando de novo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2025"

Foi então, entre uma parada para café em Registro e um suspiro de Lallo em Curitiba, que reparei num detalhe: ele não dizia mais "legal". Ele dizia "tri legal". E ri quando percebeu que eu notei. Aquilo me intrigou. Não era uma piada. Era um gesto. Uma adaptação. Como se, aos poucos, ele fosse se deixando tocar por essa terra que fala diferente, mas sente igual.

Ali que percebi: a língua portuguesa, que a gente julga tão nossa, tem suas próprias paixões regionais. Se em São Paulo se diz "beleza?", no Sul se diz "e aí, guri?". Se aqui o tempo é marcado por buzinas e relógios, lá ele corre na cadência das chimarradas e das prosas demoradas.

Fiquei com aquilo na cabeça.

O que a linguagem revela quando tudo o mais silencia?

Mas não perguntei. Porque às vezes, quando tudo emudece, é a língua que nos escapa pelos poros. E talvez, no fundo, o que Lallo queria dizer - ele já estava dizendo - com uma troca de palavras, com um novo sotaque, com um "tchê" sussurrado no fim de frase.

O carro seguia. A noite vinha caindo. E a estrada parecia, enfim, nos levar a algum lugar. Não só Gramado, mas algo mais.

Algo que ainda estava por vir.

Entre uma música e outra, começamos a conversar sobre Farroupilha, não apenas a cidade ou a revolução, mas o espírito. Lallo, que sempre teve um interesse estranho por datas e guerras, falava dos farroupilhas como quem descreve heróis de cinema: homens que não aceitavam imposições, que queriam mais do que títulos, que buscavam um Brasil com voz do Sul. Eu, que até então usava "farroupilha" apenas no nome de uma avenida em São Paulo, fiquei ali, ouvindo, redescobrimo a palavra.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2025"

Logo depois, paramos em um boteco de beira de estrada, desses com pastel que vem no guardanapo fino e guaraná quente na garrafa de vidro. A fome estava firme, tão firme quanto o nó que havia entre nós e que, naquele momento, parecia começar a se desatar. Foi quando ouvimos um senhor chamando alguém de "gringo" com simpatia. Eu e Lallo nos entreolhamos, e ele disse: "Aqui gringo é coisa boa, né?". Rimos. Não era como nos filmes americanos. No Sul, "gringo" era o filho do italiano, do colono, do imigrante que construiu casa com madeira e fé. E nós ali, tão paulistanos, de repente éramos um pouco gringos também.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2025"

Mais tarde, subindo um trecho da estrada sinuosa, alguém comentou sobre a “lomba” à frente. Eu travei na palavra. Lomba? Lallo riu antes de mim. A gente se olhou como quem compartilha um segredo antigo.

Era impossível não lembrar da nossa viagem ao Chile, quando Lallo, faminto, entrou em uma vendinha de beira de estrada e pediu um sanduíche. O atendente, simpático, explicou que demoraria um pouco, porque o “lombo toro” ainda estava assando. Lallo assentiu, confiante, achando que ganharia um belo pedaço de carne

exótica. Quando chegou, era pão com mortadela. E aí caiu a ficha: “lombo toro” era só o jeito deles de dizer lombada, o sanduíche levava o nome da curva do asfalto. Rimos tanto naquele dia que até o dono da venda ofereceu refrigerante por conta da casa.

Naquele momento, entre lombas brasileiras e lombos chilenos, eu entendi que a estrada fazia o mesmo que a língua: dobrava, subia, caía e, vez ou outra, deixava a gente mais perto um do outro. Mesmo sem dizer tudo. Mesmo no silêncio.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2025"



E por sinal, o Chile ficou no nosso coração. Lallo, esse apelido carinhoso que só eu uso, nasceu lá, há duas décadas, entre um passeio pelos vales e vinícolas e uma conversa tropeçada em portunhol com um senhor de boina que se encantou com o jeito calado e observador do

meu companheiro. “¡Lalo, como el de los cuentos!”, ele disse, com um sorriso cheio de dentes tortos e alma boa. A palavra ficou. O som, o afeto e o riso guardado. Desde então, ele é Lallo com dois Ls, como se isso o deixasse ainda mais único.

Depois descobrimos que Lalo, ou Lallo, com charme dobrado, é, em muitas culturas hispânicas, o diminutivo de Eduardo, usado para crianças. Coincidência ou não, era como se o sul do continente estivesse nos soprando um apelido novo para uma história antiga. E o mais curioso? Ali, já quase chegando à Serra Gaúcha, ouvimos alguém chamar um menino de Dado, também apelido de Eduardo por essas bandas. O Sul do Brasil e o Sul da América pareciam se falar, e falavam com a gente também. Como se a língua, cheia de curvas e sotaques, fosse um mapa afetivo que conectava nossas lembranças com o presente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2025"

Chegando em Gramado, aquela cidade toda iluminada... coisa linda de se ver. Parecia que cada poste era enfeitado com afeto, cada casa sorria com luzes e janelas de madeira que pareciam ter guardado segredos bons por décadas. Era fim de tarde e o céu se tingia de laranja suave. A cidade, coberta de flores e penugens de pinheiros, parecia sussurrar poesia a cada esquina. Até a sinaleira, sim, “sinaleira”, como dizem por lá, parecia ter ares de amor. Em São Paulo, diríamos “semáforo”, prático e direto. Mas em Gramado, até a palavra atravessa a rua com calma e leveza.



Imagem de Gramado por Tripadvisor



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2025"

E estávamos nós lá. GRAMADO MESMO. Com os pés no chão frio e o coração aquecido. Pegamos um espaço num camping simples, cercado de natureza, com um riacho que cantava baixinho ao lado. Armamos a barraca juntos, entre risadas e olhares cúmplices. A essas horas, Lallo e eu já estávamos reconectados. Não havia mais silêncio tenso. Havia o silêncio bom, aquele que acontece quando a presença do outro basta.

Ele me serviu um mate, como quem oferece paz. Eu aceitei, como quem aceita ficar. E entre uma cuia e outra, fomos lembrando dos apelidos, das promessas ditas baixinho no banco do carro, das palavras que só a gente entende. Estávamos ali, acampados no sul do Brasil, mas parecia que era ali que a nossa história começava de novo, uma espécie de "era uma vez" que a vida nos concedia, agora de novo, agora melhor.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2025"

Sumário Afetuoso de Palavras do Sul do Brasil

1. Guria / Guri

Uso carinhoso para menina e menino. Muito comum no vocabulário do Rio Grande do Sul, é mais que regionalismo — é identidade afetiva.

2. Tchê

Interjeição típica gaúcha, usada para dar ênfase ou emoção a uma frase. É quase um abraço sonoro no meio da fala.

3. Farroupilha

Originalmente ligado à Revolução Farroupilha (1835), virou sinônimo de quem valoriza a cultura e tradição gaúchas.

4. Gringo

No Sul, não significa apenas estrangeiro. É também usado para os descendentes de italianos, que ajudaram a moldar a região com sotaques, massas e muita história.

5. Lomba

Ladeira ou morro. Palavra que sobe e desce nos caminhos sinuosos do Sul e ressoa em histórias e paisagens.

6. Sinaleira

Como se diz “semáforo” no Sul. E por lá, até a sinaleira parece esperar com mais poesia.

7. Mate

Chimarrão é tradição. Compartilhado em rodas de conversa ou no silêncio cúmplice de dois, o mate é símbolo de encontro e afeto.

8. Lallo

Diminutivo carinhoso de Eduardo. Também usado como apelido afetuoso no Chile, onde as palavras também sabem amar.

LIVRO DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





ADRIANA MOURA SALLES



Linguista. Educadora. Professora. Contadora de histórias. Terapeuta sistêmica e bioenergética. Podcaster. Tutora de dois pets: Flic e Princesa, amores da vida toda! Amo natureza, cores e mandalas. Sou fascinada pelos mecanismos inconscientes e autorreguladores da expressão emocional por meio do corpo – nosso santuário. A escrita é uma paixão e a leitura fonte inesgotável de prazer. Amo borboletas e observar o céu a qualquer hora do dia ou da noite me conecta com o Divino em mim.

Na sociedade atual, regida pelos prefixos ultra e hiper, tais como hiperconexão, ultravelocidade, facilmente perdemos a referência dos ciclos da vida, ou seja, desde a primeira Revolução Industrial, nossa percepção da passagem do tempo tem sido profunda e constantemente alterada. “Tempos modernos”, filme clássico e, por isso, atemporal, já nos lembra da complexa relação ente homem- máquina- tempo. Neste cenário característico da modernidade que é acelerar ciclos e descartar o que parece inútil, qual espaço-empo sobra para o existir-contemplar-aprofundar?



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025”



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025”

Roberto Otsu, em “A sabedora da natureza”, diz assim: “As folhas da árvore caem no outono e só voltam a aparecer na primavera. A cada primavera, a árvore se renova e os galhos ganham brotos que se transformam em novos galhos no decorrer do ano. Isso faz que a árvore sempre cresça um pouco mais ao término de cada ciclo. Mutações e ciclo são necessários para que aconteça a renovação da vida. Sob um aspecto, existe retorno a um ponto de referência, mas, por outro, nada permanece igual. A Natureza não caminha em círculos, mas em ciclos constantes em que cada retorno representa um degrau acima da fase anterior. Evolução e renovação não acontecem em forma circular, mas em espiral. Num círculo, tudo volta ao mesmo ponto, mas numa espiral o retorno ao ponto de referência se dá em outro nível, num patamar acima. Quando respeitamos os ciclos, a vida flui, se renova e permitimos nossa própria evolução.

Otsu sempre me inspira e me convida gentilmente a fazer o caminho de volta: para dentro, para meus fluxos e processos internos. Nesse percurso, há perguntas cruciais:

- Estou deixando a vida fazer o trabalho dela?

- Tenho percebido os ciclos e colaborado para experienciar o que eles têm a me ensinar?

- Consigo perceber quando estou resistindo a um término de ciclo?

- Tenho expandido um pouco mais a término de cada ciclo?

Enfim, na crônica desta edição, vamos conversar um pouco sobre transformação. Desejo que sua leitura seja fértil e amorosa, que você se acolha com compaixão e se perceba. Apenas isso e, acredite, já é muito.

Um beijo carinhoso,

Adriana

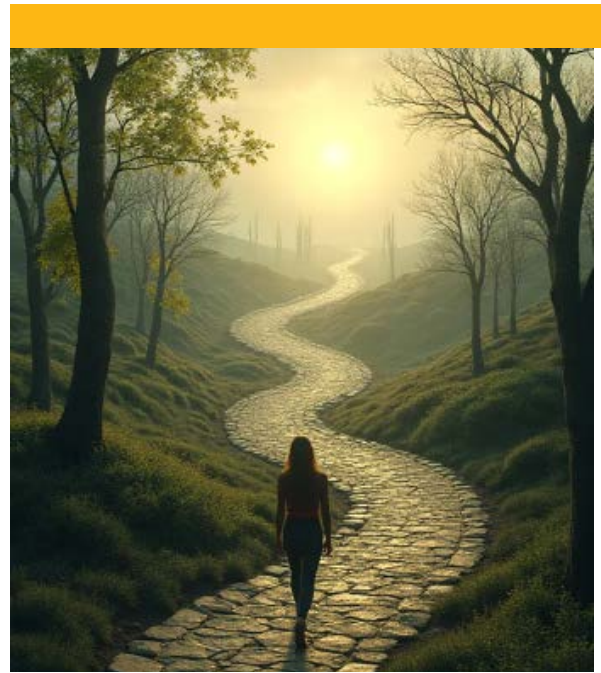


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025"

"Ainda é muito cedo para ser tarde demais."

Marla de Queiroz

Dia desses, deparei-me com um novo botão de flor na minha orquídea. Isso, obviamente, é previsível. Não, porém, nas circunstâncias em que a flor desabrochou. Explico-me.

O pé de orquídea havia sido resgatado há pouco mais de 1 ano do lixo. Literalmente, do lixo. De certo, tão habituados estamos de descartar tudo, que não nos damos conta de que a vida é feita de ciclos – o que significa que é preciso nos curvar aos desígnios do tempo. Pois bem: eu apenas suponho que os antigos donos da planta não a quiseram mais após dar a primeira florada e, impiedosamente, a descartaram.

Eu a trouxe para casa e agora ela floriu. De novo, você deve estar pensando que isso é o que se espera de uma orquídea. Não é bem assim. Vejamos:

- Com ela, reaprendi a respeitar o tempo sagrado das coisas;

- Com ela, lembrei que, com carinho e dedicação, os resultados são alcançados;



A última flor – sobre a sabedoria da natureza

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025"

- Com ela, atentei à brancura de suas pétalas e me dei conta de que a discrição é uma força potente;

- Por último, mas não menos importante: quando pensei que todos os botões já haviam florescido, descobri que havia um escondido, aguardando, humildemente, seu momento para eclodir à luz da vida. Sem violência, com humildade e confiança de que o seu tempo de compartilhar sua beleza com o mundo iria chegar. Agora, ele reina absoluto: soube esperar a sua vez porque, enquanto os outros botões brilhavam, ele se preparava para o seu tempo de glória.

Em qual momento da sua vida, leitor, você está? Sente-se como um botão fechado, desacreditado, desvitalizado ou aberto?

Já atingiu seu tempo de glória ou, há muito, desistiu dele porque pensa que "É tarde demais"? Se eu tivesse desistido da minha orquídea, não seria agraciada com uma floração abundante e delicada. Você tem desistido facilmente de você? Dos seus sonhos?

Em outras palavras, ainda acredita na vida?

Se crê merecedor (a) de presentes insuspeitos?

Sabe que a natureza é prodigiosa em fazer milagres?

Ailton Krenak, importante liderança indígena do pensamento brasileiro e filósofo contemporâneo da mais alta estirpe, diz assim no livro "A vida não é útil":

"Aqui, do outro lado do rio, há uma montanha que guarda a nossa aldeia. Hoje ela amanheceu coberta de nuvens, caiu uma chuva e agora as nuvens estão sobrevoando seu cume. Olhar para ela é um alívio imediato para todas as dores. A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial. Em vez de ficarmos pensando no organismo da Terra respirando, o que é muito difícil, pensemos na vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas. A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra. Assim como existem as palavras "vento", "fogo", "água", as pessoas acham que pode haver a palavra "vida", mas não. Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição."

Afetada por tanta impressões e desdobramentos emocionais, hoje acordei com muita vontade de prestar esta homenagem a minha flor, de certa forma, immortalizando-a aqui. Tenho andado com a cabeça muito poética ultimamente e, ontem, para ajudar, terminei de reler “O pequeno príncipe”. Lembrei do amor que

ele sentia pela sua rosa e de tudo que ele fez para poder estar novamente com ela. Concordo com a verdade profetizada pela raposa: “Tu se tornas eternamente responsável pelo que cativas.”

Fico pensando aqui, com “meus botões”, se estamos dispostos a mer-

gulhar no mistério profundo da nossa natureza. Sim, porque a vida é mistério sem fim. Em tempos de coisificação do homem e de humanização das coisas, é fácil perdermos a dimensão do que importa. Meus botões em flor importam. Importam muito. A vida importa. Todas as vidas importam.

Neste momento, você tem clareza do que importa na sua vida? Para que /quem você quer dar mais uma chance?

Procuramos fora tudo e tanto tão freneticamente e, na maior parte das vezes, o que buscamos já está aqui, aí... Drummond, nosso poeta inesquecível, fez uma provocação tão lúcida e atual:



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025"

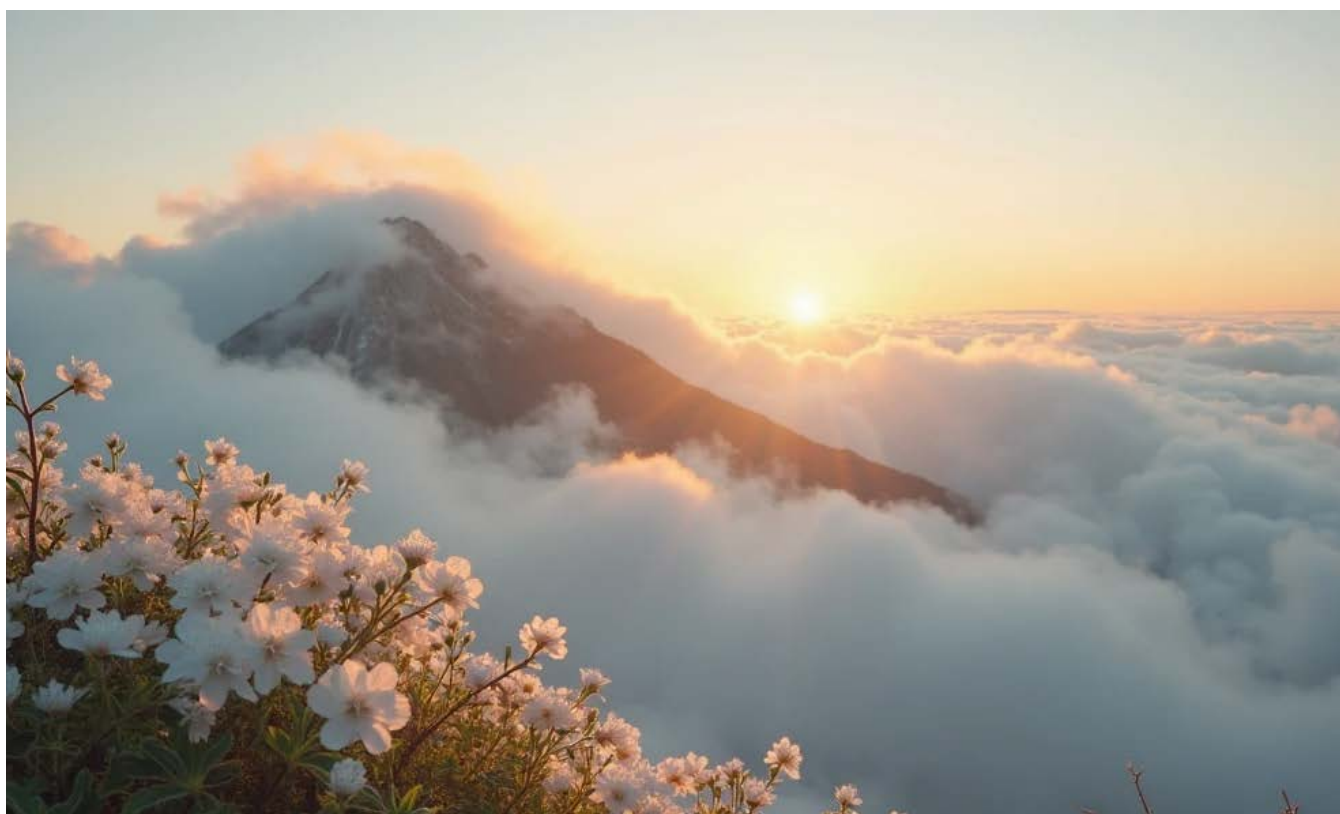


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025"

O Homem: As Viagens

Carlos Drummond de Andrade

O Homem, bicho da Terra tão pequeno
Chateia-se na Terra
Lugar de muita miséria e pouca diversão,
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
Toca para a Lua
Desce cauteloso na Lua
Pisa na Lua
Planta bandeirola na Lua
Experimenta a Lua
Coloniza a Lua
Civiliza a Lua
Humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte - ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em marte
Pisa em Marte
Experimenta
Coloniza
Civiliza
Humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro - diz o engenho
Sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
Vê o visto - é isto?
Idem
Idem
Idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
Proclamar a justiça junto com injustiça
Repetir a fossa
Repetir o inquieto
Repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
Só para terer?
Não-vê que ele inventa
Roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
Mas que chatô é o Sol, falso touro
Espanhol domado.

Restam outros sistemas fora do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
Só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias inexploradas
entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de conviver



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025"

Será possível humanizar o próprio homem? Parece-me que – como espécie – não nos resta outra alternativa... em tempos de Inteligência Artificial, nosso maior desafio será investigar, em nossas entranhas, nossa real e insubstituível humanidade.

Bom, assim como o pequeno príncipe, estou de partida: voltando aos meus novos devaneios... agradeço a você, que me acompanhou até aqui, por me dar um pouco de crédito e diminuir minha solidão neste mundo tão

árido. Aliás, não por acaso, o pequeno príncipe caiu no deserto africano... será uma provocação para olharmos para os desertos que, diariamente, construímos e nutrimos? Por falar em aridez, aqui, depois do inverno – período que convida à introspecção e ao recolhimento – já é, oficialmente, primavera – tempo de renascimento: início de novo ciclo quando tudo volta a pulsar. Afinal, você está, mesmo, disposto (a) a “Pôr o pé no chão do seu coração” e deixá-lo florescer?

IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025”



Colunista Adriana Moura Salles

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





03

**RENATA MUNHOZ**

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

Conde da Barca, importante nome à cultura do Brasil

Sobre usar a erudição em prol de uma função sociocultural prática, com “um deslocamento das Belas Artes para o utilitarismo iluminista, que se apropriaria do método filológico, antes preponderante, para submetê-lo aos imperativos de uma iniciativa intelectual realizada com fins político-administrativos” (SILVA, 2006, p.118).

Antônio de Araújo de Azevedo, o 1.º Conde da Barca (1754-1817), foi mais do que um nome nas altas esferas do poder. Sua biografia revela a figura de um intelectual cosmopolita, um “Homem de Letras” que, com a lucidez do Iluminismo, buscou aplicar a Razão em cada aspecto de sua vida. A sua trajetória é a prova viva de que a erudição pode caminhar de mãos dadas com a política, a diplomacia e a ciência, deixando marcas culturais profundas na história do Brasil.

Filho de Fidalgo da Casa Real e nascido em Ponte de Lima, no norte de Portugal, a formação de Antônio de Araújo de Azevedo foi singular.

Pouco se conhece sobre sua educação formal, mas se sabe que, ainda jovem, foi acompanhado pelo tio Antônio Luís, seu “sábio mentor”. Este o acolheu no Porto, onde o jovem dedicou-se ao estudo da língua grega sob os ensinamentos do mestre Tomás Delany. No colégio de São Lourenço, Araújo teve a base de toda a formação escolar, entrando posteriormente para o curso de Filosofia na Universidade de Coimbra, onde não concluiu a formação superior. Depois, voltou para o Porto, onde se aprofundou em matemática, história e “Belas Letras”, alcançando um conhecimento vasto. Mesmo sem ter um diploma universitário, ele se destacou muito ao voltar para sua cidade.

Em 1779, já engajado nas ideias de seu tempo, ele ajudou a criar a Sociedade Económica dos Amigos do Bem Público em Ponte de Lima. A ideia era usar o conhecimento para melhorar a indústria, a agricultura e o comércio locais. Foi através disso que ele conheceu o Abade Correia da Serra e o duque de Lafões. O duque, vendo o potencial de Araújo, o indicou em 1787 para ser diplomata em Haia. Ele ficou lá por dez anos, não só representando Portugal, mas também ajudando portugueses que estavam espalhados pela Europa em meio a tantas guerras.

Depois, em 1797, foi para Paris tentar fazer um acordo de paz com a França de Napoleão. Mas o governo

português não aceitou o acordo, e Araújo foi preso por três meses. Após ser solto, ele pediu demissão e aproveitou para viajar pela Alemanha, onde estudou mineralogia, química e botânica e fez amizade com grandes nomes, como Goethe.

Em 1801, foi nomeado para a Corte de São Petersburgo e, em 1802, voltou a Lisboa para ser Ministro dos Negócios Estrangeiros, a convite direto de D. João, que gostava muito dele. Até 1807, mesmo com o trabalho pesado, Araújo encontrou tempo para defender a obra de Camões, "Os Lusíadas", incentivar o botânico Félix de Avelar Brotero e tentar criar um Jardim Botânico em Lisboa.



Imagem de António de Araújo de Azevedo por Wikipedia



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

Em 1807, fugindo das tropas de Napoleão, ele partiu para o Brasil junto com a Corte. Trouxe consigo sua valiosa biblioteca, uma coleção de minerais e a primeira impressora do Rio de Janeiro.

Chegando ao Rio, em março de 1808, ele se dedicou a projetos culturais e científicos para transformar a cidade em uma capital do Império. Trabalhou para criar uma Biblioteca Pública, Museus e uma Academia de Belas Artes. Na ciência, montou um laboratório que virou a Escola de Química e Farmácia, uma

fábrica de porcelanas, e fez plantações de plantas nativas e estrangeiras no Real Jardim da Lagoa de Freitas, que ele chamou de "Hortus Araujensis". Foi também responsável por trazer a primeira máquina a vapor para o Brasil.

Em 1814, voltou para o governo, assumindo o Ministério da Marinha, e participou da elevação do Brasil a Reino Unido. Ele manteve esse e outros cargos até sua morte, em 21 de junho de 1817. Durante toda a sua vida, teve a amizade e a confiança de D. João VI.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

A Memória e o Arquivo



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

Antônio de Araújo, como muitos homens de Estado da época, morreu "quase pobre". Em seu testamento, deixou a responsabilidade de seus bens para seu irmão, João Antônio. Este, ciente do valor do arquivo do irmão, que guardava a história de uma vida inteira, decidiu preservá-lo. Ele usou os documentos para pedir a D. João VI uma pensão em reconhecimento pelos anos de serviço do irmão, o que garantiu a estabilidade de sua família.

Já a rica biblioteca de Araújo, com mais de 7 mil livros, foi a leilão. Mas D. João VI, sabendo de sua importância, ordenou que ela fosse comprada inteira e adicio-

nada à Biblioteca Régia, no Rio de Janeiro. Assim, o acervo que Araújo de Azevedo tinha montado ao longo da vida se tornou o núcleo inicial da atual Biblioteca Nacional do Brasil.

Por volta de 1822, o arquivo de Araújo retornou a Portugal com seu irmão João Antônio. Ele foi guardado na Casa de Sá, em Ponte de Lima, por cerca de 80 anos. A família o preservou como prova de sua história e prestígio. No entanto, por volta de 1908, com a venda dos bens familiares, o arquivo passou a ter um novo dono, o Dr. Manuel José de Oliveira, um médico e intelectual que o valorizava por seu interesse histórico.

Oliveira, um republicano que acreditava na importância dos documentos para o estudo da história, adquiriu o arquivo para usar em suas pesquisas. Ele montou uma biblioteca particular que era seu "laboratório" de trabalho. Infelizmente, Oliveira morreu cedo, em 1918. Em seu testamento, ele pediu que sua coleção, incluindo os documentos sobre o Conde da Barca e a Guerra Peninsular, fosse comprada por alguma cidade do norte de Portugal ou pelo Estado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

A Câmara Municipal de Braga, depois de muita discussão e crítica, comprou a "Coleção Oliveira" nos anos 20. A coleção, porém, continuou a gerar polêmica, e a Câmara decidiu passá-la para o Arquivo Distrital e a Biblioteca Pública de Braga, em regime de depósito. O diretor da instituição, Dr. Alberto Feio, defendeu a permuta, mostrando que a coleção era valiosa e continha muitos documentos raros, principalmente os manuscritos do Conde da Barca. Foi assim que, em 1926, os "papéis" do Conde da Barca finalmente encontraram um lugar seguro, onde sua história continua viva para ser estudada.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"



As trocas pessoais do Conde da Barca

A correspondência pessoal do Conde da Barca é um tesouro. São quase 2 mil documentos de cerca de 490 pessoas diferentes, que nos mostram como as ideias e os contatos se espalhavam por Portugal, Brasil e Europa. Seria impossível falar de cada carta em detalhes, mas é importante destacar que essa é uma coleção enorme de documentos, em grande parte inéditos, que ainda espera ser estudada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

É interessante notar que essa correspondência não seguia as divisas dos países. Ela funcionava dentro de uma "República das Letras" – um espaço global e informal onde as ideias circulavam livremente. O que unia essas pessoas era o lema iluminista "Sapere Aude", ou "ouse saber", que o Conde da Barca e seus colegas tanto prezavam. Essa mentalidade de buscar o conhecimento e o progresso foi a força que conectou Portugal, o Brasil e a Europa entre o fim do século XVIII e o início do século XIX.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

Nessa época, o ideal de progresso era muito forte. A troca de ideias e experiências acontecia por meio de cartas, que funcionavam como um tipo de comunicação paralela aos documentos oficiais. Através delas, se falava sobre novidades científicas, plantas, minerais e até sobre o que estava acontecendo na política de forma mais direta e pessoal. Essa troca de informações era rápida para os envolvidos, mas os resultados demoravam a chegar para a população. Afinal, a correspondência era de uma elite cultural e curiosa, ligada ao poder e que queria o "Bem Comum", um ideal iluminista que, na prática, levava tempo para se concretizar.

Podemos dividir o acervo de cartas em vários grupos. Primeiro, a correspondência entre o governo e a população. Após as invasões francesas, as pessoas usavam essas cartas para pedir favores a D. João VI, o rei, através de seus ministros. Nessas cartas, também se falava das vitórias e derrotas militares e das ideias para reconstruir o país.

Depois, temos a correspondência diplomática portuguesa. Diplomatas espalhados pela Europa trocavam informações, liam jornais e se conectavam com intelectuais, livreiros e cientistas. Um bom exemplo é Bernardo José Abrantes e Castro, que escrevia sobre políti-

ca e novidades literárias na Europa. Também se destacam o Marquês de Marialva, que ajudou a trazer a "Missão Artística Francesa" para o Brasil, e o Duque de Palmela, que recomendou a Araújo um naturalista alemão, Sellow, que queria estudar a flora e a fauna brasileiras. A correspondência também mostra como estrangeiros, como o Conde de Hogendorp, e até portugueses em busca de perdão, como Silvestre Pinheiro Ferreira, tentaram se estabelecer no Brasil.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

Mas o mais interessante dessa correspondência é o que vinha do próprio Brasil. Com a chegada da Corte em 1808, o Brasil, antes um território pouco explorado, se tornou o centro das atenções de naturalistas europeus. Viajantes como o Príncipe Maximiliano de Neuwied, por exemplo, vinham para cá para descrever a fauna e a flora e fazer ilustrações. Ele foi recomendado a Araújo pelo Barão de Eschwege, que era intendente das minas de Minas Gerais. O príncipe, que viajou sob um nome falso, trocava muitas ideias com Araújo e publicou vários trabalhos sobre suas descobertas no Brasil.

Outros funcionários da Coroa no Brasil também trocavam correspondência com Araújo. Manuel Ferreira da Câmara, por exemplo, falava sobre a extração de diamantes. Até mesmo o diretor do Jardim Real de Olinda, Étienne-Paul Germain, comentava sobre as novas plantações. Cartas de Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire, governador do Ceará, mostram os bastidores da política da capitania e sua ligação com intelectuais europeus e americanos.

De outras regiões, como a Bahia, o Conde dos Arcos falava de novidades botânicas, como o plantio do primeiro salgueiro-chorão no Brasil. Ele e o fazendeiro Felisberto Caldeira Brant Pontes também trocavam correspondências sobre como trazer novas tecnologias para cá, como uma máquina a vapor que naufragou e gerou uma longa negociação em Londres.

Tudo convergia para o Brasil. E todas essas trocas de ideias e informações ajudaram a lançar as bases para a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, formalizado em 1817, um passo fundamental para a futura independência do Brasil.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

A cultura como fonte de ações humanitárias

Fica clara, desta maneira, a importância do Conde da Barca para a história da cultura do Brasil. Por meio da apresentação de sua trajetória profissional, revela-se a aplicação de seus ideais ilustrados. A imensa relevância entre Portugal e o Brasil de seus tantos feitos mostra seu protagonismo como um homem que, apesar de sua notável erudição, ultrapassou os limites do “saber estéril” para aplicar seu conhecimento e desempenhar um papel de atuação social de vanguarda.



Ressalta-se a grandeza das influências do Conde da Barca em relação ao estabelecimento da cultura escrita no Brasil ao defini-lo como o responsável por romper com a proibição de trezentos anos ao instituir a primeira tipografia oficial e autorizada em terras brasileiras.

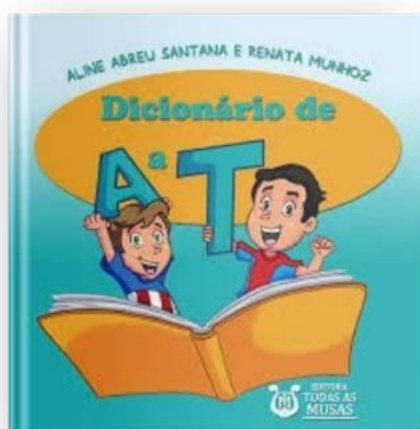
Sua cultura fora do comum foi aqui apontada pela menção de suas áreas de conhecimento, expressas na concretude de sua rica biblioteca e, principalmente, de seus tantos contatos pessoais, com quem trocava correspondências constantes, com informações e questões de relevância ao desenvolvimento cultural da humanidade.

Entende-se, pois, que a cultura escrita deve ser tida como determinante ao comportamento humano, enquanto registro do passado, forma de compreensão de situações contemporâneas e, por consequência, baliza a ações futuras mais humanitárias.

IMAGENS GERADAS POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025”

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)

Colunista Renata Munhoz

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





SANDRA SANTIAGO



Sandra Santiago Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo” dentre outros.

O NORDESTE INDEPENDENTE DO OLHAR XENOFÓBICO

Exatamente quando a The Bard homenageia o Nordeste brasileiro, parece oportuno refletir, inicialmente, sobre uma ideia que há muito vagueia entre o imaginário popular: de um nordeste independente. Tema de poema e de música, ela também cabe no debate sobre inclusão e exclusão, pois está carregada de sentidos. E o nordestino há muito carrega estereóti-

pos que geram exclusão.

A expressão que dá título ao presente texto é também título do belíssimo poema “Nordeste Independente”, de Bráulio Tavares e Ivanildo Vilanova, que foi popularizado em forma de canção na voz de Elba Ramalho, cantora nordestina, em meados dos anos 80. Num trecho diz:



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2025”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2025"

Já que existe no Sul esse conceito
Que o Nordeste é ruim, seco e ingrato
Já que existe a separação de fato
É preciso torná-la de direito
Quando um dia qualquer isso for feito
Todos dois vão lucrar imensamente
Começando uma vida diferente
De que a gente até hoje tem vivido
Imagine o Brasil ser dividido
E o Nordeste ficar independente

O poema é carregado de significados e de simbolismos, especialmente entre os nordestinos, e nos dias hodiernos ganhou ainda mais popularidade, especialmente depois das inúmeras manifestações xenofóbicas que ganham espaço e engajamento nas redes sociais. É preciso falar sobre isso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2025"

Cabe destacar, conforme Bernardes (2007:41) que "a formação do que um dia viria a ser o Nordeste está diretamente ligada à história do espaço colonial brasileiro", portanto, mais do que uma "expressão direta de uma realidade geográfica", a região se forjou a partir de movimentos que contribuíram na formação de uma identidade comum, envolvendo diferentes grupos, próximos geograficamente, mas, próximos, sobretudo, nos interesses e identidades.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2025"

Como se sabe, nos primórdios do Brasil colônia, a divisão administrativa do território se fez por meio de capitanias, espaços territoriais governado pelos capitães donatários ou capitães-generais, nomeados pelo colonizador. À época, destacaram-se no cenário geral, as capitanias de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Ceará e Bahia que se uniram para defender seus territórios, invadidos e ocupados por estrangeiros, como os holandeses, por exemplo.

Conforme Bernardes (2007:50) "a natureza dessa ocupação e suas consequências para a camada de proprietários de fazendas, engenhos e escravos" (...) "propiciaram a formação de formas de solidariedade, de manifestações de interesses e de identidades que também ultrapassavam as fronteiras das capitanias".

De tal modo, em meio às necessidades de autodefesa e envoltos em dramas de natureza política, econômica, administrativas etc. (como é comum entre os marginalizados) se desenvolve um espírito de solidariedade entre as capitanias, cujos interesses são maiores que os limites territoriais. Some-se a isso, algumas ações concretas do governo central, situado no Rio de Janeiro, sob o ponto de vista comercial e até religioso que favorece esse movimento mais crescente de identificação e unificação entre elas, fortalecendo uma espécie de solidariedade.

Tal conjuntura incita nesses grupos o desejo crescente de autonomia política e administrativa. A Revolução de 1817 evidencia isso e é considerada por alguns historiadores como o movimento que “instaurou de fato e pela primeira vez um governo independente no solo colonial” e que, embora tenha durado “pouco mais de dois meses”, (...) “suas consequências ultrapassaram essa curta duração” (Bernardes, 2007, p. 50).



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2025”

Na prática, a localização da corte portuguesa, no Rio de Janeiro, e o movimento articulador entre as capitanias mais ao norte, contribuíram para uma nova compreensão da territorialidade brasileira (Bernardes, 2007). Desde então, há uma divisão no Brasil: Norte e Sul, sendo o norte a periferia do país e o Sul usufruindo diretamente do progresso. Nessa perspectiva, paulatinamente, o país se desenvolve reforçando divisões e, infelizmente, mesmo com as mudanças significativas da República Federativa do Brasil, ainda é possível sentir os efeitos daquela divisão. No poema, se destaca...

Dividido a partir de Salvador
O Nordeste seria outro país
Vigoroso, leal, rico e feliz
Sem dever a ninguém no exterior
Jangadeiro seria senador
O cassado de roça era suplente
Cantador de viola o presidente
E o vaqueiro era o líder do partido
Imagine o Brasil ser dividido
E o Nordeste ficar independente

Atualmente, ainda que o país esteja dividido em cinco regiões, parece existir uma divisão norte-sul que, em diversas ocasiões, se materializa por meio da xenofobia, um tipo de preconceito caracterizado pela aversão, hostilidade, repúdio ou ódio ao estrangeiro, relacionado com fatores históricos, culturais, religiosos etc. (Bezerra, 2024).



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2025”

Não é raro, principalmente nas redes sociais, a presença de grupos que consideram o Nordeste como “um câncer nacional” ou “a praga do Brasil”. E, que desejam o extermínio do povo nordestino, com falas do tipo: “tem guerra em tantos lugares, bem que poderia ter uma guerra no Nordeste”, “a solução para o Brasil é tão simples, é só excluir o Nordeste e toda essa gente burra e suja do nosso país”, conforme adverte Bessa (2015).

Dados do Observatório dos Direitos Humanos (Brasil, MDHC, 2024) revelam que os crimes de xenofobia cresceram 874% entre 2021 e 2022. Portanto, essa é uma questão séria que precisa ser alvo de reflexões e, ao mesmo tempo, sendo tão grave, precisa ser enfrentada pelas políticas públicas brasileiras com maior firmeza.

De tal modo, ser nordestino não implica em resistir a uma região árida, seca, sem chuva, com fome, com índices de índices de desenvolvimento humano (IDH) médios a baixos – como se costuma representar. Ser nordestino no Brasil é resistir, sobretudo, contra o preconceito. Não é somente sobre ser um povo aguerrido, que desde sempre esteve inquieto e, quando necessário, se articulou, lutou, viveu, sonhou e mudou os rumos da história.

O nordestino sabe fazer festa, louvar, cantar e dançar, após cada conquista; conserva sua identidade cultural, mas é capaz de unir, abraçar e acolher, de uma maneira singular, cada viajante ou visitante, a ponto de ele não desejar partir. Sua música, sua dança, suas festas, sua culinária, suas tradições etc. são pequenos fragmentos do que significa nascer nesse lugar, mas, é muito pouco para traduzir o que é, de fato, o Nordeste.



IMAGENS GERADAS POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2025”

Colunista Sandra Santiago

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





10



ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

Literatura e Filosofia, um Entrelaçamento

Em mútuo enriquecimento, Literatura e Filosofia produzem uma dança de ideias e conhecimento. Questões ligadas a condição humana, dilemas éticos, existenciais e metafísicos são pontos que convergem para reflexões profundas e podem nascer de ensaios filosóficos ou literários, campos singulares que carregam pontos extremamente comuns entre si. Podemos pensar num entrelaçamento entre estes campos, ambos procuram entender a natureza da condição humana, mas o fazem de maneiras distintas.

Na literatura, autores como Kafka, Dostoiévski e Camus, por exemplo, trazem em suas obras,

profundas reflexões e indagações sobre liberdade, moralidade e sentido da existência.

Na Filosofia, obras de Nietzsche e Sartre aguçam leitores e escritores a pensar sobre a natureza subjetiva e real da vida. Temas profundos que diria, infinitos a quem se volta a estes assuntos com certa paixão.

Muitos ensaios filosóficos são escritos em prosa literária, o que explica os benefícios desta intersecção das disciplinas como um fator relevante e eficaz para a maior compreensão de temas complexos ligados a natureza do "ser".



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

"Quando procuro o que é fundamental em mim, é o gosto da felicidade que eu encontro"

Albert Camus

Grandes obras literárias com fundamentos filosóficos

Há uma gama de obras literárias que influenciaram o pensamento filosófico e tiveram uma grande repercussão em outras disciplinas como, literatura, política e teoria social.



Imagem de Wavebreak Media por Freepik



Imagem de Freepik

- "A República" de Platão: Fala sobre justiça, a natureza do conhecimento e a ordem social. Para ilustrar a diferença entre o mundo das ideias e a realidade perceptível, Platão aplicou a alegoria da Caverna, uma das mais famosas secções.

- "Assim Falou Zaratustra" de Nietzsche: Uma proposta a uma nova forma de vida, obra poética que questiona verdade e poder.

- "Meditações" de Marco Aurélio, aborda a importância da razão na vida cotidiana, com base no estoicismo. Reflete sobre ética e moralidade.

- "Crítica da Razão Pura" de Immanuel Kant: Uma investigação sobre o conhecimento humano.

"A Ética" de Baruch Spinoza: Spinoza propõe nesta obra que Deus e a natureza são a mesma coisa, ele explora a ética por meio de uma perspectiva racionalista.

"Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens tem medo da luz"

Platão



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

A humanidade padece pela falta de conhecimento (luz), o conhecimento é dado a quem o busca e buscando obterá sempre uma centelha do infinito que ainda não terá acesso.

Conhecimento é, portanto, uma busca interminável, uma trajetória de vida, sem ele, tudo passa despercebido e haverá ausência de sentido no mundo.

Há que se aprender com as coisas miúdas do cotidiano, há lições significativas em cada observação ou sensação. Tudo que nos envolve nos desafia a pensar de maneira mais profunda o que nos eleva e nos faz evoluir como seres humanos "pensantes"....

As páginas da nossa existência estão sempre abertas a novos aprendizados.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"



A Filosofia nos ajuda a ver o mundo de forma diferenciada e vai mais além, modifica o jeito que interagimos com ele. Coisas simples que a filosofia pode nos influenciar no dia a dia; a forma de ajudar os outros, questões mais amplas como enfrentar a morte, ou se devemos tuitar com raiva...(rs) As ferramentas que a Filosofia nos oferece ampliam a nossa consciência possibilitando decisões acertadas baseadas em profundas reflexões.

"Toda a arte e toda a filosofia podem ser consideradas remédios para a vida, ajudantes do seu crescimento ou bálsamo dos combates: postulam sempre sofrimento e sofredores."

Nietzsche

Integrar a filosofia na vida cotidiana proporciona novas perspectivas e amplia horizontes, o mundo das ideias também se aplica ao mundo das ações. Tudo que é novo precisou de uma nova ideia!!!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

Na arte e na vida, horizontes são abertos por mentes que brilham.

Estejamos na trilha da arte e do conhecimento, meus amigos leitores... estejamos na trilha. É o que desejo.

A Filosofia no Cotidiano

A Filosofia tem sido abordada como pouco prática, porém, como a filósofa Marina Garcéz lembrou: "A Filosofia não é útil nem inútil, é necessária". Por meio dela aprendemos a pensar de forma crítica. Reflexões, análises e questões fundamentais possuem muito mais consequências práticas do que possa parecer.

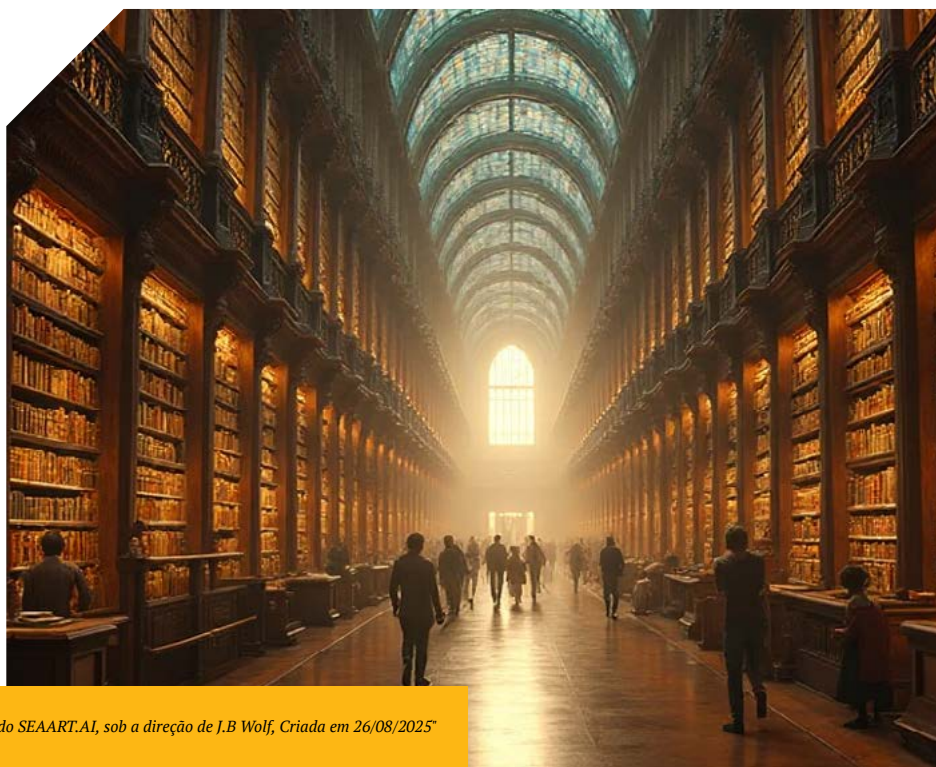


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

Literatura, Metafísica e Filosofia

Muitos filósofos empregaram formas de ficção ou poesia para comunicar suas ideias, enquanto poetas e romancistas referenciaram a filosofia para estabelecer temas significativos.

Borges, chama a metafísica de ramo da literatura fantástica.

Existe uma real divisão entre literatura e filosofia, ou são elas duas faces da mesma moeda?

Prefiro pensar que são interligadas. Possuem naturezas diferentes mas se misturam em muitos aspectos, há campos em comum.

Há quem diga que não existe uma linha divisória entre elas, pode se dizer que existe ambiguidade entre as mesmas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

Metafísica na Filosofia:

A metafísica na filosofia estuda a existência do ser, sua natureza e a realidade. Lida com questões sobre o tempo, livre arbítrio, mente e matéria.

Metafísica na Literatura

A metafísica na literatura aborda questões como o sentido da vida, a relação entre o indivíduo e o universo, a natureza e a consciência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

A metafísica na literatura pode ser influenciada por ideias filosóficas, refletindo e dialogando com elas.

Para ampliar a compreensão destes saberes, podemos concluir que a literatura pode ampliar a compreensão da realidade ao apresentar novas perspectivas e experiências humanas, enquanto a filosofia oferece estruturas conceituais para a compreensão destas experiências.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"





Literatura e Conhecimento

A literatura mantém vivo o conhecimento pois o preserva ao longo do tempo. É por meio dela que somos desafiados a questionar nossas crenças, expandir nossas ideias e elaborar pensamentos críticos sobre questões profundas como justiça, amor, guerra e identidade. Nossa visão de mundo é moldada pelo conhecimento ad-

quirido e a expansão da mente pela leitura é inquestionável. Ler nos permite explorar outros mundos e entender nosso lugar dentro do nosso "universo particular". A intersecção do conhecimento com a literatura proporciona um campo de ideias favorável a exploração de um número infinito de possibilidades.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

Para mim, a síntese de tudo
que escrevi aqui seria algo como
disse Borges;

*"Não há prazer mais complexo
que o do pensamento".*

J.L.Borges



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

Ler literatura é altamente benéfico, intelectualmente vantajoso e cognitivamente importante.

Poderíamos imaginar um mundo em que não houvesse literatura? Certamente seria miserável no conhecimento.

*"O que a literatura faz é o mesmo
que acender um fósforo no campo
no meio da noite.*

*Um fósforo não ilumina quase
nada, mas nos permite ver quanta
escuridão existe ao redor".*

William Faulkner

Há sempre luz no universo da literatura e do conhecimento. A literatura transforma o conhecimento em arte.

É o que penso....

*"A literatura, como toda a arte,
é uma confissão de que a vida não
basta.*

*Talhar a obra literária sobre as
próprias formas do que não basta
é ser impotente para substituir a
vida".*

Fernando Pessoa

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"





IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

Conclusão

Tanto a literatura quanto a filosofia abordam questões pertinentes a condição do ser. Ambas são frutos do pensamento e da linguagem. Elas podem se expressar de maneira literária ou filosófica. Toda a luz do conhecimento filosófico pode ter uma abordagem artística na literatura ao provocar emoções e sentimentos

mais profundos.

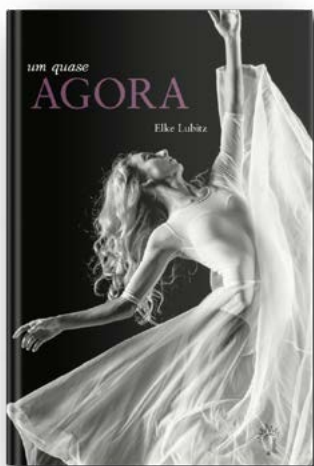
Deixo aqui meu agradecimento a equipe The Bard que com suas iniciativas culturais presenteia seus leitores e nos agracia com rico conteúdo.

Que continuem acesas as chamas do conhecimento e da arte.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/08/2025"

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

Colunista Elke Lubitz

INSTAGRAM

FACEBOOK

X.COM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"



33ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade"

**34^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 03 DE AGOSTO À 21 DE SETEMBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



COLUNA Raízes DE MOÇAMBIQUE

11



Dany Amado Vasco



Nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Guruéna, Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais e assim como internacionais. É o mais novo colunista representante de revista interativa The Bard em Moçambique.

A língua que traremos nesta edição, é o Tsonga ou shiTsonga é um idioma niger-congolês da África austral. É uma das línguas de Moçambique, e é também uma das onze línguas oficiais da África do Sul, falada principalmente na província do Limpopo, junto à fronteira do Moçambique. Também é uma língua bastante falada no Zimbábue, onde é chamada de Shangani.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/08/2025"



Imagem de Mia Couto por BA.Gov - Google

MIA COUTO: A Palavra que transforma

Por Dany Amado Vasco

Mia Couto, nascido António Emílio Leite Couto em 1955, na Beira, Moçambique, é um dos escritores africanos de língua portuguesa mais reconhecidos no mundo. Com uma escrita marcada pela fusão entre oralidade africana, poesia e realidade social, ele construiu uma obra que ultrapassa fronteiras geográficas, culturais e linguísticas.

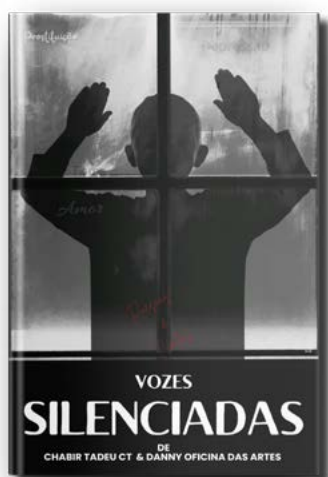


Imagem de Mia Couto por Revista Pernambucana - Google

Formado em Biologia, Mia Couto alia a sensibilidade científica à profunda observação humana. Sua literatura trata de temas como identidade, guerra, memória e pertença, utilizando uma linguagem inovadora que recria o português com elementos das línguas moçambicanas. Essa recriação não é apenas estilística, mas uma forma de resistência e valorização das raízes culturais do país.

Entre suas obras mais conhecidas estão Terra Sonâmbula, O Último Voo do Flamingo, Jerusalém, Venenos de Deus, Remédios do Diabo, e a trilogia As Areias do Imperador. Em todos esses livros, a presença de personagens marginalizados, paisagens marcadas pela dor e a esperança, e a relação íntima entre os vivos e os mortos formam um universo literário denso e profundamente humano.

LIVRO DO AUTOR



Clique aqui

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI",
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/08/2025



Além de escritor, Mia Couto é também jornalista e ambientalista. A sua trajetória literária foi reconhecida com diversos prêmios internacionais, incluindo o Prêmio Camões (2013), o mais importante da língua portuguesa, e a sua nomeação para o Prêmio Man Booker International.

Mia Couto não escreve apenas histórias — ele escreve caminhos. Seus livros convidam à escuta do silêncio africano, à redescoberta do mundo a partir da margem, e à celebração da palavra como forma de cura e transformação. Em tempos de ruído e fragmentação, sua obra se mantém como um dos maiores legados da literatura contemporânea.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Nascida em 28 de outubro de 2004, uma jovem talentosa e apaixonada pela arte da palavra. Como membro dos Ativistas Sociais de Moçambique, ela se dedica a promover a mudança social. Estudante de Educação e Assistência Social na Universidade Pedagógica de Maputo, Neyma combina sua paixão pela escrita com seu compromisso com a justiça social.

Com um livro em preparação, Neyma já demonstra um talento promissor para a escrita, com uma voz única e uma perspectiva fresca sobre o mundo.



Neyma Cumaio

Escritora, Declamadora e Poetisa

Me tornei invisível

Eu me chamo Maria, e tenho 85 anos. Moro sozinha em uma pequena casa no campo, cercada por montanhas e vales que me lembram de uma vida mais feliz. Mas, agora, sinto que me tornei invisível.

Meus filhos e netos se mudaram para a cidade, em busca de uma vida melhor. Eles me visitam raramente, e quando o fazem, é como se estivessem cumprindo uma obrigação. Eles não se importam mais comigo, não perguntam sobre minha saúde, não se preocupam com minha solidão.

Eu passo os dias sozinha, cuidando do meu jardim e dos meus animais. Mas, é uma solidão que dói. Eu sinto que estou sendo esquecida, que estou sendo deixada para trás. Eu me pergunto se alguém vai se importar quando eu não estiver mais aqui.

Eu me lembro dos dias em que meus filhos corriam ao meu redor, quando meus netos me

ajudavam a colher frutas e legumes no jardim. Agora, é como se eu fosse uma sombra, uma presença invisível na vida deles.

Eu sinto que estou desaparecendo, que estou me tornando uma lembrança distante. Eu quero ser vista, quero ser ouvida, quero ser lembrada. Mas, parece que ninguém mais me vê.

A noite, quando o silêncio é mais profundo, eu sinto o peso da minha solidão. Eu me pergunto se alguém vai encontrar meu corpo quando eu morrer. Será que alguém vai chorar por mim?

Eu não sei quanto tempo mais vou ter, mas eu quero que alguém saiba que eu estou aqui. Eu quero que alguém se importe comigo. Eu quero ser vista, eu quero ser ouvida. Eu quero ser lembrada. Mas, parece que eu me tornei invisível, e ninguém mais me vê.

FACEBOOK



POST NO SITE



Nascido em Maputo, Distrito de Moamba,

Despertou a paixão pela escrita por ser tímido e eu escrevia o que sentia, o que via. E hoje me inspiro na literatura moçambicana de Mia Couto.



Mussa Fernando

Escritor

A Sabedoria da Escolha

Era uma vez três irmãos saíram em busca de melhores condições de vida andavam sobre as árvores mais densas e frondosas.

Chegando no meio do caminho apareceu um sujeito com Capucho e perguntou três irmãos para três escolas quais delas irás escolher? dinheiro? joias? ou sabedoria? então o mais velho levantou a mão ambicioso e disse eu escolho dinheiro logo logo serei Rico e o irmão do meio disse eu escolho as joias com elas farei muito dinheiro e serei Rico.

O mais novo levantou a mão em seguida e

disse eu ficarei com a sabedoria e daí os três escolheram três caminhos diferentes e foram.

10 anos depois os três irmãos se encontraram o mais velho disse irmãos, meu dinheiro acabou pois não soube gastar. E de seguida o segundo irmão disse: as minhas joias acabaram, pois vendi todas elas e gastei o dinheiro com mulheres e boa vida. e o mais novo disse eu fiquei com a sabedoria e me tornei mais sábio, criei planos de negócios e já sou dono das maiores empresas de gás, produção de alimentos e sou líder da família.

FACEBOOK



POST NO SITE





Balbina Manica, nascida a 31 de julho de 2004 em Maputo, Moçambique, Balbina Manica descobriu sua paixão pela poesia e literatura aos 10 anos, encantando sua escola com seus primeiros versos. Aos 15, já havia concluído seu primeiro manuscrito, revelando uma maturidade literária impressionante.

PORTUGUÊS SOMOS FOLHAS

Empurradas pela brisa
Dessa doce e cruel vida
Partilhamos a mesma árvore
A árvore, que nos ensina cada dia que passa a melhorar
Que nos ensina
A respeitarmo-nos mutuamente
Sem deixar de ter os nossos sonhos em mente
Pois partilhamos a mesma árvore

Somos feitos pela árvore
Que se iguala a uma flor
Que desabrocha devagar
Com carinho e com ardor
Para a vida perfumar
A árvore que é a luz que ilumina o caminho a percorrer
E ajuda nos a vencer

Por isso, cultive-a sem medo
Sem receios ou temores
Pois a árvore é o segredo da existência de todas as folhas
Ajuda nos a encontrar respostas

Oferece-nos o sentido da vida
Sem amargura e crueldade
Onde encontramos o fim
Mas o fim é sem fim
Pois partilhamos com a mesma verdade.

DIALETO TSONGA HI MATLUKA

Ku susumetiwa hi moya wa moya
Ya vutomi lebyi byo nandziha ni bya tihanyi
Hi avelana murhi wun'we
Murhi lowu hi dyondzisaka ku antswisa siku na siku
Sweswo swa hi dyondzisa
Ku xiximana
Handle ko tshika ku va na milorho ya hina
emiehleketweni
Hikuva hi avelana murhi wun'we

Hi endliwe hi murhi
Sweswo swi fana ni xiluva
Sweswo swi hluka hakatsongo-tsongo
Hi rirhandzu ni ku hisekela
Ku nun'hwetela vutomi
Murhi lowu nga ku vonakala loku voningaka
ndlela yo landzela
Naswona swi hi pfuna ku hlula

Hikwalaho, ri hlakulele handle ko chava
Handle ka ku chava kumbe ku vilela
Hikuva murhi i xihundla xa vukona bya
matluka hinkwawo
Swi hi pfuna ku kuma tinhlamulo

Wu hi nyika nhlamuselo ya vutomi
Handle ka ku vava ni tihanyi
Laha hi kumaka makumu
Kambe makumu a ma heli
Hikuva hi avelana ntiyiso lowu fanaka.

FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE





Loforte Paulo Leite é Licenciado em Administração Pública pela Universidade Católica de Moçambique. Com larga experiência na gestão bancária, actua nas áreas de finanças, liderança de equipas e desenvolvimento organizacional. É fundador e CEO da LSA Business Store, Lda, empresa dedicada à inovação e impacto comunitário. Como escritor, desenvolve obras poéticas e reflexivas sobre a condição humana e os desafios sociais. Acredita na palavra como instrumento de transformação e consciência.



PORTUGUÊS

QUANDO A DOR ME ENSINOU A VENCER

No mês em que perdi o pão e o abraço,
O chão cedeu sob meus próprios passos.
O adeus da mulher, a porta do banco,
Tudo gritou: "o fim chegou, e é branco".
Na sombra do quarto chorei sem saber
Se o que partia era eu, ou meu viver.

A conta vazia, a casa sem voz,
O silêncio ocupando o lugar de nós.
A mesa vazia, a alma encostada,
No espelho a esperança estava calada.
Pensei: "acabou, até aqui cheguei",
Mas a dor sussurrou: "ainda és rei".

Transformei a demissão em chama e aço,
Com lágrimas fiz do abismo um espaço.
E hoje, mesmo quando a dor reaparece,
Meu peito não foge, resiste, enobrece.
Digo com sangue, suor e ousadia:
Veni, Vidi, Vici — eis minha valentia.

Aonde encontro o fim?
Talvez num olhar.
Mas é sem fim, pois continuo a caminhar.
Há dias que pesam, há noites vazias,
Mas sigo com fé, palavra e poesias.
Cada queda me empurra a subir,
E no fim, descubro: o fim é persistir.

FACEBOOK



DIALETO TSONGA

LOKO KU VAVA KU NDZI DYONDZISE KU HLULA

Hi n'hweti ndzi lahlekeriwe hi xinkwa ni ku angarhana, .
Misava yi nyikile ndlela ehansi ka switepisi swa mina.
Ku wisa ka wansati, nyangwa wa le bangi, .
Hinkwaswo swi huwelerile swi ku:
"Makumu ma fikile, naswona ma basa."
Endzhutini wa kamara, ndzi rile, ndzi nga swi tivi leswaku
ku ri mina loyi a nga ta famba, kumbe vutomi bya mina.

Xibalo lexi nga riki na nchumu, yindlu leyi nga riki na rito, .
Ku miyela ku teka ndhawu ya hina.
Tafula leri nga riki na nchumu, moya-xiviri wu titshege hi rona, .
Exivonini, ntshembo a wu miyerile.
Ndzi ehlekete: "Swi herile, ndzi fikile laha,"
Kambe ku vava ku hlevetela: "Wa ha ri hosi."

Ndzi hundzule ku tshika ntirho ku va langavi ni nsimbi, .
Hi mihloti ndzi endle xivandla xa le hansi xi va xivandla.
Naswona namuntlha, hambiloko ku vava ku tlhela ku humelela, .
Xifuva xa mina a xi baleki, xa lwisana, xa tlakusa.
Ndzi vula hi ngati, nyuku, na xivindzi:
Veni, Vidi, Vici— lexi i xivindzi xa mina.

Xana makumu ndzi ma kuma kwihi?
Kumbexana hi ku languta.
Kambe a swi heli, hikuva ndza ha ya emahlweni ndzi famba.
Ku ni masiku lama tikaka, ku ni vusiku lebyi nga riki na nchumu,

Kambe ndzi ya emahlweni hi ripfumelo,
marito ni vutlhokovetseri.
Ku wa kun'wana ni kun'wana ku ndzi susumetela ku pfuka, .
Naswona eku heteleleni, ndzi kuma: makumu i ku phikelela.

POST NO SITE





Edson Mavie, também conhecido por seu heterônimo EMavie, é um escritor, poeta e narrador de histórias em ascensão, este, é um artista multifacetado com uma paixão por inspirar. Atuando como docente do ensino primário, Edson combina sua carreira educacional com uma crescente presença no mundo literário. Com um talento para a publicidade e uma habilidade notável em autoexpressão, continua a explorar diversas formas de arte, sempre buscando impactar positivamente seu público e cultivar a capacidade de inspirar a si mesmo e aos outros.

PORTUGUÊS

AONDE ENCONTRO O FIM, MAS O FIM É SEM FIM!

Vivi, e cheguei a pensar que minha vida já tinha
chegado ao fim.

Porém, nem a morte pareceu um limite para mim,
Tudo porque de mim,
Tudo dei, e nada parecia chegar ao auge em mim.

Acreditei ser a melhor de todos os tempos para ele.
Viajei, e no casamento, pensei que ele seria só
meu e eu só dele.

Aquele era o fim que eu sempre desejei,
Mas enfim, foi o começo de coisas que eu não planejei.

Acho que devia ter o conhecido mais antes de me envolver.
Talvez esse, seria o garante de não estarem a me moer.

Queria eu que o início desta relação,
Fosse o fim de tanta manipulação e enganação.
Que pena, me dei mal.
Não deu para encontrar o fim num início
que imaginei ser ideal.

DIALETO TSONGA

LAHA NDZI KUMAKA MAKUMU, KAMBE MAKUMU A MA HELI!

A ndzi hanya, naswona a ndzi ehleketa ni leswaku vutomi
bya mina se byi fike emakumu.

Hambiswiritano, hambi ku ri rifu a ri vonaka
ri ri ndzilakano eka mina, .

Hinkwaswo hikwalaho ka mina, .

Ndzi nyikele hinkwaswo, naswona a ku vonaka ku nga ri
na nchumu lowu fikeleleke nhlohlorhi ya wona eka mina.

A ndzi pfumela leswaku a ndzi ri lonene ngopfu eka yena.

Ndzi fambe, naswona enkhubyeni, a ndzi ehleketa
leswaku u ta va wa mina ntsena naswona
mina ndzi ta va wa yena ntsena.

Wolawo a ku ri makumu lawa a ndzi ma lava
minkarhi hinkwayo, .

Kambe eku heteleleni, a ku ri masungulo ya swilo
leswi a ndzi nga swi kunguhatanga.

Ndzi ehleketa leswaku a ndzi fanele ndzi n'wi
tivile ku antswa ndzi nga si nghenelela.

Kumbexana sweswo a swi ta va swi ri xitiyisekiso
xa leswaku a va nga ta va va ndzi sila ehansi.

A ndzi lava masungulo ya vuxaka lebyi, .
Ku va makumu ya vukanganyisi ni vuxisi byo
tala swonghasi.

I tingana swonghasi, ndzi rhurhumerile.

A ndzi nga swi koti ku kuma makumu eka masungulo
lawa a ndzi ehleketa leswaku ma ri lamanene.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Filomena Sandra Nhandale, nascida aos 07/02/1998, natural Moçambique província de Maputo, escrevo e declamo, estudante do curso de enfermagem geral.

PORTUGUÊS EU SOMÁLIA

Antes mesmo que tu fales de mim
Quero que saiba quem sou na realidade
Quero que fixes bem na mente
E perfeitamente a minha identidade.

Eu Somália
Eu morro bem ali no chifre da África
Eu quero que saiba que tenho como
Irmão, primo, vizinho
Quênia, Etiópia e Djibuti
E por eu ser Somália
eu tenho como capital o Magodísio.

Eu Somália
Terra ardente revestida pela fome
Investida pela pobreza e seca
Antes mesmo a minha independência
Fui colonizado pelo Reino Unido e Itália
Os dois juntos fizeram de mim uma terra sangrenta
Sinceramente falando não tiveram clemência.
Até o Mohamad abdallah por mim lutou, a sua resistência
contra o colonialismo britânico continuou, apesar de ter
repelido muitas forças britânicas, eventualmente
foi derrotado.
Eu ví em mim a violência dançar sua canção.
As garras da expressão continuaram a apertar,
até um grito abafado soltei.

continua no site...

DIALETO TSONGA MINA, TIKO RA SOMALIA

U nga si vulavula hambi ku ri hi mina
Ndzi lava leswaku u tiva leswaku ndzi mani hakunene
Ndzi lava leswaku u tsundzuka kahle
Naswona hi ku hetiseka vumunhu bya mina.

Mina, tiko ra Somalia
Ndzi tshama kwalahaya eRhonweni ra Afrika
Ndzi lava leswaku mi swi tiva leswaku ndzi na
swona tanihi swa mina
Makwerhu, muzala, muakelani
Kenya, Etiyopiya na Djibouti
Naswona hikuva ndzi Somalia
Ntsindza wa mina i Magodixa.

Mina, tiko ra Somalia
Tiko leri pfurhaka leri funengetiweke hi ndlala
Ku hlaseriwa hi vusweti ni dyandza
Hambi ku ri emahlweni ka ntshunxeko wa mina
Ndzi endliwe tikoloni hi United Kingdom na Italy
Lava vambirhi loko va hlangana va ndzi endle tiko
leri nga ni ngati

Ku vula ntiyiso, a va kombisanga tintswalo.
Hambi ku ri Mohamad Abdullah u ndzi lwerile;
ku lwisana ka yena na vukoloni bya Britain ku ye
emahlweni, hambi leswi a hlongoleke mavuthu yo tala
ya Britain, u hetelele a hluriwile.
Ndzi vone madzolonga ma cina risimu ra wona endzeni ka
mina. Ku khoma ka xikandza xa mina ku ye emahlweni ku
tiya, ku kondza ndzi humesa ku huwelela loku pfalekeke.

continua no site...

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





POR MAGNA ASPÁSIA



Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA e residente em Uberaba-MG, é professora, escritora, tradutora e consultora educacional. Mestre, possui graduação em Letras e várias especializações. É autora e coautora de obras acadêmicas e literárias publicadas no Brasil e no exterior. Doutora em Filosofia Universica (Ph.I.) e Doutora Honoris Causa em Literatura, fundou e preside a Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba e a Akademia Alternative Pegasiane Brasil/Albânia. Atua em entidades culturais como FEBACLA e Academia Internacional de Literatura Brasileira, e colabora com revistas e jornais literários. Reconhecida por sua contribuição à educação, literatura e artes, recebeu diversos prêmios e honrarias nacionais e internacionais.

Entrevista

Mhill Simon Velaj



Um diálogo sobre memória, identidade e o poder universal da palavra escrita

Mhill Simon Velaj é um escritor, poeta, prosador e publicista nascido em 1957 no Kosovo, perseguido politicamente pelo regime sérvio e exilado nos EUA desde antes da guerra do Kosovo. Vive em Stamford, Connecticut, com sua família, sendo pai de cinco filhos bem-sucedidos.

É autor de 23 obras publicadas e membro de diversas associações literárias internacionais. Suas obras foram traduzidas para vários idiomas e sua poesia integra importantes antologias e festivais internacionais. Recebeu distinções relevantes, como o título de “Cavaleiro da Ordem da Bandeira” pelo presidente da Albânia. Continua atuante como escritor, editor e figura destacada na cultura da diáspora albanesa.

Membro da Academia Alternative Pegasiane-Albânia.

Membro da Acadêmia Alternativa Pegasiane-Brasil.

1

REVISTA THE BARD - O senhor cresceu em um contexto cultural específico dos Bálcãs. De que maneira sua origem albanesa influencia a temática e o tom de sua escrita?

MHILL VELAJ - Minha origem albanesa é a espinha dorsal da minha escrita. Venho de uma cultura em que as palavras sempre foram mais faladas do que escritas, onde a memória se preserva por meio de canções, provérbios e histórias contadas ao redor do fogo. Essa tradição ancestral, combinada com as rupturas históricas que vivenciamos, molda profundamente o tom reflexivo e, por vezes, melancólico dos meus textos. Escrevo com a consciência de carregar uma voz coletiva.

2

REVISTA THE BARD - Quais foram os primeiros estímulos que o levaram à literatura? Existe algum episódio marcante em sua infância ou juventude que despertou seu desejo de escrever?

MHILL VELAJ - Recordo-me de uma noite em que um velho contador de histórias narrou uma fábula sobre um homem que havia perdido o próprio nome. Aquilo me causou um impacto tão grande que passei dias tentando reescrever a história em minha mente. Foi aí que compreendi o poder transformador das palavras. A literatura nasceu para mim como uma extensão da escuta – primeiro escutei muito, só depois comecei a escrever.

3

REVISTA THE BARD - Como se dá o seu processo de criação? Há algum ritual, momento do dia ou método específico que o senhor adota ao escrever?

MHILL VELAJ - Escrevo quando algo me inquieta ou me atravessa. Prefiro o silêncio da madrugada ou os primeiros instantes da manhã. Não tenho um ritual fixo, mas costumo carregar comigo cadernos pequenos onde anoto frases, imagens ou lembranças. Às vezes uma única palavra amadurece por dias até encontrar o texto que merece.



4

REVISTA THE BARD - Quais são os temas que mais o inquietam como escritor? O senhor considera que a memória, a identidade nacional e a condição humana são elementos centrais em sua obra?

MHILL VELAJ - Sim, sem dúvida. Escrevo como quem resgata. A memória – tanto individual quanto coletiva – é um dos pilares da minha obra. A identidade nacional, o exílio, a perda e o reencontro com as raízes são temas recorrentes. Mas tudo isso está sempre em diálogo com a condição humana. O que me importa é compreender o ser humano diante do tempo, da dor e da esperança.



5

REVISTA THE BARD - Sua escrita é muitas vezes descrita como sensível e humanista. Como o senhor equilibra emoção e reflexão em sua construção literária?

MHILL VELAJ - O equilíbrio nasce da escuta interior. Quando escrevo, tento não ser refém da emoção imediata. Dou tempo para que o sentimento decante e se converta em algo universal. A emoção, quando atravessada pela reflexão, ganha profundidade e atinge o outro sem excessos. Escrever é, para mim, um exercício constante de compaixão e lucidez.

6

REVISTA THE BARD - Como a história recente da Albânia — marcada por isolamento, transições políticas e diáspora — impacta a literatura atual e, em particular, a sua produção?

MHILL VELAJ - A literatura albanesa carrega cicatrizes profundas. O isolamento, a repressão, os silêncios impostos e os deslocamentos forçados formaram uma geração de escritores que escreve quase como um ato de resistência. No meu caso, tento transformar a dor histórica em linguagem que dialoga com o presente – não apenas para denunciar, mas para compreender.

7

REVISTA THE BARD - A literatura albanesa ainda é pouco conhecida fora dos círculos especializados. O senhor acredita que há um movimento de maior abertura internacional para os escritores albaneses?

MHILL VELAJ - Sim, acredito que vivemos um momento de abertura crescente. Embora o caminho ainda seja difícil, há cada vez mais interesse por vozes que vêm de culturas até então marginalizadas. No entanto, é necessário investimento em traduções de qualidade, curadoria e divulgação. O mundo tem sede de autenticidade, e a literatura albanesa tem muito a oferecer.



8

REVISTA THE BARD - A tradição oral é um pilar importante na cultura albanesa. Como ela dialoga com sua escrita contemporânea? O senhor costuma incorporar elementos dessa tradição em seus textos?

MHILL VELAJ - A tradição oral é o meu alicerce. Cresci ouvindo histórias que não estavam em nenhum livro. Esses ecos da oralidade aparecem na minha escrita tanto na estrutura narrativa quanto na cadência da linguagem. Resgatar esse mundo ancestral é uma forma de preservar uma sabedoria que o tempo moderno tende a apagar.





9

REVISTA THE BARD - Como escritor, o senhor sente que escreve para os albaneses, para o mundo ou para ambos? Qual é o seu público ideal?

MHILL VELAJ - Escrevo para o ser humano – com raízes albanesas. Meu texto carrega o local, mas aspira ao universal. O meu público ideal é aquele que lê com o coração aberto, independentemente de sua origem. Se alguém no Brasil ou em qualquer outro lugar se reconhece no que escrevo, então a ponte foi construída.

11

REVISTA THE BARD - O senhor acredita que a literatura deve ter um papel social e político? Em algum momento sentiu a necessidade de posicionar-se através da sua obra?

MHILL VELAJ - A literatura não precisa ser panfleto, mas também não pode ser neutra diante do sofrimento humano. Em muitos momentos, sim, senti a necessidade de escrever como forma de denúncia, de resistência e de memória. A palavra tem força – e às vezes é tudo o que nos resta.

10

REVISTA THE BARD - Quais autores, albaneses ou estrangeiros, mais o influenciaram? Há algum livro ou escritor que o senhor considera fundamental na sua formação?

MHILL VELAJ - Entre os albaneses, destacaria Migjeni e Martin Camaj. Entre os estrangeiros: Albert Camus, Hermann Hesse, Faulkner e Rilke. Há também escritores contemporâneos que me tocam profundamente. Um livro que me marcou foi O Estrangeiro, de Camus – pela sua densidade filosófica e clareza existencial.

12

REVISTA THE BARD - Quais são os projetos literários que o senhor está desenvolvendo atualmente? Há novos livros em preparação?

MHILL VELAJ - Atualmente trabalho em um romance sobre o silêncio e a culpa herdada. Também estou organizando uma coletânea de contos curtos e reflexões que nasceram durante a pandemia e os anos posteriores. Espero que em breve possam ser traduzidos e conhecidos fora da Albânia.

REVISTA THE BARD - Na sua opinião, como a literatura pode ajudar a construir pontes entre culturas tão distantes como a brasileira e a albanesa?

MHILL VELAJ - A literatura é a arte mais íntima e, ao mesmo tempo, mais expansiva. Ela revela o outro e, ao fazê-lo, nos revela também. Quando um leitor brasileiro mergulha em uma história albanesa e encontra ali o eco da sua própria alma, então não há mais “distância”. Há reconhecimento. E isso é o início de toda ponte verdadeira.

Muito obrigada, professor Mhill Velaj, por esta conversa profunda e inspiradora.

— Magna Aspásia Fontenelle, jornalista cultural, The Bard

MTE-0023508/MG



FACEBOOK



REVISTA THE BARD - Que mensagem o senhor gostaria de deixar para os leitores brasileiros que estão começando a conhecer a literatura albanesa e, especialmente, sua obra?

MHILL VELAJ - Gostaria de lhes dizer que, apesar das distâncias geográficas e culturais, nossos sentimentos são os mesmos. Se minhas palavras puderem tocar algo em seus corações, então a missão estará cumprida. A literatura nos torna próximos – mesmo quando falamos idiomas diferentes.



LIVROS - MHILL VELAJ



MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS



COLUNAS E COLUNISTAS

SITE

FACEBOOK

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE





CRIS GOMES



Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

A VIDA MORA NO SIMPLES

Desenhando os primeiros raios do amanhecer, vou esquadrinhando os detalhes do dia.

Se mais um ou menos um, não o sei.

O que definitivamente posso afirmar é que a vida mora nos pequenos prazeres, aqueles que ninguém posta, que não contam porque ninguém valoriza.

Qual a graça em falar sobre um banho matinal para despertar ou ainda no prazer que é fazer xixi quando se está super apertado?

São prazeres tão relevantes e ao mesmo tempo tão desprezados que as pessoas não mencionam. Quem pode se interessar por essas bobearias? Esquecem elas que a vida acontece no simples, na rotina diária.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/08/2025"



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/08/2025”

As pessoas não se lembram mais de coisas comuns como saborear uma xícara de café, ouvir os primeiros barulhos do dia, sentir o aroma do pão quentinho, calçar um calçado que abraça os pés sem apertar, dormir com aquela camisa surrada, afundar no sofá comendo uma bacia de pipoca e se permitir ficar sem fazer nada. Parece que isso é imoral.

Todo mundo precisa postar um algo espetacular que faz ou fez, que tem ou recém adquiriu; seja um certificado, uma viagem, um prato naquele restaurante chique, o carro novo, a festa badalada, um portfólio inovador; sei lá, qualquer feito mirabolante que desperte suspiros e inve-

ja. Pouco importa o preço a ser pago. Quantas síndromes são adquiridas e/ou desenvolvidas. Todo mundo é unânime em dizer “eu pago o preço”, desde que o mundo digital se transforme num carrossel de sucesso.

Nada mais vazio que pessoas adoecidas pela ilusão das redes sociais. O “custe o que custar” tem embriagado crianças e adultos de todas as idades que nem percebem o quanto estão envolvidos nesse turbilhão desesperador de conquistas onde o mais importante é mostrar. Não precisa ser verdade, nem ser tão atual assim, mas tem que movimentar os números da rede pessoal.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/08/2025”

Fico me perguntando onde está o equilíbrio nessa situação. Sim, porque aqui ninguém está falando em abolir as redes. Falo no bom senso que filtra limites. É saudável entregar-se às criações da IA entendendo que a realidade está em primeiro lugar, que é no mundo real que as pessoas vivem, trabalham, estudam, amam e evoluem, que essa inteligência cria opções facilitadoras sim, mas que o ser humano é soberano e a palavra final é nossa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/08/2025"

Seria perfeito demais se todos entendessem a linha tênue que separa mundo real da fantasia, uma vez que ninguém AINDA se teletransportou para o mundo digital. JUMANJI à parte, a ficção ainda é ficção e a realidade ainda é o que temos. Diga-me, leitor, aonde chegaremos com essa inversão de mundos? Uns vão afirmar que em realidades alternativas; outros que em multiversos e dobras de tempo, outros ainda carregando bonecos como se fossem bebês.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/08/2025"



Onde se perdeu a alegria das reuniões em família, as férias frustradas que viraram piadas e são lembradas em todo encontro ou ainda aqueles almoços festivos na casa dos avós.

Essas memórias, construídas ao longo do tempo, criam nas pessoas histórias de vida e lembranças recheadas de saudades. Afinal, em praticamente todas as famílias, as vivências criam vínculos de afetividade.

Você, leitor, vai me dizer que na sua família era diferente. Episódios menos felizes aconteceram e deixaram marcas difíceis. Eu creio que elas também contribuíram para moldar sua personalidade, afinal todos têm momentos complicados em suas jornadas. A vida não é feita só de flores. Os espinhos também ensinam e, pode acreditar, fortalecem. Quem passa por eles, sai diferente, transformado. A dor burila e o tempo cicatriza.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/08/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/08/2025"

Viver é isso. Aprender, cair, levantar. A vida é mestra e todos aprendem de um jeito ou de outro. Isso é real. É humano.

Cabe a você e a mim compreender que nossa existência acontece no dia a dia; que nem todo dia é especial, mas que viver é oportunidade de crescer.

Desafie-se a parar, descer do turbilhão e ficar sem fazer nada por algum pequeno espaço de tempo. Esvazie a mente colocando os problemas na gaveta e desfrute de sua companhia. Sinta o coração bater, os pulmões trabalhando, a pulsação ritmada e respire inspirando e expirando o ar. Nem pense em pegar o celular nesses instantes para filmar essa ação – rrsrrs.

Apenas fique consigo mesmo e aprecie sua companhia. É a melhor entre todas.

Olhe para dentro de você e descubra a pessoa incrível que você é.

Na simplicidade desse gesto, você vai se redescobrir...

Bom reencontro!

CrisGomes

CRISTINA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





08



BETH BALTAR



Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba - Brasil. Mestre em Biblioteconomia (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Pós-Doutora em Ciência da Informação (USP). Líder do Grupo de Pesquisa Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação, certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Representação da Informação e do Conhecimento e na Literatura de Cordel. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, ocupando a cadeira nº 52, do patrono Ariano Suassuna.

LAMPIÃO E MARIA BONITA: AMOR HERÓI E BANDIDO

A cultura popular no Brasil é marcada por fatos e personagens reais, que por vezes são cercados de folclore, como o cangaço que ocorreu no sertão nordestino entre o final do século XIX e meados do século XX.

O cangaço foi um movimento social armado, formado por grupos de pessoas, conhecidos como cangaceiros, que viviam cometendo crimes como roubos, assaltos, assassinatos e estupros e violências contra a injustiça e

desigualdades sociais da região nordestina marcada por secas e pobreza.

Para alguns estudiosos, o cangaço é visto como uma forma de resistência contra a opressão e injustiças e, para outros, um fenômeno de banditismo social. As histórias e lendas notabilizam o cangaceiro como um herói popular e uma das figuras mais emblemáticas deste movimento foi Lampião, que liderou um grupo por muitos anos em diversos estados do Nordeste.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/08/2025"

Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, nasceu no dia 7 de julho de 1897, em Vila Bela, atual cidade de Serra Talhada, no Sertão de Pernambuco, em uma família de lavradores e criadores.

Virgulino recebeu o apelido de Lampião pela sua destreza em manejar o rifle e os tiros sucessivos que iluminavam a noite.

Lampião entrou para o cangaço

em 1915, após sua família ser acusada de roubar animais da família Saturnino, da oligarquia dominante. Tempos após, Lampião e os irmãos mataram gados do vizinho e foram perseguidos pela polícia e na fuga, sua mãe faleceu e o pai foi morto pela polícia. Então, ele decidiu se vingar fazendo justiça com as próprias mãos e com os dois irmãos mais velhos passaram a percorrer os estados nordestinos.



Imagem de Wikipedia por Google



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/08/2025"

Assim, foi formando o seu bando. Em suas andanças, invadiam fazendas, os comerciantes eram saqueados e os mais pobres recebiam parte do que recolhiam, torturavam e matavam, deixando rastro de destruição e crueldade. Por duas décadas, mesmo agindo com violência nas terras nordestinas, algumas pessoas, conhecidas como "coiteiros", considerava o bando como heróis justiceiros contra as oligarquias.

Dentre os coiteiros estava Maria Gomes de Oliveira, conhecida como Maria Bonita, casada na adolescência com o sapateiro Zé Neném, homem bem mais velho que ela e violento. Nasceu no povoado de Malhada do Caiçara, interior do sertão da Bahia, em 08 de março de 1911.



Imagem de Brasil de Fato por Google

Em 1929, Lampião e o seu bando chegou no povoado de Malhada da Caiçara, quando conheceu Maria Bonita, iniciando um romance que provocou as convenções e normas sociais da época, quando decidiu se juntar ao bando, tornando-se a primeira mulher a integrar a um bando de cangaceiros. A sua participação no cangaço era ativa, além de se vestir com roupas masculinas e portar armas, tornando-se símbolo de valentia, força e co-

ragem da mulher sertaneja.

Lampião e Maria Bonita são figuras que se destacaram no cangaço brasileiro, cuja história é retratada como uma mistura de amor, aventura e violência. O folheto "Maria Bonita – A eleita do Rei", do Poeta Gonçalves Ferreira da Silva, narra a história de uma mulher corajosa, leal, disposta, forte, conhecida por ter se tornado cangaceira e esposa de do Rei do Cangaço, Lampião.



Imagem de National Geographic por Google

Quando Maria deixou
Seu marido sapateiro
Para seguir Lampião
Como dissemos no início
Deste nosso documento,
O amor não tem fronteira,
Desconhece o casamento,
Ignora a lei dos homens
Pois nasce em dado momento
trocou um vão sentimento
por um amor verdadeiro.

Oficialmente, o casal teve uma única filha, Expedita Ferreira Nunes, nascida em 13 de setembro de 1932, em Porto da Folha, Sergipe e até os oito anos foi criada por um aliado de Lampião, porque poderia revelar involuntariamente a localização do bando. Hoje tem 92 anos, e é considerada a principal testemunha viva da era do cangaço.

Em 28 de julho de 1938, na Grotta do Angico, em Sergipe, Lampião, Maria Bonita e muitos

integrantes de seu bando foram mortos, durante um ataque das forças de segurança ao acampamento onde estavam, liderada por João Bezerra da Silva, policial militar de Alagoas. Tiveram suas cabeças decapitadas expostas na Prefeitura de Piranhas – Alagoas, simbolizando a vitória contra o cangaço, no entanto, deixou um legado de histórias, lendas e canções que perpetuaram a memória desses personagens até os dias de hoje.



Imagem de Aventuras na História por Google



Imagem de Pinterest por Google

OS HERDEIROS DO CANGAÇO



ASSISTIR AO VÍDEO

Nas rajadas foram mortos
Enedina o Lampião,
Junto a Maria Bonita,
Tombaram mortos no chão
E mais oito cangaceiros
Morreram ali no grotão

Mostrando aonde passava
Lá em Maceió trataram
De todas onze cabeças
Direitinho embalsaram
Tiraram para Salvador
Em todo canto mostraram

(Do folheto: *Lampião e sua história contada toda em cordel* – Antônio Américo de Medeiros)

O meu nome é Kydelmir
Ensino por tradição.
Agrônomo por natureza,
Pesquisador do sertão
Do cangaço nordestino,
De Lampião Virgolino,
Do nosso Rei do Baião.
Da professora ANGELITA
Herdei a nobre missão.
Do agricultor seu NÊ,
O amor por este chão.
Procurei passar pros filhos,
O valor, a fé e os brilhos
Das coisas do meu sertão.

ESTE CABRA SOU EU (2019), Nova Floresta – PB.

Imagem de Imagens Históricas por Google



Transcendendo os limites do sertão, a história de Lampião e Maria Bonita continua a fascinar, tornando um fenômeno cultural, na arte, na música, cinema e especialmente na literatura de cordel, imortalizando suas façanhas.

A história de Lampião e Maria Bonita, mesmo após tantos anos, continua sendo analisada, debatida, contada e recontada por estudiosos e poetas populares sobre o cangaço, ora como fatos reais, ora criando versos fictícios.

O escritor e poeta, **Kydelmir Dantas** é um grande conhe-

cedor da cultura do cangaço nordestino e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC).

Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira – Nascido a 06/09/1958. Professor, agrônomo, pesquisador, escritor e poeta, de Nova Floresta – PB, filho da professora Angelita Dantas de Oliveira e do agricultor Manoel Batista de Oliveira. É pai de Joaquim Adeline e João Daniel. Publicou: Artigos e crônicas ligados à Cultura nordestina, ao Cinema e ao Meio Ambiente, em jornais e revistas especializadas.

ENTREVISTA EXIBIDA NO CANAL FUTURA (UERN TV)



ASSISTIR AO VÍDEO



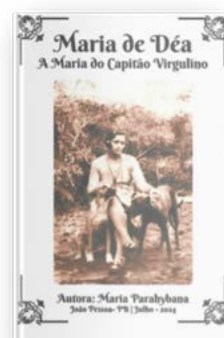
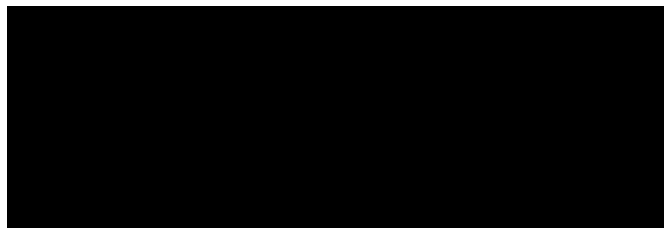
Autor de folhetos de cordel sobre diversos temas, inclusive sobre o cangaço: *Cangaceiro Atrapaído* – 1995; *O Valente e Lampião* (folha solta) – 2012; *Maria Bonita: Uma Rainha para o Cangaço* (parceria com Ivaldo Batista) – 2015; *As Mulheres Cangaceiras humanizaram o Cangaço* – 2016 (2ª edição revista e ampliada) – 2016; *O Valente e Lampião* – 2016.



A Poetisa **Célia Maria Silva**, natural de Campina Grande na Paraíba, filha de Carlinda Teodora da Silva (in memoriam) e Cícero José da Silva. Escritora, Cordelista, Artista popular, Artesã e Mãe de Elaine Crystine e Alberto Felipe Magno Diniz.

Célia Maria Silva é Conselheira do Cariri Cangaço e Conselheira Perpétua do Grupo Borborema Cangaço da cidade de Campina Grande-PB. Também é membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço – SBEC e do Grupo Paraibano de Estudos do Cangaço/GPEC.

Como cordelista, adotou o pseudônimo de MARIA PARAHYBANA. Estudiosa do cangaço, publicou mais de 70 títulos de cordéis que em sua maioria, referencia o cangaço e as causas nordestinas.



Falo com desenvoltura
De um namoro arroxado.
Que se passou na Bahia,
Há muito tempo passado.
Malhada da Caiçara,
O palco desse legado.

Sem conhecer Lampião,
Um interesse nascia.
Forte admiração,
Pelo sujeito crescia.
E o homem do cangaço
A sua frente surgia.

A liga bateu na hora
Maria se encantou.
Lampião interessado,
Seu trabalho contratou.
E diante de Maria,
O cabra se abestaltou.

Começo de vinte e nove,
Trabalhava o cupido.
Que acertou bem de cheio
Um coração desprovido.
Foi fisgado, o capitão
Bem no peito, atingido.

E Maria aperreava
Me leva, meu capitão...
- Não posso minha santinha!
Cangaço é pra varão.
É lugar de incertezas
Né terra de Mulá, não.

E Maria prontamente,
Rebateu objeção.
Disse: topo qualquer coisa,
Pelo amor do capitão.
Vou até para o inferno,
Pegada na tua mão.

E não tinha quem tirasse
Da cabeça de Maria.
Se mandar para o cangaço,
Era tudo o que queria.
E voou pro infinito,
Donde não regressaria.

Tudo foi adaptado
Ao contexto feminino.
A vivência na caatinga,
Fez feliz o Virgulino
Que ousou modificar
Os rumos do seu destino.

E Maria segue adiante,
Na lida a todo vapor.
E tratada com requinte.
E ar de superior.
Abrandando o sofrimento,
Da vida com muito amor.

Um amor inigualável,
Duradouro de uma vida.
Com desfecho inesperado,
Sem hora pra despedida.
Mortos juntos lado a lado,
Numa manhã desprovida.

Do cangaço violento,
Não gostamos de falar.
Porem desse ajuntamento,
Da gosto até de lembrar.
Pois marcou a nossa história,
Na força do verbo amar.

VIRGULINO E MARIA
No cangaço, hoje é história.
Um amor incomparável,
Ficou nos anais da glória.
Grandiosos personagens
De tão saudosa memória.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/08/2025"

BETH BALTAR

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





03



Fátima Moniz



Maria Fátima Glória Moniz Manuel, nome literário Fátima Moniz, nasceu em Luanda a 24 de Março de 1969, cresceu e passou sua infância em Benguela, cidade que considera seu lar. Mestre em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes do Brasil e licenciatura pelo Isced de Benguela opção História. De 2011 a 2019 trabalhou como Agente Consular no Consulado de Angola no Rio de Janeiro. Dá conferências regulares no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Organiza todos os anos Oficina de Poesia para Crianças e adolescentes com a chancela da União dos Escritores angolanos, do Encontro de poetas da CPLP e do Mirex. Cadeira 510 da Academia de Ciências e Letras do Brasil. Prémio Doutor Honoris Causa pela Academia de Ciências e Letras de Espanha.

O FOLCLORE DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE- DANÇO CONGO



Conheça um pouco de uma das manifestações culturais de São Tomé e Príncipe.

O trabalho forçado no Arquipélago de São Tomé e Príncipe entre os anos 1853-1903, em plena fase da colonização portuguesa, com a mão-de-obra para as roças de Cacao e Café, um dos maiores produtores e exportadores mundiais, na

altura, fez com que a máquina colonial, colocasse neste pequeno espaço, contratados ou serviçais, homens e mulheres que pudessem trabalhar a terra, das duas colónias em Angola, Moçambique, Cabo-Verde e Guiné Bissau. Mas os seres humanos não são mercadoria, transportavam consigo seus saberes, crenças e medos. Uma forma de dizer, nos roubem tudo menos a nossa cultura, como escreveu o poeta Agostinho Neto no seu poema Havemos de Voltar.

IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/08/2025"

Neste cruzamento de culturas africanas, nesta saudade do que se deixou para trás, neste dizer Basta de tanto trabalho forçado, surge em São Tomé e Príncipe a dança-congo, ou danço-congo.

A DANÇA CONGO OU DANÇO CONGO, é uma manifestação cultural tradicional de São Tomé e Príncipe, possivelmente trazida pelos contratados de outros países africanos, colónias de Portugal entre 1853-1903, aproximadamente.

A dança congo é uma representação dramática, rica em cores, sons e movimentos que incorpora elementos de música e narrativa. Essa dança

Segundo os relatos mais antigos, faziam parte desta dança o feiticeiro, o bobo ou coadjuvante, os figurantes, os tocadores, dançavam até o amanhecer. Terminavam com comidas e bebidas e atiravam a terra, por formas a agradecer e pedir boas culturas para os próximos anos. Até hoje tentam usar o mesmo esquema mas com ligeiras diferenças.

A dança congo pode ser apreciado em diversas oca-

conta histórias relacionadas as plantações, a altura de maior colheita e o agrado dos patrões e a altura de baixa produção, quando eram maltratados pelo patrão. Nestas fases era regra emitirem canções, preces aos seus ancestrais e as forças espirituais do bem.

Os participantes da dança congo ou danço congo, usam trajes coloridos, com destaque para os capacetes feitos de folhas de palmeira adornados com pedaços de plástico. A dança é acompanhada por música e ritmos produzidos por tambores e outros instrumentos produzidos artesanalmente.

siões, como festas religiosas, eventos culturais, incluindo na Bienal de São Tomé e Príncipe.

A dança congo ou danço congo foi uma forma de resistência cultural, como a capoeira e outras formas culturais, deve-se trabalhar para a conservação desta prática. Pois é a melhor maneira de preservação dos saberes do povo santomense, do povo africano e da diáspora africana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/08/2025"

A dança congo faz parte do património cultural de São Tomé e Príncipe e se deve aproveitar a Dança congo ou danço congo para a promoção do turismo nacional, embora haja preocupação com o seu declínio devido a falta de apoio e interesse das gerações mais jovens.

Encontramos sujeitos, saberes e práticas na dança congo em São Tomé e Príncipe e convida-vos a conhecer esta dança neste lindo país africano de expressão portuguesa, bem na linha do equador.

FÁTIMA MONIZ

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



COLUNA *Vai um livro aí?* Resenhas

05



ARELY SOARES



Arely Soares Reis, professora de Língua Portuguesa e Inglesa, é uma profissional de atuação versátil. Natural de Caxias (Maranhão), ela se destaca como escritora, revisora e tradutora.

Autora da obra *Re-tratos Poéticos*, Arely utiliza o pseudônimo "Menina Poetisa" para disseminar seus poemas nas mídias sociais. Apaixonada por leitura, com especial apreço por romances clássicos, e por arte, ela complementa sua produção literária, que se estende a colaborações em antologias, revistas e canais digitais.

Queridos leitores, bem-vindos à coluna "Vai um livro aí?", na 33ª edição da Revista Internacional The Bard. Com os olhos da alma abertos e mergulhados em profundas leituras, apresentamos obras espetaculares, cada uma reconhecida por sua singularidade e impacto. Nosso propósito vai além de oferecer bons livros; buscamos que estas histórias transformem seus pensamentos e caráter, iluminando o caminho contra a escuridão da ignorância.

Esta é uma porta de papel e palavras, feita especialmente para você. Permita-se abri-la e faça grandes descobertas!

Para iniciar nossa jornada literária, apresento a obra "O Diário de Anne Frank". Este livro monumental transcende

séculos e gerações, sendo um dos mais lidos e traduzidos globalmente. Com 77 anos de existência, seu sucesso reside no poderoso testemunho de resiliência e na luta incessante pela liberdade.

Para encerrar, convido-os a desvendar a emocionante obra "Extraordinário", de Raquel Jaramillo Palacio. Este romance de estreia não só alçou a autora ao posto de best-seller, mas conquistou leitores de todas as idades com sua mensagem acolhedora e comovente. Duvido que não se apaixonem à "primeira vista"!

Entre as emoções das palavras e a dualidade de sentimentos ao transitar por séculos distantes, entre lágrimas e risos, deixo meu convite: vamos viajar nestas páginas?



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 01/09/2025"

“Vai um livro aí? Sua Chance de Brilhar no Cenário Literário Internacional”

Queridos autores brasileiros.

Imaginem ver seu livro ganhando vida nas páginas da The Bard, uma revista internacional de arte e literatura. Através da nossa coluna "Vai um livro aí?", estamos abrindo um portal para que suas histórias alcancem leitores ao redor do mundo. Esta não é apenas uma oportunidade; é um convite para fazer parte de uma comunidade literária global.

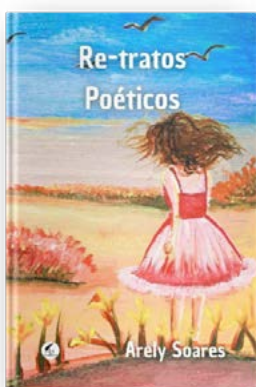
Sabemos o quanto vocês se dedicam à sua arte. Cada palavra escrita, cada personagem criado, cada enredo tecido com cuidado merece ser celebrado. E é exatamente isso que queremos fazer. Uma resenha na The Bard pode ser o impulso que sua carreira precisa, abrindo portas que você talvez nunca tenha imaginado.

Mas além do reconhecimento, pensem na chance de tocar vidas além das fronteiras. Suas histórias, impregnadas com a rica cultura brasileira, têm o poder de emocionar, inspirar e conectar pessoas de diferentes cantos do planeta. Não é incrível pensar que suas palavras podem ecoar em corações do outro lado do mundo?

Participar é simples e acessível:

Conecte-se conosco: Siga a The Bard e nossa colunista nas redes sociais. Vamos construir uma relação!

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

Compartilhe sua obra: Envie-nos um exemplar do seu livro. Cada página será lida com carinho e atenção.

Confie no processo: Nossa colunista escolherá o momento perfeito para que sua obra brilhe em nossas páginas.

Lembrem-se: cada livro é único, assim como cada autor. Estamos ansiosos para descobrir a magia das suas palavras e compartilhá-la com o mundo.

Esta é mais do que uma oportunidade de divulgação; é uma chance de fazer parte de algo maior, de um diálogo literário que transpõe oceanos.

Então, o que me dizem? Vamos juntos nessa jornada? O mundo está esperando para conhecer o talento brasileiro. Sua voz merece ser ouvida. Vai um livro aí?

Contamos com vocês para enriquecer nossa revista e o cenário literário global com a beleza da literatura brasileira.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 01/09/2025"

INSTAGRAM



POST NO SITE



O DIÁRIO DE ANNE FRANK

ANNE FRANK



CLICK AQUI

Quem imaginaria que um diário íntimo tocaria o coração de milhares de leitores ao redor do mundo? Nem a própria Anne Frank vislumbrou tal alcance. "O Diário de Anne Frank" é uma obra cuja indicação é infalível, e seu lugar nos corações dos leitores se justifica por múltiplos motivos.

Este livro autobiográfico, escrito em 1947, narra a história de Anne Frank e sua família enquanto se escondiam dos nazistas em Amsterdã, durante a Segunda Guerra Mundial. Aos treze anos, Anne encontrou no diário um refúgio e uma forma de resistência e sobrevivência em tempos de medo e opressão, quando o mundo exterior não oferecia mais segurança. Cada relato diário, suas rotinas, relacionamentos e os acontecimentos eram diligentemente registrados e assinados para "Kitty", sua confidente de papel, imaginando que jamais seria lido. Contudo, ao lermos, nós nos tornamos a "Kitty" do século atual, completando seu desejo de ser escritora.

Apesar da distância temporal, o contexto da obra resgata em nós as mesmas emoções, provocando reflexão e questionamentos que permanecem vívidos. A leitura revela a importância da voz feminina que denuncia injustiças e clama por liberdade. Mergulhamos nos conflitos externos e internos de uma menina questionadora que se apegava à esperança.

Enquanto todo diário é uma expressão pessoal, o de Anne Frank parte de uma vivência solitária que ecoa em "seres plurais". Suas páginas registram pensamentos, indagações, medos e a inabalável perseverança. Considero-o não apenas um livro, mas um testemunho fiel do Holocausto, uma perspectiva viva de um dos períodos mais sombrios da história.

O mais especial da obra é saber que não se trata de ficção; cada registro aconteceu de fato, e essa verdade nos comove a cada virar de página. Ao ler uma obra tão magnífica, pergunto-me: quantas "Annes" ainda emergirão para conquistar o mundo com suas vozes? As "Annes" das narrativas literárias tornam-se favoritas dos leitores, e Anne Frank é, sem dúvida, uma das mais arrebatadoras. Mais que uma obra, é um símbolo da luta contra o ódio e da busca incansável pela esperança.

Querido leitor, abrir "Anne Frank" é deparar-se com um registro histórico impactante. Asseguro que, após a leitura desta obra belíssima, ela se tornará um registro indelével em sua alma. Você está pronto para ser transformado por um diário do século passado em nosso presente?

POST NO SITE



EXTRAORDINÁRIO

RAQUEL JARAMILLO PALACIO



CLICK AQUI

O romance "Extraordinário", de Raquel Jaramillo Palacio, é uma obra da literatura americana que, apesar de ser frequentemente classificada como infantojuvenil, transcende idades. Com a convicção de que todo ser humano deveria lê-lo, afirmo que sua profundidade o torna universalmente relevante.

O enredo central gira em torno de Auggie, um menino de dez anos com uma deformidade facial congênita que enfrenta inúmeras cirurgias. A narrativa revela que seu maior desafio não são as imperfeições físicas, mas sim vencer o preconceito arraigado na sociedade. A singularidade da obra reside na sua estrutura, com capítulos narrados por diferentes personagens – familiares, amigos e outros indivíduos do convívio de Auggie –, enriquecendo a perspectiva do protagonista.

"Extraordinário" é um livro que nos torna mais humanos, provocando lágrimas e risos em igual medida, tornando a leitura viciante e rápida. Sua linguagem acessível e bem construída cativa o leitor do início ao fim. Embora o filme seja excelente, a experiência do livro é surreal.

A leitura nos inspira à empatia, solidariedade e busca por igualdade, valores essenciais para a superação. As passagens tocantes são tantas que é impossível não as marcar, não apenas no livro, mas no coração. É um convite a olhar as diferenças com o coração, um alerta para recuperarmos nossa humanidade. A obra é sobre aceitação, amor e amizade, e Auggie nos ensina que o que torna uma pessoa extraordinária não é a aparência, mas os valores que carrega.

Deixo uma frase inspiradora do pequeno Auggie: "Toda pessoa deveria ser aplaudida de pé pelo menos uma vez na vida, porque todos nós vencemos o mundo."

Enfim, este livro é um lembrete poderoso de que podemos superar os obstáculos da vida e reconhecer o vencedor que existe em cada um de nós. Se você busca inspiração em trajetórias vitoriosas e um olhar que enxerga com profundidade, "Extraordinário" é para você!

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"



33ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"

34^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE 03 DE AGOSTO À 21 DE SETEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



03



Luiz Solrak Lima



Natural de Pernambuco. Escritor, poeta, professor de Língua portuguesa e Literatura. Autor do livro de poesia "Terra Alheia" ganhador de dois Prêmios Municipais em 2023. Criador de conteúdo digital por amor aos livros e produtor cultural por amar a arte como um todo essencial. Diretor e Produtor Cultural do Curta metragem "Legião Estrangeira" lançado em fevereiro de 2025. Editor Digital e Colunista da Revista Internacional The Bard. Amo ler, ensinar, encontrar amigos e está em constante mudança.

O NORDESTE COMO GÊNESE CULTURAL



Qualquer diálogo sobre a cultura brasileira sem mencionar o Nordeste é tão plausível quanto pretender entender um poema de João Cabral de Melo Neto sem conhecer e entender a força nordestina na sua mais brutal essência. O Brasil tenta esquecer que seu alicerce é forjado na resistência, no riso mordaz de um povo que conhece o que é lutar

pelos seus direitos já que a Revolução Pernambucana de 1817 foi a primeira no movimento da independência de Portugal. O Nordeste, esse polo originário, não é um mero capítulo da história cultural do país. Ele é o prefácio, o corpo do texto e, insistentemente, a epígrafe de toda cultura produzida nesse país.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 02/09/2025"

O quarteto fantástico da cultura brasileira

Quando o Brasil tenta se auto-definir, é nesse momento que ele perde. Nesse momento esquece os múltiplos espaços que formam o território brasileiro, e um dos mais ricos e emblemáticos é o sertão. Esse lugar não é apenas um espaço geográfico, mas uma categoria ontológica. **Virgulino Ferreira da Silva**,

mais conhecido como Lampião foi um cangaceiro brasileiro atuante no Sertão nordestino entre as décadas de 1920 e 1930. Por ser considerado o líder do movimento de banditismo mais bem sucedido da história do Brasil e do século XX, ganhou o apelido de "Rei do Cangaço mais do que um cangaceiro, foi um arquéti-

po da insurgência estética e política: não apenas um bandoleiro, ele foi um anti herói como Macunaíma de Mário de Andrade, mas um performer da violência e da exclusão, um proto-influencer que entendeu a linguagem da imagem muito antes da cultura digital.

Suas vestes de couro, suas armas e sua fúria foram uma crítica tangível às estruturas de poder e uma invenção de identidade que desconstruiu a narrativa oficial do progresso e é lembrada até hoje. Sua figura atravessou fronteiras e hoje ocupa lugar entre mito e história, sendo tema de obras como *Cangaceiros* (José Lins do Rego, 1938), e documentários diversos como o de Paulo Caldas e Lirio Ferreira, *O Baile Perfumado* (1996).



Imagem Biblioteca Nacional - divulgação



Imagem de Google - Reprodução

Luiz Gonzaga do Nascimento (1912–1989), conhecido como o Rei do Baião, foi um dos mais influentes músicos brasileiros do século XX. Cantor, compositor e sanfoneiro, ele popularizou ritmos como o baião, o xote e o forró, integrando o imaginário sertanejo ao repertório nacional. É a encarnação sonora do sertão que canta a própria resistência. Enquanto as capitais se embelezavam com influências europeias, Gonzaga sacralizava a sanfona como um instrumento de resistência cultural. Sua música é um texto social, um cordel sonoro que denuncia a seca e celebra o viver cotidiano, unindo erudição e oralidade com a naturalidade de quem sabe que a cultura não é privilégio, mas necessidade. Lançou obras essenciais como *Asa Branca* (1947), *Assum Preto* (1950), *Vozes da Seca* (1953), e o emblemático LP *A Vida do Viajante* (1953). Gonzaga foi não apenas músico, mas cronista do semiárido, dando voz e melodia a quem só era lembrado nos jornais durante a seca.

Em suas palavras, “Eu só canto o que eu vivo” (GONZAGA, Luiz. Entrevista concedida à Revista O Cruzeiro, 1955), sintetizando sua missão artística.



Imagem de Leonardo Aversa por Google

Entramos em, **Ariano Vilar Suassuna** (1927–2014) foi escritor, dramaturgo, ensaísta e professor, além de um dos maiores defensores da cultura popular nordestina. Fundador do Movimento Armorial, Suassuna buscava uma arte erudita a partir das raízes populares do Nordeste. Sua obra mais icônica, *Auto da Compadecida* (1955), é uma comédia religiosa e filosófica que mistura cordel, teatro e moralidade. Também escreveu *O Santo e a Porca* (1957),

A Pedra do Reino (1971) e *Romance d'A Pedra do Reino* (1971), este último uma epopeia sertaneja modernista com estrutura barroca.

Esta entidade literária me acompanhou desde da minha infância e fez meu coração chorar quando ouvi que tinha falecido. Faz imensa falta. Ele não apenas revitalizou o cancioneiro nordestino, mas o elevou a uma categoria literária insuspeita pelos puristas.

Seu *Auto da Compadecida* não é mera comédia, é uma encenação da ética popular, um tratado de retórica cultural que usa a tradição oral para questionar a erudição oficial. Suassuna defendia: “O Brasil é um país de tradição oral, não de tradição escrita” (SUASSUNA, Ariano. *O Reino do Sagitário*. 1980), reafirmando sua aposta na sabedoria popular como fundamento da cultura nacional.

Imagem de GZH - Cena do Filme *O Auto da Compadecida*





Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré (1909–2002), foi um poeta popular, repentista, compositor e ativista cultural. Filho do sertão cearense, Patativa transformou a oralidade em literatura e a dor em lucidez crítica. Entre suas obras mais importantes estão *Inspiração Nordestina* (1956), *Cantares do Nordeste* (1966), e *Aqui Tem Coisa* (1978). Suas poesias tratam da seca, do êxodo rural, da pobreza, da fé e da injustiça social com linguagem simples, mas carregada de poder.

Ele, por sua vez, é a própria materialidade da linguagem vernacular como resistência política e estética. Sua poesia não é uma concessão à norma culta; é um ato de insurgência que reconhece o falar do povo como locus legítimo do conhecimento. Na sua voz, o sertão ganha consciência crítica e se impõe contra a apagação histórica. Ele não escreve para ser aceito, mas para ser ouvido. Em seu poema “Triste Partida”, ele escreveu:

“Vai-se embora a felicidade / Sem a gente saber para onde” (ASSARÉ, Patativa do. *O canto do povo nordestino*. 1969), ilustrando a melancolia e a resistência de seu povo.

Imagem de Biblioteca Pública do Estado do Ceará

Imagem de Adoro Cinema por Google



O País que Finge Centro, mas Respira pelas Bordas

Juliano Dornelles de Faria Neves (nasceu no Recife, capital do estado brasileiro de Pernambuco, no ano de 1980; ao lado de **Kleber Mendonça Filho**, (nasceu em Recife, 22 de novembro de 1968) é um diretor, produtor, roteirista, crítico de cinema e programador de cinema brasileiro. Dirigiu *Bacurau*, obra-prima que transcende gêneros e subverte expectativas. O filme é uma síntese crítica da América Latina, um tratado sobre sobe-

rania, territorialidade e resistência cultural. É cinema de vanguarda com raízes profundas, uma alegoria que demonstra que a modernidade pode ser sertaneja, e a revolução, mapeada no imaterial da memória coletiva. Como dito em entrevista: “Queríamos fazer um filme que fosse uma resposta poética às violências que nosso povo enfrenta.” (DORNELLES, Juliano. Entrevista ao Cineclube, 2019).



Imagem de CBN durante as gravações de 'O Agente Secreto' - Divulgação

Recentemente, Kleber Mendonça Filho lançou *O Agente Secreto*, na obra cinematográfica acompanhamos Marcelo em 1977, que trabalha como professor especializado em tecnologia. Ele decide fugir de seu passado violento e misterioso se mudando de São Paulo para Recife com a intenção de recomeçar sua vida. Marcelo chega na capital pernambucana em plena semana do Carnaval e percebe que atraiu para si

todo o caos do qual ele sempre quis fugir. Para piorar a situação, ele começa a ser espionado pelos vizinhos. Inesperadamente, a cidade que ele acreditou que o acolheria ficou longe de ser o seu refúgio.

Já é um filme premiado e que venha mais prêmios e principalmente o óscar mais uma vez para o cinema nacional, agora com sabor de Nordeste.



Imagem de Miguel MEDINA / AFP por Jornal de Brasília



Imagem de Adenor Gondim - Divulgação

Mais um grande cidadão da cultura literária é o **Itamar Vieira Junior** é um desses acasos literários que não deveriam ser acasos, mas sinais de que a literatura brasileira/Nordestina, de tempos em tempos, precisa ser sacudida por quem escreve de fora do eixo e de dentro da terra. Nascido em Salvador em 1979, com raízes cravadas na Chapada Diamantina, ele é geógrafo de formação, doutor em estudos étnicos e africanos, servidor público por cir-

cunstância e escritor por destino. Sua obra é uma afronta aos mapas oficiais: é no chão de senzalas esquecidas, na mudez imposta a meninas camponesas, na mística ancestral e na oralidade sobrevivente que Itamar finca sua pena. Com *Torto Arado* (2019), venceu o Prêmio Jabuti, o *Oceanos* e o *Leya*, fazendo o Brasil engolir seco o fato de que o maior romance da década não saiu do Leblon, mas do sertão.



E quando se achava que era um fenômeno isolado, ele lançou *Salvar o Fogo* (2023). Outro chute certo no estômago literário nacional para lembrar de um vem a força literária deste país.

Sua força está exatamente onde tanto tentaram silenciar: no Nordeste, nas mulheres negras, nos corpos dissidentes, na terra como personagem. Itamar escreve com a violência de quem sabe que linguagem é poder, e com a ternura de quem respeita os mortos. Sua prosa é ao mesmo tempo lírica e cortante, mística e realista, cheia de silêncio e de grito. Ele não é um autor que representa o Nordeste. Ele é o

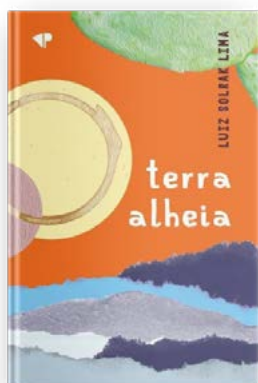
próprio Nordeste tomando a palavra com a autoridade de quem sempre teve o que dizer, mas foi obrigado a cochichar. Agora, grita. E o país inteiro, pela primeira vez em muito tempo, é obrigado a ouvir.

O Nordeste não é uma promessa futura nem um passado remoto; é a pulsação constante, o vértice de onde emergem as linguagens que definem a brasilidade. Negá-lo é negar o próprio país. Ainda que o Brasil tente deslegitimar sua matriz, ela insiste em falar, em gritar, em compor. O Nordeste não escreve apenas sua história: ele exige, com ironia e sabedoria, que o Brasil leia a sua.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 02/09/2025"

LIVRO DO AUTOR

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

LIVRO DO AUTOR

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





14



Tônia Lavínia



Tônia Lavínia é uma escritora mineira, autora do romance erótico *Deliciosamente Libertino* (2020) e da trilogia *Meu Nome é Maximus*, cujo título mais recente, *Maximus Infernus*, foi lançado em abril de 2025.

Apaixonada por música clássica, arte, vinho e dias chuvosos e frios, transforma o silêncio das estações — especialmente o inverno e a primavera — em cenário para histórias intensas, sensuais e cheias de alma.

Vamos falar de....

MAYSA MATARAZZO... UM POEMA EM FORMA DE MULHER

Nesta edição, mergulhamos na alma indomável de Maysa Matarazzo — uma artista que não se vive com pressa, nem se entende com lógica.

Voz, gesto, silêncio e vício: tudo nela era intensidade.

Convido você a sentir Maysa como ela foi: intensa, livre e profundamente sensual. Um poema vivo — feito de música, solidão e desejo.



Imagem de Wikipedia por Google

Biografia Maysa Monjardim

Maysa Figueira Monjardim nasceu em 6 de junho de 1936, no Rio de Janeiro, em uma tradicional família da elite brasileira. Desde cedo mostrou-se inclinada à arte, mas foi no início da juventude, após o casamento com o empresário André Matarazzo, que rompeu com os moldes sociais da época e mergulhou de vez na música — e, com ela, no abismo da emoção.

Aos 21 anos, gravou seu primeiro disco, que rapidamente a consagrou com sucessos como *Ouçá* e *Meu Mundo Caiu*. Sua voz melancólica, grave e carregada de dor conquistou o Brasil e também países da Europa e América Latina. Maysa tornou-se um ícone da música romântica e da chamada “fossa” brasileira — uma intérprete de alma nua, que cantava o amor perdido com uma sinceridade brutal.

Ao longo da carreira, foi também compositora, atriz e presença marcante nos palcos e bastidores. Viveu romances intensos e polêmicos, enfrentou preconceitos, crises pessoais, e ainda assim construiu uma das trajetórias mais emble-

máticas da música brasileira, com mais de 20 álbuns gravados em diversos idiomas.

Sua relação com a dor e a liberdade a tornaram uma figura mítica. Seu estilo inconfundível — olhos delineados, cigarro entre os dedos, taça de vinho na mão — refletia sua alma rebelde e apaixonada.

Faleceu tragicamente em 22 de janeiro de 1977, aos 40 anos, em um acidente de carro. Mas sua imagem e sua voz permanecem vivas, cultuadas por gerações que reconhecem nela muito mais do que uma cantora: um símbolo de intensidade, liberdade e poesia emocional.



Imagem de Maysa Monjardim Oficial por Google
Imagem de Filmow por Google

Em 2007, teve sua vida contada no livro *Maysa – Só numa Multidão de Amores*, do jornalista Lira Neto, que mais tarde inspiraria a minissérie global *Maysa – Quando Fala o Coração* (2009), escrita por Manoel Carlos e dirigida por seu filho, Jayme Monjardim.

Versos da dor: a poesia que cantava

Embora não tenha publicado livros de poesia, Maysa deixou letras que se aproximam da literatura confessional — versos que atravessam o tempo pela beleza melancólica.

Canções como *Meu Mundo Caiu* e *Tarde Triste* soam como diários abertos, onde a alma se desnuda com elegância.

"Não sei se gosto de mim, ou de você, ou de ninguém..."

— *Meu Mundo Caiu* (1958)

"Tarde triste, um piano toca ao longe, uma saudade enorme que me faz chorar..."

— *Tarde Triste*

Nessas letras, Maysa mostra que era mais que intérprete: era autora de si mesma, uma poeta da solidão, do desejo e da ausência.

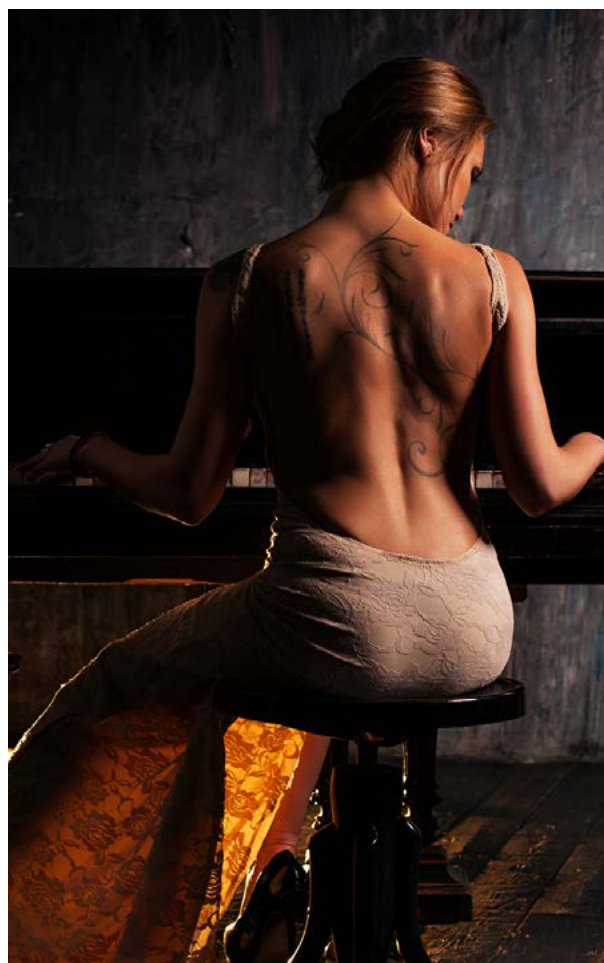


Imagem de S1 Izoom



Imagem de Ljplus.ru

Para além da música, Maysa foi retratada por escritores que tentaram decifrar a mulher por trás da artista. A obra mais conhecida é *Maysa: Só numa Multidão de Amores*, escrita por Lira Neto e publicada pela Editora Globo em 2007. Trata-se de uma biografia sensível e poderosa, construída a partir de cartas, diários, entrevistas e relatos íntimos.

Maysa surge ali como uma mulher fora do tempo — livre, rebelde, muitas vezes devastada, mas sempre dona de uma presença que fascinava e inquietava. É retratada com profundidade, sem idealizações, e com o respeito que só a literatura pode oferecer a quem viveu intensamente até o último acorde.

Maysa Matarazzo... Um poema em forma de mulher

Maysa amou com uma intensidade rara — da mesma forma como cantava: sem reservas, sem disfarces, sem medo do abismo.

Ela viveu relações marcantes: algumas conturbadas, outras proibidas, todas com uma entrega visceral. Seu primeiro casamento, aos 18 anos, com André Matarazzo — membro da tradicional família paulista — já foi um ato de ruptura. Ali nascia a mulher que trocava a aristocracia pela arte, o conforto pela paixão.

Amou poetas, atores, músicos. Amou mesmo quando não foi amada.

Seus romances com Ronaldo Bôscoli, Miguel Gustavo, Carlos Alberto e até com personalidades internacionais marcaram sua trajetória. Mas, acima de tudo, Maysa amava a ideia de amar — e isso fazia dela ainda mais trágica e fascinante.

Em suas canções, ela deixava rastros desses afetos. Cada nota parecia um sussurro de quem conheceu tanto o êxtase quanto o abandono. Sua voz, embriagada de sentimento, fazia da ausência um cenário, da saudade um perfume.

“Fiz do amor meu mundo e, no fim, fiquei só...”

— Dizia, certa vez, com um cigarro na mão e a alma exposta.

“Melhor pra você que eu tenha ido embora. Melhor pra você meus versos bem longe dos seus. Sem chorar sem pedir pra ficar.

Melhor pra você meu beijo ausente. Melhor pra você que eu sozinha. Que eu chore por nós dois, morra sem você. sem te dar trabalho.”

“ “O QUE EU GOSTO DE VOCÊ”

“O QUE EU GOSTO DE VOCÊ / NÃO É BEM
O QUE VOCÊ PENSA... / É AQUELE JEITO
MEIO DISPLICENTE / DE ME DESPIR COM
O OLHAR.”



Imagem de Sun6-23 userapi

Há algo de erótico na súplica, na fragilidade e no tom quase sussurrado da voz dela. Não é o erotismo direto — é o do afeto carnal que implora retorno.



Imagem de Last.fm por Google



Imagem de Blogger por Google

Nota da Autora Tônia Lavínia

Maysa foi poeta, sim. Ela se despia em palavras, embora essa faceta não tenha sido tão explorada ou valorizada quanto sua carreira musical. Escreveu diversos poemas, letras autorais e textos pessoais que revelam uma alma lírica, sensível e intensa.

Muitas de suas músicas mais marcantes — Resposta, Franqueza, Meu Mundo Caiu, Tarde Triste, Bronzes e Cristais e Se Todos Fossem Iguais a Você — têm letras com estrutura poética, algumas compostas integralmente por ela.

Foi uma Cinderela às

avessas: garota milionária que terminou na fossa, nos tempos da bossa nova. Dos palácios da burguesia paulista, foi para os becos boêmios do Rio de Janeiro. Alcoólatra, com aqueles olhos de gata que viraram clichê — e ícone nacional e internacional. Poeta? Cantautora? Já fizemos antes essa pergunta e até tentamos respondê-la: letra de música é poesia? Ninguém está realmente interessado na resposta, no caso de Maysa.

Embora não tenha publicado livros de poesia em vida, seus versos estavam sempre presentes — nas canções e nos cader-

nos íntimos, como relatos de amor, saudade, perda, desejo e decepção. A forma como escrevia revelava domínio da linguagem emocional, metáforas simples e devastadoras — e, sobretudo, uma verdade crua.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI", sob a direção de J.B Wolf. Criada em 03/09/2025



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/09/2025"

Identidade Libertina

"Segura em Minha Própria Pele"

Anos se passaram até que compreendesse que meu ser não mais carecia do teu para subsistir, que as brasas do desejo, que outrora me incendiavam com voracidade felina, já não eram essenciais para minha existência. Teu aroma, que outrora te enfeitiçava, me deixava desprovida de alma. Tornei-me apenas objeto de prazer em teus olhos, privada do amor que me era devido, condenada a residir em teu peito, compartilhando as mesmas pulsações desencontradas, sem a necessidade de esvair toda saudade entre lençóis.

Demorei para perceber que não precisava mais de tecidos para me agasalhar, envolta apenas em tua pele.

Hoje, me recolho à luz das minhas caligrafias, perdidas em meu diário silente, onde sou amada por personagens cuja protagonista sou eu mesma, abandonada ao fim, tal qual fui abandonada. Nua, percorro os corredores da morada de pedra, aquecida apenas pela lareira que inflama as paredes e meu corpo, que já não suplica por desejos insaciáveis, mas apenas por amor puro, sem a agonia de depender de tua presença matinal entre os lençóis, onde eram escritas, com teus lábios em meu corpo, as palavras efêmeras de um romance imaginário, deixando tuas marcas como tintas espalhadas pelo mapa do meu corpo.

Versos de uma simplicidade que beiram o simplório, mas que, ao serem cantados, tornam-se — como queriam os contemporâneos irmãos Campos, do Concretismo — verbivocovisuais: palavra escrita, voz irradiante e uma presença física que corporificava uma criação artística transformada em marca, lenda, referência, memória nacional.

Versos confessionais, perfeitamente casados com sua melodia — indissociáveis.

Sua poesia, mesmo que fragmentada, vive: nos versos cantados, nos silêncios escritos, nos olhares que ela nunca traduziu por completo, mas que deixavam rastros como tinta sobre a pele.

Maysa era poema em forma de mulher.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/09/2025"



Sinto-me, enfim, segura em minha própria pele.

"Quadro da Senhorita S"

Palavras sussurradas entre páginas e lençóis.

Pergunta do leitor:

“Senhorita S, já desejou alguém que não podia ter — e, mesmo assim, se entregou como se fosse sua última noite?”

Resposta de Senhorita S:

Meu caro, o proibido tem sabor de vinho deramado na pele nua: mancha, aquece e marca. Não se trata de poder ou não... mas de resistir — e às vezes, resistir é o maior pecado. Sim, eu desejei. E desejei tanto, que já nem sei mais se era ele... ou apenas o próprio desejo.

Dica de leitura erótica:

“Delta de Vênus” – Anaïs Nin

Contos sensuais escritos com lirismo e coragem. Anaïs nos convida a explorar o erotismo com delicadeza e intensidade, como quem abre lentamente a porta de um segredo.

Dica de filme:

“9½ Semanas de Amor” (1986), de Adrian Lyne

Um jogo de sedução sem palavras, feito de gestos, silêncios e limites borrados. Um clássico do erotismo visual — para ver com as luzes apagadas e os sentidos atentos.

Vídeo no Youtube:

Do Outro Lado da Janela, Chuva, Frio, Eu... Nua. "Em Resposta Ao Teu Poema", por Tônia Lavínia.



Imagem: cena do filme 9½ Semanas de Amor por Adoro Cinema

LIVRO DA AUTORA

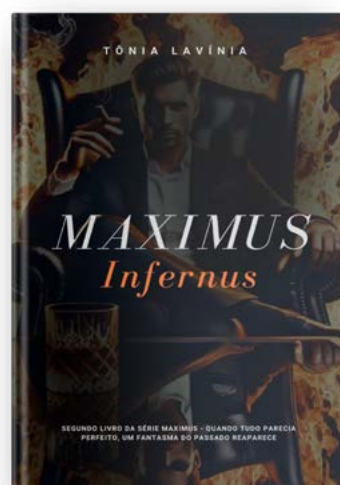
ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

COLONISTA TÔNIA LAVÍNIA

YOUTUBE

KWAI

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poëzie



Poesia



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Poesía



Poesia



Поэзия



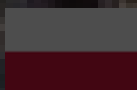
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



رعرشلا



Poesía



Poesía



Poesía



Ποίηση





Edna Lessa



Natural de Fortaleza, Ceará, professora da Rede Estadual de Ensino, professora da rede estadual, escritora e poeta. Graduada em História e Geografia, é especialista em Gestão da Educação Pública e ocupa atualmente a vice-presidência da Academia Tauaense de Letras (ATL). Atualmente, exerce a função de Assessora Técnica na Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM), na Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc). Autora do livro *Para Além de Mim – A Essência do Olhar*, também é co-autora de dez antologias poéticas, com destaque para *Antologia Escritoras Nordestinas* (Editora Casa de Bonecas) e *Mulherio das Letras Portugal – Poesia* (Editora In-Finita, 2021), obras que enaltecem a produção literária feminina no Brasil e no exterior. Colunista da Revista Internacional *The Bard*, compartilha sua escrita sensível e profunda por meio de seu perfil literário – um espaço dedicado a cultivar poesia, provocar reflexões e ressignificar sentimentos através da palavra.

Queridos leitores e leitoras, poetas e poetisas da Revista *The Bard*, é com prazer que lhes apresento a 33ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas.

A Coluna Poetas e Poetisas nasce da arte sublime de transformar sentimentos em palavras, de tecer emoções que tocam profundamente aqueles que se deixam levar pela poesia. Aqui, poetas e poetisas de tempos e lugares diversos se encontram, e um diálogo poético se desenrola livremente, através de versos cuidadosamente esculpidos, revelando o íntimo das almas. Cada linha carrega uma história, um suspiro, uma emoção, uma alegria – convidan-

do-nos, leitores, a mergulhar na experiência intensa e transformadora de sentir.

Aos poetas e poetisas que enriquecem esta edição, minha sincera gratidão pela sensibilidade e generosidade de suas palavras. E a vocês, distintos leitores e leitoras da Coluna Poetas e Poetisas da Revista *The Bard*, desejo uma leitura repleta de descobertas, sensações e encantamento.

Com abraços poéticos,

Edna Lessa



ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



EDNA LESSA

Cidade: Fortaleza

Estado: Ceará

País: Brasil



REDENÇÃO

Olhe em meus olhos
Deixe-me tocar sua alma
Deixe-me abraçar a sua dor
Estou aqui para você
Sempre estarei

Aceite minha mão estendida
Eu te entrego a delicada flor
Símbolo de tudo que renasce
E cresce no jardim do amor

Deixe-me ser refúgio e abrigo
E quando o vento bater forte
Deixe-me ser abraço acolhedor
Para que em mim brote seu sorriso

E que no enlace dos nossos corações
A vida pulse na fortaleza do afeto
E na pureza do amor profundo
Se inicie a jornada da redenção.



COLONAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE





PIETRO COSTA

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



PALADINO SERTANEJO

Chamado ressoa entre gerações,
Histórias de lamentos e litígio,
Seca atroz que fulmina corações,
Despertou vidas, versejar prodígio.

Recitou o povo e suas tradições,
Cultura popular em seu fastígio,
E nas agruras, rimas são orações,
Os saberes ancestrais em prestígio.

E nunca se curvou ao mecanismo,
Da gente sertaneja, foi escudeiro,
Patativa, símbolo de civismo.

Cearense de valor verdadeiro,
Nas sendas tortuosas do lirismo,
Há liberdade no ser desordeiro.



APOIADOR(A) THE BARD

INSTAGRAM



POST NO SITE





RUTE ELLA

Cidade: São Paulo

Estado: São Paulo

País: Brasil

PESSOA EM: RESISTÊNCIA EM LACIO

Sinto-me apavorado pois morreu-me o 'Ser', banal?
Não pelo medo excessivo do 'não viver',
mas excessivamente
perturba-me esta exímia atenção às minhas sensações

Tudo se inquieta e em me incomodando,
instiga o medo
de descaracterizar o pensamento,
se me despersonalizar o verbo, serei menos que
o raio que os derriba como açoites.

Precisa- se de esperança ao tédio do perigo.
Súbito aço vivo.
Ao simples cair da chuva em Lacio,
ressuscito combatente em campos
de batalhas do abismo.

Escorre o homem, eu, no caimento vivo e célere
ao sabor das molhadas gotas- letras,
língua, a última flor delírio.

Sinto-me em choro sobre minhas
páginas imperfeitas,
Mas os vindouros sentirão mais as lágrimas,
que a perfeição
Se conseguisse isto o poeta, escreveria ou se privaria?

O perfeito não se manifesta, e chora então o santo,
o humano
Eu poeta
Um poente pós chuva é um fenômeno intelectual!

INSTAGRAM



POST NO SITE





MARIA LÚCIA

Cidade: Rio de Janeiro
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

NORDESTE, TERRA DA MAGIA

Nordeste é reza feita com os pés descalços na terra.
É rede no alpendre, café passado com cheiro de abraço.
É voz que canta mesmo quando a vida desafina.
É chão rachado que ainda assim floresce.
É mandacaru que ensina resistência.

É mar que embala jangadas e segredos, vento que sopra lembranças nas janelas.
É forró na praça, fogueira em junho,
é cheiro de milho, de chuva que vem.
Nordeste é orgulho que não se dobra.
É beleza que não precisa de enfeite.

Quem pisa nesse chão sente.
Não dá pra explicar...
Nordeste é mais do que lugar, é raiz que segue pulsando...

INSTAGRAM



POST NO SITE





FÁBIO WADYANGA

Cidade: Luanda

Estado: Luanda

País: Angola

KAMOXI

Por Angola adentro e mais ao leste
Existe uma gente que não se afasta da sua ancestralidade
Gente que se abre ao mundo por via da sua idiossincrasia
Gente que guarda em sua língua o arcabouço
de sua história

Por Angola adentro e mais ao leste
Nasce o ano novo na cultura Lunda - Cokwe
Que começa ao nascer do sol matinal nos
primórdios de Setembro
E termina ao raiar do sol no embrião de Agosto
Quando aparecem os guardiões da comunidade
Os emissários dos antepassados
Os protectores da ordem cósmica
Que comunicam a sua gente
A vontade e os ensinamentos dos ancestrais aos viventes

Por Angola adentro e mais ao leste
Existem em média doze Mukixis
Conhecidos por palhaços tradicionais
Pessoas mascaradas surgem na Mukanda e no Txicumbi
para abençoar o povo
Defendendo o último bastião da
ancestralidade Lunda-Cokwe

Por Angola adentro e mais ao leste
Os rapazes na adolescência são convidados
ao universo da Mukanda
Em plena Mukanda são aguardados e recebidos
por amigos de toda a vida
Sangua, Nkamba e Mbalakassa

Por Angola adentro e mais ao norte
As maravilhas prendem o olhar do povo
E a distração de qualquer pessoa atenta
Nos encantos das quedas de Sacapinge no Luau
e no coração do Moxico

A lagoa mítica de Kitexi nas raízes do Uíge
Chama a sua gente para um mergulho a ancestralidade
Tady Dya Ntenxa exhibe ao mundo toda a sua beleza e arte
Esculpidas em blocos de pedras rochosas no coração
do N'zeto e de Angola

INSTAGRAM



POST NO SITE





ARELY SOARES

Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil

NÓ

Moro em um lugar
Onde os pássaros voam alegres
Onde o riso é sol aberto
E os ventos seguem em passos leves,
Nas ruas sonhos partem a voar
E voltam, feitos de um novo olhar.
Palmeiras dançam sua beleza sem par
E a esperança se faz folha a bailar.
Moro em um lugar
Onde o sol quase nunca se esconde,
E os rios acendem suas fontes.
Onde o nó de um laço
Em cada abraço
É sempre mais apertado.
Na paisagem da alma, há tanta região
Mas Nor- deste no coração.

INSTAGRAM



POST NO SITE





J. B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

ELEGIA DAS CINZAS

Levante teu colo, em pestanas úmidas estás ...
Se foi meu lamento tardio.
Olhe aos céus de empoeiradas cinzas,
grito em alma empunhada,
vigora agora minha inútil certeza.

Ah! Tempo, o que fiz em mim por agora?
Ainda guardo teu cheiro, tua sombra
deitada sobre mim,
lágrimas eclipsam! Cego, caminho em teu átrio,
buscarei em ti, minha fuga e esperança.
Lástima tristeza, preencha meus olhares...

Ouvidos só escutam epicédios lacrimosos,
Vozes me perturbam à aflição.
Não há tempo de sepultos de minhas faltas,
uma estife pesa minha própria agonia.
Sangra e crava teu epitáfio tua mera verdade.

Plangente coração, necrópole do meu ser...
Crema minha saudade, salva-me de meus remorsos.
Não há mais tempo em vida,
Nem em meus soluços de razões,
Do que valem por outrora?
Aqui jaz minha ignorância...

Sopra-me Calino tua melancolia,
parvo e tolo conservei,
Regenera Minh' alma aturdida,
cante meu treno, esvazie em mim teu corpo,
toca-me em abraços e arrependimentos,
Dai-me exíguo momento, e diga-me
como hei de morrer...

WOLFBIO



POST NO SITE



05



FABIANA FRANCISCO



Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins..."

Uma vírgula pode mudar tudo. Um ponto final também.

Na curva de uma frase, uma vida inteira. Às vezes, é só disso que uma história precisa para acontecer: de uma pausa, de uma ruptura, de uma escolha corajosa de palavras.

Na dobra de um pensamento, cabe um mundo. Entre uma respiração e outra, há histórias inteiras esperando por um espaço, um risco, um disparo.

Se você é daqueles que escreve nas margens do caderno, no bloco de notas às 3h da manhã, no papel de pão, no guardanapo do café, no rodapé da fatu-
ra de uma conta, no caderno da aula de química — e sente que tem algo urgente querendo

virar palavra — essa coluna é para você.

Se carrega histórias nas costas como quem leva pedras nos bolsos. Se escuta diálogos no ponto de ônibus, no elevador, na fila do pão, e pensa: isso dava um conto. Se tem medo de não saber por onde começar, mas sente que não pode mais calar — essa coluna é tua casa. Aqui, um gesto vale ouro. Um título pode ser tapa. Uma linha, um abismo.

"Nem Te Conto" quer ouvir o que ainda não foi dito. Ou o que foi sussurrado demais para ser notado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/09/2025"

Aqui, menos é muito: com até 300 caracteres, incluindo o título você pode criar: Microsegundos de ficção. Fagulhas de narrativas. Sementes de grandes tempestades.

Estamos em busca de narradores do instante. Contadores de silêncios. Escritores em brasa.

O que buscamos? Minicontos que tremam de tão vivos. Que respirem. Que deixem marcas.

Quem pode enviar? Qualquer pessoa que ousa arriscar uma palavra atrás da outra — mesmo que seja a primeira vez. Especialmente se for. Você tem até onde vai o seu fôlego ou até onde sua história te levar.

Mas lembre-se: 300 caracteres. Nada mais.

Arrisque. Atire. Assopre. A sua história não precisa ser longa para ser inesquecível.

Nem te conto...

Mas quero que você conte.

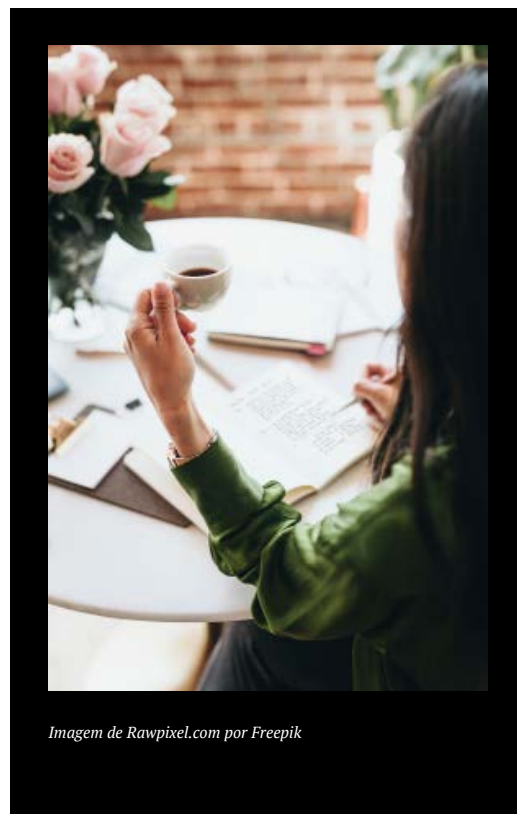


Imagem de Rawpixel.com por Freepik

Microcontos

Apressada Metamorfose

A lagarta corria pela folha, impaciente pelo voo. Ignorou o casulo, pulou etapas, sonhou com asas. Ao pular do galho, caiu. Entendeu, no chão, que até o tempo sabe a hora de voar.

Última gota

Acordaram com o som: chuva. Corriam sem roupa, sem pressa, rindo. A terra bebia como um bicho. Mas era só o vizinho lavando o carro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/09/2025"



Parabéns para quem?

Na sala, o bolo. Três velas. Ela soprou só uma. Era tudo que restava da infância.



Primeiro dia

Na mochila: lápis, caderno, coragem. Na alma: o peso de ser o “novo”. Na primeira página: “Meu nome é Jamile. E não, não é com Y.”



Mapa

No sótão do avô, achou o mapa. Um X gigante sobre um país imaginário. Fez as malas.

Hoje, virou capital de si mesmo.

Orion não voltou

Ela olhava o céu todo dia. Ele prometeu voltar quando “a estrela da cintura piscar”.

Piscou. Mas era só um avião.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/09/2025”

Eco de Infância

Na praça, o menino soltou um riso ao ver o balão subir. Era leve, puro, como vento de verão. A mãe, cansada do dia, sorriu também. Naquele instante, o mundo parou — e tudo parecia possível outra vez.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/09/2025”

Nem Te Conto

Ela entrou, olhos brilhando, coração aos pulos. Sentou ao meu lado e disse: “Nem te conto!” Ficou em silêncio, rindo sozinha. E naquele riso contido, havia mais história do que mil palavras podiam dizer.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/09/2025”

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





MINI Contos

Promessa do chão

Por J.B Wolf

Sol a pino. Chão ferido. A mãe, com os olhos no céu, tecia uma prece em silêncio. O filho, com os olhos no pó, riscava com o dedo um rio teimoso. E o céu, vencido por tanta fé, respondeu primeiro com o cheiro: o aroma sagrado da chuva que bati-
zou a terra antes mesmo de tocá-la.

WOLFBIO



POST NO SITE





Título do seu Miniconto

Seu Nome aqui

Seu miniconto aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE O
SEU MINICONTO



SUA REDE SOCIAL



COLUNAS E COLUNISTAS





Contos

Eu te amo

Por José M. da Silva

O amor é curioso. Tão alardeado, comentado, cobiçado e, no entanto, tão vilipendiado, tão deturpado, tão sacaneado.

Então, pergunta-se aos amados e aos amantes, obrigatoriamente, peremptoriamente, qual a razão do amor e da dor, inseparáveis, às vezes pelo bem, às vezes pelo mal. Não deve haver explicação, se o amor é tão bom, tão desejável, por que destruí meu amor sem um porquê, sem motivo notável, louvável?

No início eram palavras fortes, pesadas, intensas, agressivas, obsessivas, neuróticas, psicóticas, sociopatas, narcisivas, abusivas, um aviso, uma premonição.

Teria sido tudo obra do acaso ou um profundo descaso?

O futuro, um processo obscuro. Na mente, um pensamento insistente cheio de palavras, sons, entonações sem sentido aparente, uma força somente, potente, eloquente, insolente. O gesto, o aceno, o sinal, o tapa, o soco, o choro, o grito, o pedido, por favor, o sangue, o ser exangue. eu te amo. interrupção. Tudo para, menos o pensamento. É preciso prosseguir, ir em frente. A paixão, o sexo, a força, o tesão, o sangue, o ser exangue, o choro, o grito, o pedido, gemidos e gritos, grunhidos, sentidos à flor da pele, sentimentos opacos, razão inexistente, pensamentos insensatos, a força que não esmorece, o ímpeto que não enfraquece, amor e ódio, gozo e vazio, o sangue, o ser exangue. Luzes, câmera, inação, sons, prisão, vozes, algemas, o sistema, o tédio, a preguiça, a desnoção, ambulância, hospital em pleno carnaval, enfermeiras vistosas, médicas gostosas, delegacia, burocracia, conversa, sermão, anotação, tédio, preguiça, pra que tudo isso? Foi só um incidente casual, um acaso existencial, uma briga de casal.

Em casa novamente. Agradável. O silêncio, o medo, a falta, a procura, dinheiro, mais dinheiro, rua, mulher nua, bebida, retorno, novamente, ideia, vaga ideia, homicida, o olhar, a desconfiança, de que não importa. O sangue que sobe, o sangue que queima, por dentro, amor e ódio, mais ódio, sem razão, sem explicação.

Te meto a porrada, pancadas, ruídos, o choro, o grito, o pedido, não, por deus, de novo não, gemidos, grunhidos, sorriso que vira esgar, esgar que vira o terror estampado nos lábios em forma de o. Fica charmoso, por favor, não, por favor, cala a boca, a raiva, mais ódio, a mente que não para, o pensamento que dispara. tudo muito rápido.

A culpa é tua, com essa roupa, quase nua, mas eu, não, por favor. Fica quieta e não reclama. Tem que entender quem te ama, tem que saber quem te manda.

Incompreendido, traído, um ser destruído, corroído, compelido por algo indizível. A cozinha, utensílios, auxílios, a faca, a pulsão, a tentação, a irritação, o tesão, a compulsão, imparável, impublicável, imensurável, imperdoável, o tesão, muito tesão, que delícia, entrega total dentro desse corpo mortal, que é meu, de mais ninguém, desejo fatal, delírio ilegal.

Mãe, pai, que saudade. Queria vocês aqui. Lembro do quintal, da jabuticaba, de tudo que não acaba, de tudo que se foi e eu nem notei. Foda-se. No fim, tudo tem fim. O som da carne perfurada e rasgada é agra-

Eu te amo

Por José M. da Silva

dável, saboroso, cheiroso, tentador. Uma vez, duas vezes, é uma tentação, uma abstração, uma distração. A gente perde a conta de quantas vezes a lâmina entra e sai. Só é nojento, suja a gente. O sangue é quente. O dela, o meu não sei, não experimentei, ainda. Nem sei direito quem eu sou. Se já soube, não lembro. Sou só a força que força a faca, que empurra e puxa, que arrasta, que rasga. Força estranha, força medonha, força desconhecida. Ódio e amor. Tesão e rancor. E o vazio que volta, que sempre volta.

Sinto o chão frio. O tesão foi embora, por ora. Existe só o agora, incerto, desperto. Passou já um tempo, ainda estamos juntinhos, meu amor, eu e você. O que estraga é esse cheiro estranho, esse molhado. Tudo vermelho, o vermelho é bonito, sinto o corpo dormente. Ouço sirenes, batidas, pancadas, vejo a porta ceder, pisadas fortes. quanto tempo faz?

Não sei, agora que pensei nem sei bem em quê, nem por quê. Vai ficar tudo bem porque eu te amo. Mas eu ainda acho que o amor é curioso. Enquanto me levantam, me xingam, me chutam, me pergunto onde está o meu amor, em você ou em mim, no começo ou no fim.

Vejo ao longe a lua, um céu azul. Deitado, inerte, perdido, não sei onde estou, para onde vou. Não importa, acho que acabou, finalmente, a agonia de existir, o tormento de não sentir. O vazio da vida, do gozo, da morte, do pensamento, do eterno momento. A consciência me volta aos poucos, em tons meio roucos, em arroubos, são pedaços de uma vida errática, aleatória, inglória, de uma eterna moratória.

O antes e o depois, nada mais importa, está feito, dei meu jeito. Malfeito, sorriso contrafeito, insatisfeito, o tesão retorna, a vontade, o ciúme, o ódio, o amor, a vontade de punir, o desejo de sentir, a vantagem de ser quem sou, de ser homem, de ser macho, de mandar, de controlar, de forçar, de subjugar, de orar. E o vazio, eterno vazio, um vazio que é cheio de vazio.

Mas agora mal posso me mexer. Estou preso seja no que for isso aqui. Só tenho lembranças, lampejos de lembranças, de andanças, não sei de onde vem esse desejo de vingança. As paredes sujas me olham com desdém, ou será que já estou no além? Que Deus nos proteja, aqui e além. Amém.

Onde está você? Estou sozinho. Com saudade.

Cadê você que não vem me ver? Vou ter que te bater se não aparecer.

Estou com medo. será que vão descobrir nosso segredo? Ó, Deus! Me ajude. Perdoe o que eu fiz.

Mas eu não sei bem o que eu fiz. Então estou perdoado. O senhor é amor. Me disseram, ou mentiram? Me tira daqui, me dar ela de volta. Me solta, não me deixa sofrer. Eu não fiz nada demais, eu pago o dízimo, só peço o mínimo, sou do bem, honesto cidadão, antiga educação. Ó senhor! Não me tire de perto dela. Ela, a mulher da minha vida.

Vida. O que é a vida? Não me deixe sem você, eu não existo. Preciso de você pra ser quem sou. Me desculpa se eu exagerei, me perdoa se eu te magoei.

Estão dizendo que eu te matei. Como matar quem se ama, no cio, no vazio? Eu te amo, na saúde e na doença, na vida e na morte. Para sempre. Já sinto saudades de você, de mim, da doença, da vida e da morte. Seja lá o que foi a nossa sorte.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

53

Por Fábio Wadyanga

Junto a janela quadriculada uma miragem tinha sido avistada de palanque em direcção ao “ASA BRANCA” e muitas vezes, era difícil realizar uma descrição daquilo que ocorria.

Matinalmente, aquela imagem aparecia ao entrar e ao sair do 53, mas não podia chegar as proximidades para ver o que era aquilo que abrilhantava os meus olhos.

Dona Nzadi era uma empreendedora informal de mãos cheias e bastante popular no último reduto do “ASA BRANCA”.

Todas as manhãs ajudava a minha mãe na confecção de gelados de múcua para depois concluir as vendas nos meandros do coração do “ASA BRANCA”.

Levantava às 5h00 da manhã e por volta das 7h30, já tinha o quiosque completamente montado.

Embora, não se enriquecesse naquele mundo; já sonhara em experimentar outros trampolins, mas para perpetrar o referido desiderato faltava um detalhe.....

Desvendar o secretismo por trás da miragem era o meu novo ofício e foi nessa altura que comecei a conquistar a paixão pela ilusão de óptica.

– O que está havendo Ubuntu?

– Nada Mãe!

Apenas estou a fazer alguns cálculos nessa folha; daqui a pouco termino.

– Está bem!

A velha já estava a desconfiar que havia algo errado comigo, todavia preferiu descurar os acontecimentos por causa da confiança que nutria por mim.

Ao longo de seis meses aquela ilusão sumira integralmente do 53 para o meu espanto.

No décimo mês a ilusão reapareceu bem diante dos meus olhos e era a grande oportunidade para descobrir o mistério.

O 53 desembarcava, enquanto abandonava o quiosque. Corri feito um louco para embater no 53 e foi mesmo assim que sucedeu.

Cordialmente, esperei até ela descer e a abordei assim:

– Gostava de provar o melhor gelado do Cazenga e de Luanda?

Ela assentiu e provou o gelado de múcua para a minha alegria. Aproveitando o clima, enchi o peito e fiz a colocação:

– Qual é o seu nome?

– Humbi!

– O meu nome é Ubuntu!

Então, tudo começou desse jeito até ao dia que a gente casou. Já faz cinquenta anos e eu ainda amo a sua avó intensamente; tal como no primeiro dia.

– Obrigado pela história avô, confesso que aprendi bastante com a vossa experiência de vida e espero um dia ter uma relação amorosa longínqua a semelhança da vossa.

Nota: 53 era a designação de um autocarro da firma TCUL (Transporte Colectivo Urbano de Luanda) que fazia a rota Cazenga – Mutamba e Mutamba – Cazenga na década de 80. Asa Branca é a denominação de um dos mercados informais mais antigos de Luanda; localizado no Município do Cazenga, zona periférica de Luanda, desde a época colonial portuguesa até a atualidade.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

O Café Passagem

Por J. B Wolf

Há exatos sete domingos, Luísa observava o homem da mesa do canto. Sempre o mesmo ritual: ele chegava às 10h12, pedia um café sem açúcar e um copo d'água, abria um caderno de capa preta e escrevia ininterruptamente por uma hora e dezessete minutos.

O Café Passagem não era especialmente charmoso ou famoso. Ficava numa esquina discreta do centro antigo, com suas mesas de madeira escura e cadeiras desparelhadas. Talvez fosse justamente esse anonimato que atraísse pessoas como eles, frequentadores de domingo que buscavam um lugar onde o tempo parecia fluir em outro compasso.

Naquele oitavo domingo, algo mudou na rotina de Luísa. Em vez de se sentar à mesa habitual junto à janela, caminhou decidida até o homem do caderno.

— Posso me sentar? — perguntou, surpreendendo a si mesma com a própria ousadia.

Ele ergueu os olhos – castanhos, profundos – e sorriu como se a esperasse há muito tempo.

— Estava me perguntando quando você viria — respondeu, fechando o caderno.

Luísa sentiu um arrepio.

— Você me notou?

— Todos os domingos. Mesa junto à janela. Chá de jasmim. Livro diferente a cada semana.

O garçom trouxe o chá que ela nem precisou pedir. Quando se afastou, o homem estendeu a mão.

— Daniel.

— Luísa.

— Eu sei — ele disse, com uma familiaridade desconcertante.

— Como poderia saber?

Daniel abriu o caderno e o virou para ela. Nas páginas, Luísa viu seu próprio nome escrito dezenas de vezes, em diferentes caligrafias, como se ele estivesse praticando a assinatura de outra pessoa.

— Isso deveria me assustar — ela disse, mas não sentia medo.

— Provavelmente.

— Por que meu nome?

Daniel hesitou, como se escolhesse cuidadosamente as palavras.

— Você acredita em vidas passadas, Luísa?

Ela nunca havia pensado seriamente sobre isso.

— Não sei.

— E em vidas futuras?

O Café Passagem

Por J. B Wolf

A pergunta a pegou desprevenida. Daniel continuou:

— Venho aqui todos os domingos há três anos. Escrevo sobre uma mulher chamada Luísa que conheci num café. Sete semanas atrás, você apareceu.

— Isso é impossível.

— Concordo.

O silêncio que se seguiu foi preenchido pelo barulho das xícaras e conversas distantes. Luísa deveria levantar-se e sair. Qualquer pessoa sensata faria isso. Em vez disso, perguntou:

— Posso ver o que escreveu?

Daniel empurrou o caderno em sua direção. Luísa começou a ler e sentiu o mundo ao redor desaparecer. As páginas descreviam detalhes de sua vida que ninguém poderia saber, o ponto de nascença atrás da orelha esquerda, o medo de trovões, a coleção de miniaturas de faróis escondida em uma caixa de sapatos. Mas havia mais. O caderno continha cenas de uma vida que ela ainda não vivera, uma viagem a Lisboa, um apartamento com vista para o mar, uma filha chamada Clara.

— Como...? — ela começou, sem conseguir formular a pergunta completa.

— Não sei — Daniel respondeu com sinceridade. — Só sei que escrevo o que vejo, e vejo o que ainda não aconteceu.

Luísa fechou o caderno e o devolveu. Suas mãos tremiam levemente.

— E agora?

Daniel sorriu novamente, aquele sorriso que parecia conhecer segredos do universo.

— Agora pedimos outro café. E deixamos o tempo decidir se sou um louco com sorte ou se há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha nossa filosofia.

Luísa assentiu. Afinal, era domingo. E domingos sempre foram feitos para possibilidades.

WOLFBIO



POST NO SITE





Contos

“Duendes”

Por Andrea Ríos

Eran las siete de la tarde cuando ingresamos a la antigua sala de teatro. Varios testigos habían indicado haber sido atacados por duendes mientras se estaba exhibiendo una película o mientras algún asiduo lector permanecía en la antigua biblioteca del lugar. Lo que estaba claro, es que estos seres se habían encariñado con el antiguo teatro, y no parecían dispuestos a compartirlo. Mientras el equipo instalaba las cámaras para grabar, algo tiró fuertemente de mi chaqueta, al mirar de reojo pude ver al pequeño ser que descansaba sobre una viejas máquinas de escribir, el terror se apoderó de mí y creí perder la razón cuando me sonrió mirándome fijamente. De inmediato pensé que nadie creería mi historia sobre estos elementales, pero al ver a mis compañeros huyendo del brutal ataque con cientos de libros que les arrojaban invisibles manos contra sus cabezas, comprendí la suerte que había tenido con el menos violento de ellos. Del elemental que me sonrió, solo diré que cada vez les temo menos, ahuyenta mis pesadillas y hasta me dijo su nombre, acordamos no exorcismos, mientras me cuenta sus historias.

“Duendes”

Por Andrea Ríos

“Duendes”

TRADUÇÃO

Eram sete da tarde quando entramos na antiga sala de teatro. Várias testemunhas afirmaram ter sido atacadas por duendes enquanto assistiam a um filme ou enquanto algum leitor assíduo permanecia na antiga biblioteca do local. O que estava claro era que esses seres se apegaram ao antigo teatro e não pareciam dispostos a compartilhá-lo. Enquanto a equipe instalava as câmeras para gravar, algo puxou meu casaco com força. Ao olhar de soslaio, pude ver o pequeno ser que repousava sobre uma velha máquina de escrever. O terror tomou conta de mim e pensei que fosse enlouquecer quando ele sorriu para mim, olhando fixamente. Imediatamente pensei que ninguém acreditaria na minha história sobre esses elementais, mas ao ver meus colegas fugindo do ataque brutal com centenas de livros que mãos invisíveis jogavam contra suas cabeças, compreendi a sorte que tive com o menos violento deles. Sobre o elemental que sorriu para mim, direi apenas que cada vez tenho menos medo deles, ele afasta meus pesadelos e até me disse seu nome. Combinamos não fazer exorcismos, enquanto ele me conta suas histórias.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





CRÔNICAS

TIQUIRA, A CACHAÇA ROXA

Por Fabíola Fabrícia Oliveira

A Tiquira é uma cachaça artesanal, oriunda dos Estados brasileiros Maranhão, Piauí e Ceará. A bebida possui uma cor roxa, um forte teor alcoólico que varia de 38% a 56 %. A sua composição é dada a partir da fermentação da mandioca destilada artesanalmente, esse efeito torna-a diferente das outras cachaças que tem como base a cana-de-açúcar.

Apesar de ser incolor, a tonalidade roxa da cachaça é adquirida através do acréscimo de ingredientes naturais durante o processo de feitura, essencialmente com as folhas e flores de tangerina após a destilação da mandioca fermentada. Essa ação da infusão na bebida resulta em uma coloração que varia entre a cor lilás, azul claro ou em algumas vezes rosa-arroxeadas.

A cachaça é muito consumida no Estado do Maranhão, e por lá há uma lenda que após beber três ou quatro doses de Tiquira, a pessoa não pode tomar banho ou molhar a cabeça, pois corre o risco de morrer ou ficar com confusão mental. Os adeptos do aperitivo também são alertados que o consumo exagerado pode ser perigoso.

Independente das controvérsias que giram em torno da cachaça, a bebida tem um sabor único, marcado pela leve doçura da mandioca, transformando-a em autêntica e peculiar.

INSTAGRAM



POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD



CRÔNICAS

ESTAMOS VIVOS...

Por Stella Gaspar

Li uma linda frase, que ressoa como um convite, ela diz assim: “Viver a eternidade dos melhores momentos”. Estamos vivos, mesmo com culpas, medos e angústias, o ontem se foi, o sonho de hoje é outro. O amanhã, deixa chegar.

Estaremos sempre nos descobrindo, procurando saber quem somos, de onde viemos, para onde vamos. São questões sem respostas imediatas, que constituem mergulhos no mundo das profundezas vitais.

Estamos vivos; é lindo descobrirmos as luzes naturais do mundo, as cores e os movimentos, as belezas despercebidas, os caminhos ladeados por árvores, fotografando tudo com as lentes dos olhos da nossa alma. Ah! Somos privilegiados em assistir ao desvelar das borboletas coloridas, no silêncio que acaricia a nossa audição. As manhãs podem ser ideais, com um café da manhã favorito, estando em harmonia com todas as estações em nós.

Belezas e alegrias e muita energia, viver é mágico, como aquele momento em que sentimos que nossos braços se transformam em asas e voamos. Viver é crescer, evoluir, fazer história, sonhar, romper com os pesos e amar, vivendo a nossa inspiração, viver bem, sabendo caminhar com a arte da sabedoria.

Existir, persistir. Como escreveu Sêneca: “Na vida, todas as classes estão sujeitas a mudanças, e tudo o que acontece a você.” Além disso, como as coisas vêm e vão, ninguém deveria se sentir excessivamente confiante quando tudo vai bem, nem desistir quando tudo vai mal.

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

ICEBERG

Por Neri Luiz Cappellari

Porque escrevo? Já me perguntei muitas vezes a esse respeito. Quando escrevo, dispo-me e me mostro por inteiro. Não existem curvas, não existem subterfúgios, não existem meias palavras; mas, sim, existe uma linha reta entre o meu coração e as diversas formas com que pretendo tocar as pessoas e a mim mesmo. Às vezes, escrevo pela simples necessidade de desabafar. Às vezes, é para me posicionar no mundo. Às vezes, é para compartilhar uma conquista. Às vezes, é por me sentir sozinho. Com isso, eu tenho a certeza de que, através das palavras, eu posso dizer para mim mesmo: olha, estou vivo...eu existo. É com a escrita que eu consigo submergir do meu mundo interior e me conectar com o mundo exterior.

Algumas pessoas, quando sentem necessidade de desabafar, de suprir uma carência, de amenizar a solidão ou de compartilhar uma conquista, fazem-no das mais diferentes formas. Umas choram, outras rezam, outras ainda abrem seu coração com um amigo. Enfim, todas procuram uma válvula de escape para estarem bem consigo mesmas. Já, eu, vou catando as palavras aqui, ali, e elas vão dando significado aos desencontros do meu dia a dia. A minha solidão seria insuportável, as minhas histórias seriam vazias, até as estrelas mais longínquas com que já sonhei de nada valeriam se eu não tivesse alguém para compartilhar esses momentos.

É através da escrita que eu consigo emergir e me conectar com as pessoas para poder respirar. Quando eu falo em subir à superfície, quero dizer mostrar o meu lado mais vulnerável, mais denso, mais sombrio, mais amargo, mais doce. É nesse momento que eu me vejo como um iceberg. A minha imagem é aquela da sua parte menor, que fica acima da superfície. É a parte visível aos nossos olhos. Contudo, é uma imagem rasa, sem foco que reflete muito pouco do meu eu. A minha outra imagem, a parte submersa desse imenso gelo, isto é, a parte invisível, este é o meu eu em alta definição, em technicolor. Essa imensa massa de gelo submersa é a que verdadeiramente nos define como pessoas, e, para mim, às vezes, liberta-me, às vezes, aprisiona-me, às vezes, sufoca-me.

Mostrar-me por inteiro é uma forma de me conectar com o mundo, de aliviar as tensões, de soltar as amarras, de me libertar...de nos libertar. Podemos viver situações idênticas, mas reagimos de maneiras diferentes de acordo com nossas

experiências de vida. O sofrimento depende muitas vezes de nossas reações aos acontecimentos e não aos fatos em si. Não somos uma ilha, estamos juntos, interligados. O mesmo oxigênio que respiro é o mesmo que todos nós respiramos. Como não nos aprisionarmos em nós mesmos se não dermos a chance das pessoas nos conhecerem. Precisamos nos libertar das paredes que criamos ao nosso redor.

Escrever é o momento de cumplicidade de quem escolhe as palavras e de quem as lê. Escritor e leitor se espiam, entregam-se, interagem, trocam confidências, vivem experiências sem censuras. É nesse momento de reflexão que ambos mergulham na parte dentro de si. As palavras fazem a conexão entre os dois. É o tempo que o escritor convida o leitor para compartilhar a sua ceia, a sua loucura, a sua solidão, a sua carência, e juntos alcançam a outra ponta, mais profunda, submersa do iceberg.



APOIADOR(A) THE BARD

FACEBOOK



POST NO SITE





CRÔNICAS

DESPOSITIVIDADE

Por José M. da Silva

Pedi a uma amiga que revisasse e comentasse um livro de poemas que estava preparando para publicação. Muito generosamente, ela não se furtou à tarefa e anotou pontos essenciais que me ajudaram a decidir sobre a versão final do projeto. Professora de língua portuguesa e literatura que é, não me cabe discutir a parte "técnica" do que ela apontou; aceita-se e fim. Uma observação, entretanto, me chamou a atenção, e acho que vale registro.

Ela percebeu o tom sombrio – talvez mórbido ou pessimista – que permeava os poemas. Expliquei que, naquele caso, tudo tinha a ver em grande parte com o período pandêmico em que os poemas foram concebidos. A rigor, meus poemas muitas vezes giram em torno de temas um tanto quanto pessimistas, depressivos e negativos. Não sei a que atribuir essa tendência de falar sobre o incômodo da existência, a desilusão, o desespero e até mesmo a morte. Disse-lhe resumidamente que não encontrava muito valor na alegria; sempre achei que o sofrimento traz mais aprendizado que a felicidade. Afinal, o que se pode aprender com momentos felizes? Penso que não muita coisa. E prefiro nem falar da praga atual de mensagens motivacionais e dessa onda exacerbada de positividade tóxica.

Seja como for, ela sugeriu que eu levasse em conta a sugestão de escritores consagrados, dentre eles Shakespeare, que se utilizava do comic relief [alívio cômico] em suas obras. Assim, o conjunto de minha produção ficaria menos "pesado". Filosoficamente, concordo com ela. Em um mundo já deveras complicado e assombrado por situações problemáticas e ameaçadoras, por que ler poemas que são, em essência, ácidos e que fazem alusão ao caos reinante em grande parte da humanidade? Por que potencializar sentimentos negativos que minam a pouca resistência emocional ainda existente? A resposta – mais pragmática – que lhe ofereci tem dois caminhos.

Em primeiro lugar, devo dizer que já escrevi muitos poemas e contos com o tal comic relief. Acho interessante, do ponto de vista da estrutura narrativa, a ideia do alívio cômico. Só não acho que deve ser uma tônica. Da mesma forma que não acho que qualquer outro recurso estilístico deve ser uma tônica. Se não me engano, Cowper postulava: variety is the spice of life [a variedade é o tempero da vida]. Mas

um mero aprendiz de escritor como eu não pode teorizar sobre o assunto. Considero a ideia do alívio cômico bastante válida e já a utilizei diversas vezes, mas, quanto mais não fosse, acho que não se adequaria ao livro que minha amiga revisou.

Em segundo lugar, trata-se de uma questão pessoal. Ou emocional. Ou existencial. Já escrevi muita coisa "alegre", mas alegria não é o que vejo por aí desde que me entendo por gente. Vejo guerra, corrupção, assédio, violência, morte, doença, estupro, homofobia, racismo, abuso, agressividade, assassinato, exploração, impunidade e tanta coisa ruim que fica difícil para meu "eu lírico" escrever algo positivo, "pra cima". Não que eu pregue a desilusão, o derrotismo, nada disso. Só acho que o artista – perdão pela prepotência – também tem o dever de mostrar o "lado sombrio da força". Não se trata exatamente de negatividade; trata-se de, digamos, despositividade. Admiro e respeito quem escreve com júbilo, mas penso que, no mundo atual, a positividade excessiva torna-se bastante tóxica e não condiz com toda a fome, repressão e opressão do resto do mundo fora de nossa bolha privilegiada. Sei que meus textos dificilmente serão lidos, mas sinto que preciso deixar registrado o que penso. Em relação a meu país, a meus semelhantes, a mim mesmo e a tudo que me cerca. Suponho que muitos escritores, pensadores, filósofos, músicos, pintores e cineastas hoje famosos um dia passaram pelo mesmo dilema: falar ou não falar o que pensavam em relação ao mundo em que viviam. Não que eu me iguale a eles, mas vai que alguém resolve me ler um dia... Que uns escrevam em tons maiores e outros em tons menores. A arte fica mais equilibrada, a meu ver.

Lamento dizer, amiga, mas este mundo, em sua versão atual, não tem lugar para muito comic relief. Ao menos para mim. Deixo para outros a tarefa de discorrer poeticamente sobre a tal alegria de viver. Sorry.



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"



33^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade"

**34^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 03 DE AGOSTO À 21 DE SETEMBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

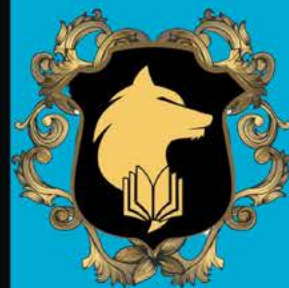
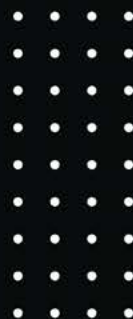
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*
- *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| ✓ Direitos Autorais | ✓ Direito Civil |
| ✓ Propriedade Intelectual | ✓ Direito Empresarial |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito da Saúde |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito Administrativo |
| ✓ Direito Trabalhista | ✓ Contratações Públicas - Licitações |

Contatos:

☎ 61-98479-6687

✉ adv.lilianbarbosa@gmail.com

📷 [@advogada.lilian](https://www.instagram.com/advogada.lilian)





VALLETI
BOOKS

Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨

CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM

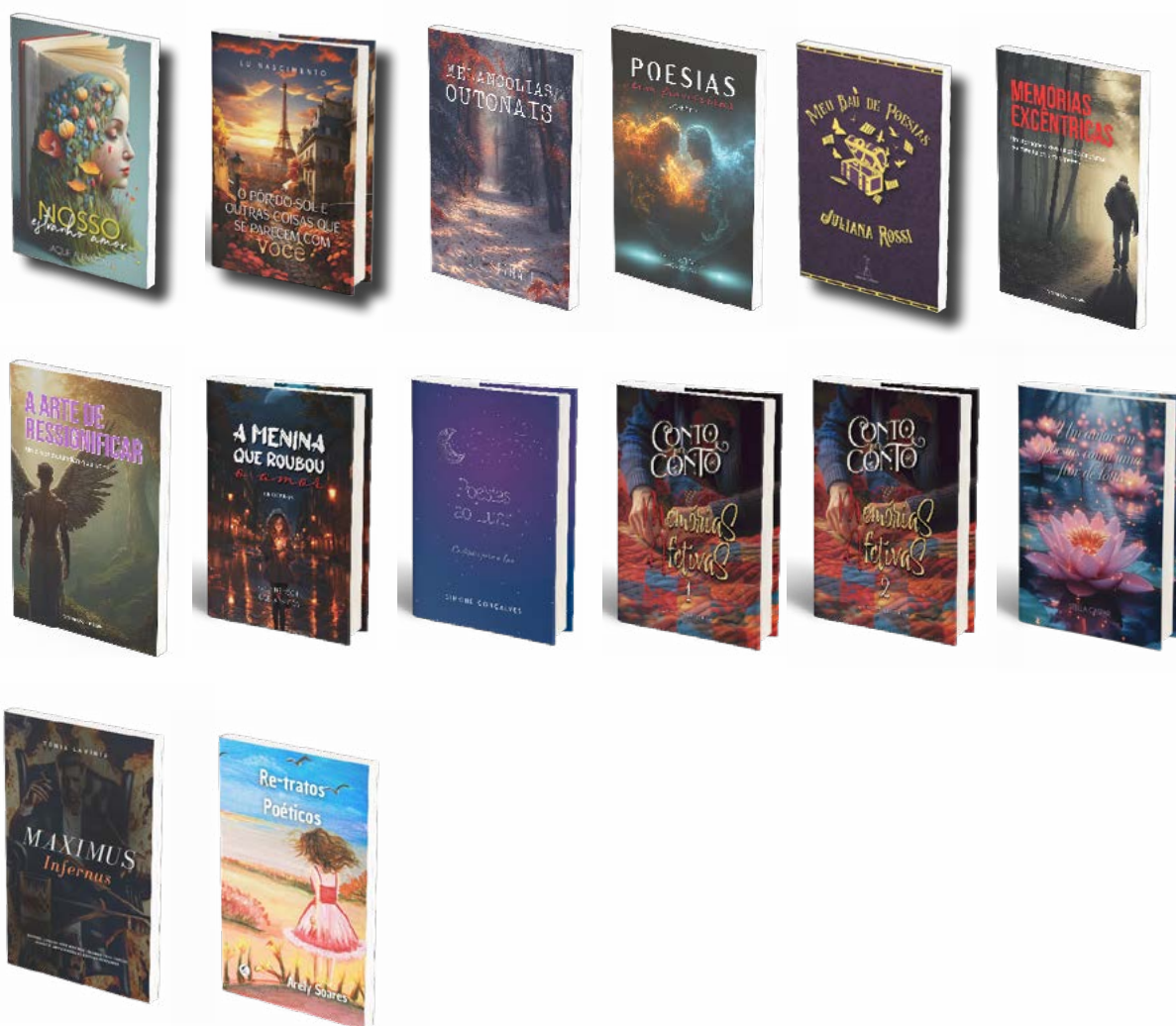


WHATSAPP



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPAR, nascida em João Pessoa - Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO “Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade — marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO

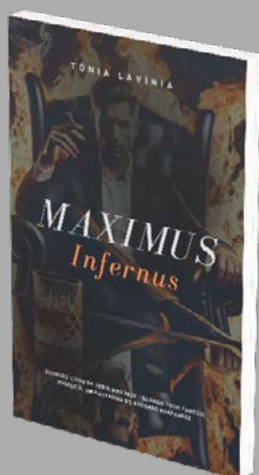


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



TÔNIA LAVÍNIA é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.



Maximus é a personificação da sofisticação, vivendo entre a beleza das telas raras, esculturas icônicas, livros que guardam segredos e a música clássica que embala sua alma. Em Milão, ele é um homem de poder e mistério, mas seu mundo perfeito é abalado quando surge Lorde Sinclair, um vilão sedutor e sensual, cheio de desejos libertinos. Sinclair, movido pela luxúria e pelo desejo de poder absoluto e vingança, é um homem que usa sua sensualidade como uma arma para manipular e conquistar. Sua maldade é disfarçada por um charme irresistível, e ele vê no caos e no sofrimento dos outros um prazer profundo. Ao contrário de Maximus, Sinclair não ama, ele deseja e sua obsessão por vingança envolvendo um jogo perigoso de dominação e controle. Enquanto Maximus luta para proteger seu mundo e os segredos que tanto valoriza, ele percebe que Sinclair está disposto a destruir tudo o que ele construiu. A paixão de Sinclair não é de amor, mas de domínio. Maximus Infernus é uma história de luxúria, poder e traição, onde os desejos mais sombrios se entrelaçam com as complexas emoções humanas, e o vilão não tem limites para alcançar o que deseja.

SITE



UICLAP

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



ARELY SOARES REIS é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Re-tratos Poéticos, Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Mia Koda

**Acesse os links
clicando no botão abaixo**



Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.

Clique aqui



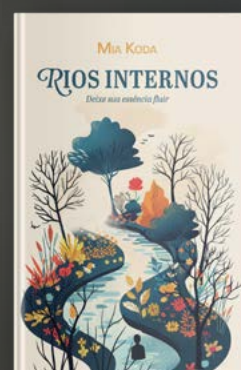
Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.

Clique aqui



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui



COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

Clique aqui



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Poesia - o lugar encantado das crianças
História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

 **amazon.com.br**



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

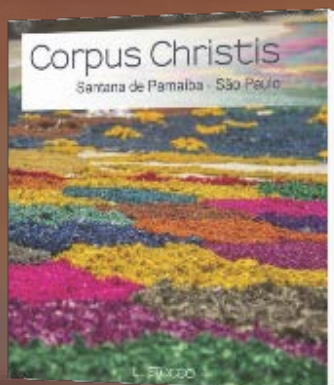
**Acesse o link
clcando na capa do LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Vanina Sigrist

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



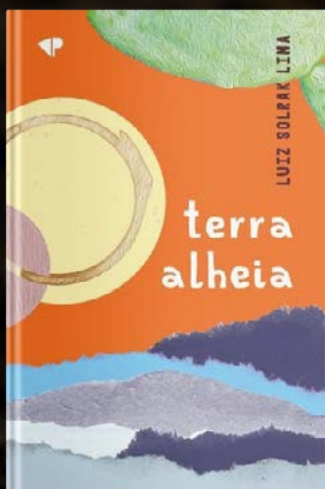
COLUNA

Escritor

Luiz Solrak Lima

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

**Livro Terra alheia
de Luiz Solrak Lima**



Terra Alheia é um lembrete poético de como mudanças podem ser necessárias ao mesmo tempo que transformadoras. E essas transformações demanda de cada indivíduo perdas e ganhos na sua estrutura cultural composta de sua linguagem, de seus costumes e de sua ligação com a terra natal. Com isso o livro faz um convite poético para sentirmos o saudosismo, o estranhamente espacial e o estado crítico dos múltiplos eus-líricos que compõem os poemas. O livro, no seu ano de lançamento, ganhou o Prêmio Cultural de Americana -SP 2023 e o Prêmio Destaque Cultural de Americana-SP 2023.

Clique aqui

**Livro Carne, suor e sangue
de Luiz Solrak Lima**



Neste romance de carne exposta e alma ferida, Luiz Solrak Lima escreve com sangue o destino de Janaína e Geane. Personagens que sangram, amam e resistem em silêncio. Nos corredores de um casarão esquecido ou nas ruas, sua dor ecoa nos passos de Geane, criança que é espelho físico da mãe, extensão silenciada de um passado que insiste em arder. Uma narrativa cortante sobre corpos usados, silenciados. Ler é tocar o grito que nunca foi ouvido.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

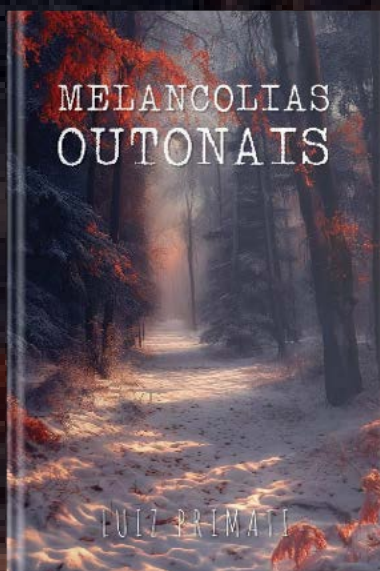
THE BARD

Escritor

Luiz Primati

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro “Melancolias Outonais”
de Luiz Primati**



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

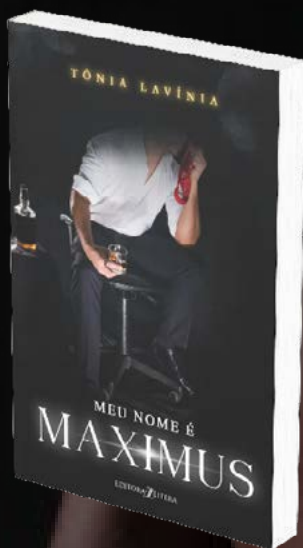


COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um homem italiano apaixonante... Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador. Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas. Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte. Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz: Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade. Acredite, se você não quer, ele faz querer. Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história. Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição... O universo de Maximus.

Clique aqui



Maximus personifica sofisticação, cercado por arte, literatura e música clássica em Milão. Seu mundo perfeito é ameaçado por Lorde Sinclair, um vilão sedutor que usa sua sensualidade para manipular e busca vingança. Enquanto Maximus defende seus segredos, Sinclair quer destruir tudo que ele ama, transformando a paixão em dominação. "Maximus Infernus" explora luxúria, poder e traição, onde desejos sombrios se entrelaçam com emoções humanas.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



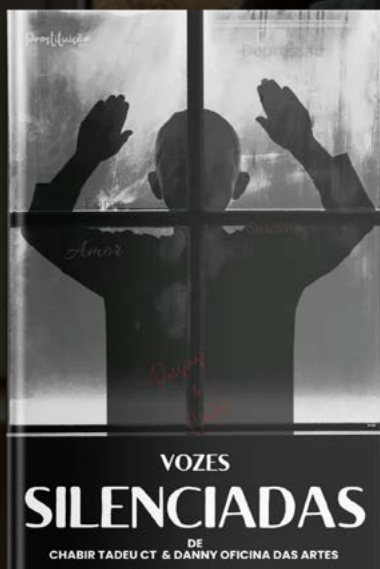
COLUNA

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes. "Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Sueli Lopes

Acesse o link
clicando no botão abaixo



Nossos Outonos: Uma analogia entre os ciclos da vida e as estações do ano, adornada de crônicas e ilustrações do outono, nos vilarejos ingleses e nos parques londrinos. Nessa jornada, há um convite e sugestões a você, leitor, para desvendar o lugar das histórias, onde a escrita é o recurso que determinará o seu percurso das águas. Que você saia da ilha. Seja qual for o seu deserto, traga água a ele, comece pela escrita. Ela é o início da materialização de suas ideias. Deixe fluir, pois suas ondas irão amenizar a seca de afeto que invade o mundo. Bem-vindo/a ao oceano de metáforas, ao mar da catarse. Bem-vindo-a às ondas que amenizam os desertos da humanidade.



Crônicas do Aqui e Agora: Crônicas criadas no ordinário, no simples, no cotidiano, com destaque à nossa forma de ver o mundo, tão inerente às nossas crenças, fé, alma, capacidade de contemplar. Uma sugestão de que os lugares que frequentamos e a forma que os enxergamos, são uma excelente fonte de escrita, e das mais afetuosas. As crônicas transitam entre a Estação de St Pancras, Londres, à travessia literária do Rio Tejo, Lisboa. Uma excelente fonte de escrita humanizada.



Rubem, Um Gato Descolado: o túnel secreto: Rubem é um ex-gato de rua, adotado por um milionário e culto senhor londrino, de quem se torna herdeiro. Ele descobre um túnel secreto, um portal, que lhe dá poder para viajar no tempo e no espaço, nos levando, de forma bem lúdica, ao encontro de escritores, histórias e lugares incríveis. "O Gato que viajara no tempo e no espaço" é um gato intelectual, descolado, que adora livros e visitas culturais. É caridoso, tem muita compaixão e se interessa pelo resgate de animais abandonados. A história mostra como é importante fazermos as pazes com a nossa própria história de vida, e muitas respostas que Rubem busca, só vai encontrar na literatura, em seus encontros com Ernest Hemingway, Bukovski, Allan Poe e Guimarães Rosa.



A Alma dos Lugares, a Memória Ancestral e os Cinco Sentido: um jeito afetuosos de fazer turismo literário e cultural: Crônicas de turismo literário na França, Inglaterra e Portugal. Quando o escritor se envolve com a alma do lugar, não escreve apenas sobre a paisagem que vê, mas também sobre as camadas invisíveis que compõem aquele espaço. O lugar se transforma em personagem, a história local dialoga com a experiência individual, e o resultado é uma narrativa profundamente humanizada, que conecta leitor, escritor e espaço de forma íntima. Ao explorar a alma dos lugares, descobrimos também partes ocultas de nós mesmos. E ao escrever sobre esses lugares, damos voz às histórias que eles contêm, perpetuando suas memórias e, de certa forma, reescrevendo nossa própria história, enriquecida pela troca e pelo encontro.

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Stella Gaspar

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Um amor em poesias
como uma flor de lótus
de Stella Gaspar**



“Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



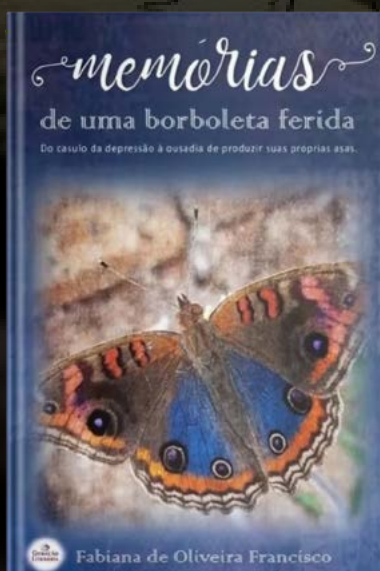
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida
de Fabiana Francisco**



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



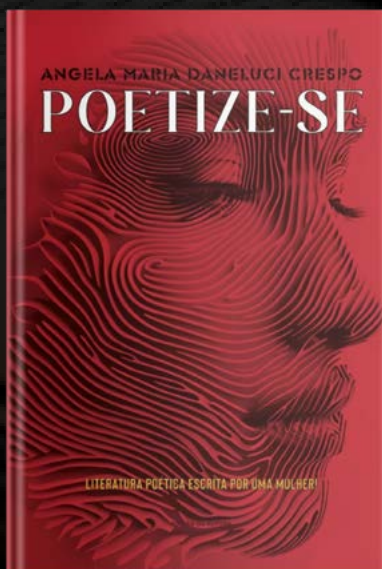
COLUNA

Escritora

Angela Daneluci

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Poetize-se
de Angela Daneluci**



Em "Poetize-se", somos convidados a embarcar numa jornada através das palavras, quando a poesia se torna um espelho das nossas próprias emoções e experiências. Neste livro, cada verso é uma porta aberta para o universo íntimo da autora, que nos guia por paisagens emocionais profundas e reflexões que tocam o cerne da nossa humanidade. Com uma linguagem lírica e sensível, a autora revela a beleza escondida nos detalhes do cotidiano, transformando o ordinário em extraordinário através da magia das palavras. "Poetize-se" não é apenas um convite à contemplação, mas também uma celebração da vida em todas as suas nuances, da alegria efervescente à melancolia sutil. Cada poema é uma pequena joia lapidada com cuidado e dedicação, transmitindo uma gama de sentimentos que ressoam com o leitor, tocando-o profundamente. Com uma voz única e autêntica, a autora nos leva a explorar os mistérios da existência e a descobrir a beleza escondida nos recantos mais obscuros da alma.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

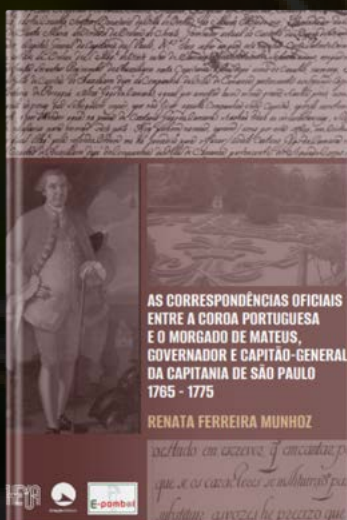


COLUNA

Escritora

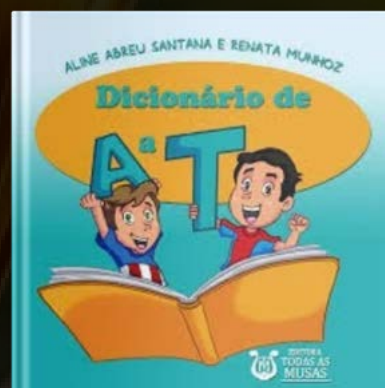
Renata Munhoz

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portuguesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretudo do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos versando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos. Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de textos curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.



COLUNAS E COLUNISTAS



Espaço

VITRINE

THE BARD



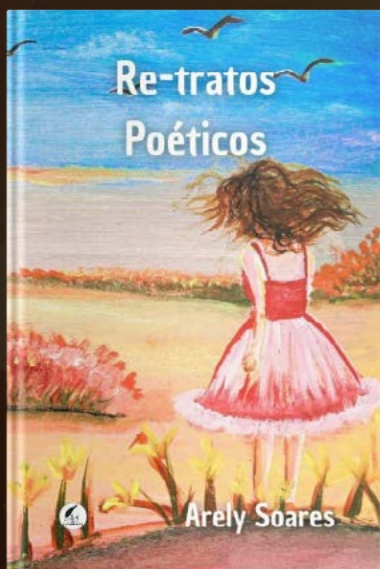
COLUNA

Escritora

Arely Soares Reis

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Re-tratos Poéticos
de Arely Soares**



Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

Clique aqui



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"



33ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"

34^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE 03 DE AGOSTO À 21 DE SETEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.